

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO NEOLIBERALISMO

Deleuze e Guattari

Antônio Sérgio Borba Cangiano

EDITORA METRICS

Antônio Sergio Borba Cangiano

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO NEOLIBERALISMO

DELEUZE E GUATTARI

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2022

Copyright © Editora Metrics

Arte da capa: Carlos Rique Fernandes
Fotografia: João Domiciano
Revisão: O autor

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C222c Cangiano, Antônio Sergio Borba
A construção da subjetividade no neoliberalismo : Deleuze e Guattari / Antônio Sergio Borba Cangiano. - Santo Ângelo : Metrics, 2022.
193 p.

ISBN 978-65-5397-053-3
DOI 10.46550/978-65-5397-053-3

1. Filosofia. 2. Neoliberalismo. I. Título

CDU: 1

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

2022

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora Metrics
Todos os direitos desta edição reservados pela Editora Metrics

Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

https://editorametrics.com.br

Conselho Editorial

Dr. Charley Teixeira Chaves	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dra. Cleusa Inês Ziesmann	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dra. Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana	UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordelin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral	IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
Dra. Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BA, Brasil
Dra. Mércia Cardoso de Souza	ESMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueredo Franco	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dra. Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
Dra. Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a roseira pra lá.
(Música Roda Viva, Chico Buarque)

Dedico este livro, *post mortem*, a dois filósofos de vida, foram eles quem me incentivaram e me despertaram para a filosofia. Do primeiro carrego afetos alegres e de lutas, meu companheiro de pensamentos e lutas políticas desde 1980, até sua morte. Dedico a Everardo Nóbrega de Queiroz, nascido em 23 de março de 1945 e falecido em 22 de maio de 2008. Do filósofo mais recente tenho as melhores lembranças de companheirismo, amizade, infinitas conversas e momentos de muita generosidade, amor e hospitalidade. Foi ele quem me motivou a retornar à academia, a aceitar o desafio de produzir esta dissertação, e agora livro, dado que eu cursava suas aulas como aluno especial. Eu cursava as aulas de filosofia apenas pelo meu amor a ela, tida como um dos saberes que me sustentam no plano da existência, até os dias de hoje. Dedico ao filósofo Miroslav Milovic, nascido em 25 de fevereiro de 1955 e falecido em 11 de fevereiro de 2021, vítima da Covid 19.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....13

APRESENTAÇÃO 19

INTRODUÇÃO 21

Capítulo 1 - A FILOSOFIA DA VIDA PARA PENSAR O MUNDO 33

1.1 Porque Deleuze e Guattari? 33

1.2 As univocidades subjetivas de tipos personais.....40

1.3 Os acontecimentos na era digital 44

1.3.1 A produção de univocidade intersubjetiva 44

1.4 Agenciamentos das mídias digitais.....53

1.4.1 O virtual e o atual 53

1.5 Pensar o espaço estriado do neoliberalismo 62

1.5.1 O que é pensar para Deleuze e Guattari? 67

1.6 Filosofia, arte e ciência na geopolítica neoliberal 69

1.6.1 O que é filosofia? Pensar, esquizo, pensar... 74

1.6.2 Conceitos ou crenças 77

Capítulo 2 - QUE MUNDO HABITAMOS? A TERRITORIALIZAÇÃO CAPITALISTA 85

2.1 Existe legitimidade dos fundamentos neoli-berais?.....85

2.1.1 Quid facti? Quid juris? Quid vitae? 86
2.2 Axiomática do capital 95
2.3 Sociedade de controle 110
2.4 Como vivemos em sociedade? 123
2.5 Onde vivemos? 131
2.6 Como habitamos a terra? 137
2.7 Como vivemos no Estado? 143

Capítulo 3 - O QUE É POSSÍVEL PENSAR EM NOSSA IMANÊNCIA? 149
3.1 Máquinas de guerra 150
3.1.1 Sobre a máquina axiomática neoliberal 152
3.1.2.1 Crenças e fundamentos 153
3.1.2.1 A gaiola sistêmica 162
3.2 Máquinas de capturas neoliberais 164
3.3 Máquinas de rupturas 165
3.4 O que nos move? 171
3.5 Desejo e imanência 172
3.6 A pandemia e os agenciamentos 178

CONSIDERAÇÕES FINAIS 181

CONCLUSÕES IMANENTES 187

REFERÊNCIAS 189

PREFÁCIO

Compreender o presente para construir armas que tornem o futuro possível

Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

Gilles Deleuze, "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle", L'Autre Journal, nº 1, maio de 1990, in: Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 220.

Em que tempo vivemos? Em que mundo vivemos? Podemos encontrar na filosofia ferramentas que nos permitam pensar e agir neste mundo e neste tempo? Estas perguntas – além de outras, da mesma natureza – animam este livro, que pretende problematizar nosso presente, convidando-nos para uma ação que não seja apenas conforme a máquina social instituída, mas comprometida com sua transformação. O que significa, também, a transformação de nós mesmos.

Já é lugar comum a afirmação de que vivemos sob o neoliberalismo. Diferentes autores debruçaram-se sobre o tema, com análises produzidas a partir de distintas orientações teóricas. Na perspectiva filosófica com a qual mais nos comprometemos (e tomo a liberdade de colocar o autor deste livro junto comigo) foi por certo Michel Foucault quem mais se aproximou do tema, explorando-o mais diretamente em dois de seus cursos no Collège de France. Em 1978, no curso *Segurança, território, população*, o filósofo analisou os movimentos e condições que levaram à constituição dos Estados europeus modernos, processo que ele denominou governamentalização do Estado, que se desenvolveu de forma intrinsecamente articulada com o liberalismo e sua atualização, o assim chamado neoliberalismo. Na analítica foucaultiana, a configuração contem-

porânea do Estado democrático é sinônimo de neoliberalismo e vice-versa. Em seu curso do ano seguinte, *Nascimento da biopolítica*, Foucault analisou com maior centralidade o neoliberalismo, em sua vertente alemã e em sua vertente americana.

As análises de Foucault dão conta das emergências e do longo e complexo processo histórico que permitiu a constituição da forma política dominante de nosso tempo. O filósofo mostra que as sociedades disciplinares, que ele havia estudado a fundo, foram se transformando em sociedades centradas em outra tecnologia de poder, que não suplantava o poder disciplinar, mas o englobava e ia além, o biopoder, agora uma forma de governar as populações e não apenas os indivíduos. No período posterior àquele do predomínio das sociedades disciplinares, Foucault identifica as sociedades que se organizam em torno na necessidade de segurança. São essas sociedades que Gilles Deleuze, por sua vez, denominará "sociedades de controle". No curto texto que dedicou a essa questão em 1990, ele escreveu que: "o marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça imprudente de nossos senhores. O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado" (*Conversações*, Ed. 34, 1992, p. 224).

Se as análises de Foucault, preocupadas em compreender historicamente a constituição de nosso presente, datam do final da década de 1970 (e lembremos que o filósofo morreria pouco tempo depois, em 1984), a caracterização de Deleuze é de 1990. Lá se vão três a quatro décadas desde que os dois filósofos franceses se debruçaram sobre o tema da sociedade neoliberal. Neste tempo, tal sociedade se consolidou e avançou, mas guardou as principais características que estes dois pensadores, argutamente, nela identificaram. Hoje, essa sociedade segue sendo pensada e analisada. Na perspectiva teórica aqui adotada, podemos citar os trabalhos de Maurizio Lazzarato que, a partir de influências de Foucault, de Deleuze e de Guattari, dentre outros, aprofundou o tema do "homem endividado", tomando o comentário de Deleuze acima citado

e destrinchando-o; e os trabalhos do filósofo Pierre Dardot e do filósofo e sociólogo Christian Laval, que analisam a fundo a sociedade neoliberal e diversos de seus desdobramentos.

Fiz este longo preâmbulo, para afirmar que este livro de Antônio Sérgio Borba Cangiano inscreve-se neste esforço de analisar filosoficamente o mundo que vivemos, com um recorte bem específico: os modos através dos quais somos produzidos como sujeitos nesta sociedade neoliberal. O que significa viver neste mundo? Como nele viver? Como que atualizando a pergunta lançada por Étienne de la Boétie no século XVI, em seu *Discurso da servidão voluntária* (o que faz com que as pessoas consintam em servir a um tirano?), Cangiano se pergunta, nas primeiras linhas da introdução: "o que faz prevalecer a adesão humana massiva ao capitalismo, em sua face neoliberal? Quais acontecimentos vitais 'legitimam' ou tornam a acumulação do capital a normalidade cada vez mais ampliada?".

Para enfrentar esta interrogação que, dirigida a ele mesmo é também lançada para todos nós, questão que está longe de ser simples e corriqueira, mas que demanda esforços significativos de enfrentamento, para que possamos construir respostas que signifiquem, de fato, possibilidades de viver esse mundo, enfrentá-lo, transformá-lo, o autor escolheu a companhia dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Não se limitou a eles, é verdade, posto que dialoga com muitas outras leituras do contemporâneo, que complementam, adensam, complexificam o trabalho feito por esses filósofos, mas eles são, sem dúvida, o "coração" daquilo que lemos nestas páginas. A justificativa para esta escolha encontramos no primeiro capítulo, que também caracteriza o momento que vivemos, propondo um recorte específico, mas significativo destes tempos: as tecnologias digitais.

O segundo capítulo é um esforço de compreender o capitalismo sob as lentes de Deleuze & Guattari, que dedicaram, além de diversos escritos complementares, dois livros seminais: *O Anti-Édipo* (1972) e *Mil Platôs* (1980), ambos com o instigante subtítulo: "capitalismo e esquizofrenia". Guiado por Deleuze & Guattari, mas

também amparados por autores desta mesma "constelação conceitual", para usar uma bela expressão de Lazzarato, Cangiano percorre os meandros do capitalismo e sua produção de territorialidade, como máquina de produção de subjetividades. Sempre com foco na atual configuração neoliberal do mundo do capital.

No terceiro capítulo, o desafio é o de saber o que podemos pensar e como podemos agir, dada nossa imanência. A questão aqui é a de compreender as máquinas de captura do capitalismo, como somos sugados para seu interior, como somos constituídos como sujeitos empreendedores de nós mesmos, livres para servir ao capital, para que seja possível pensar as rupturas possíveis e impossíveis, as linhas de fuga a serem traçadas, as possibilidades de pensar e agir de outros modos, fazendo frente a tudo isso. Retomando a frase de Deleuze que aparece no artigo já citado aqui e que coloquei em epígrafe: não se trata de temer o futuro, frente a um quadro sombrio, tampouco de ficarmos passivamente à espera; não, é preciso buscar novas armas. E, muitas vezes, as armas somos nós mesmos, é preciso agirmos sobre nós, nos transformarmos, para com isso enfrentar o que está posto e que se apresenta para nós como uma realidade tirânica. Cangiano nos convida (talvez nos *obrigue*) a pensarmos este mundo e a nós mesmos.

Muitos leitores talvez se acanhem frente a uma obra que segue na companhia de Deleuze & Guattari, que têm a fama de serem autores de linguagem difícil, para alguns mesmo hermética; mas aí está um dos muitos méritos deste livro: com a tranquilidade e a simplicidade de quem lê Deleuze & Guattari há muito tempo, Antônio Sérgio maneja suas ferramentas conceituais com desenvoltura e, pensando no leitor menos familiarizado, construiu ao longo do livro uma espécie de "glossário de rodapé", no qual vai explicando cada conceito na medida em que ele aparece, com isso facilitando muito o percurso para leitores novatos nesta linha de pensamento.

Originariamente, este texto foi produzido como dissertação de mestrado apresentada e aprovada junto ao Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília, sob a orientação

do Prof. Dr. Pedro Ergnaldo Gontijo. Chama a atenção o modo como o autor, sem prescindir do rigor acadêmico necessário a este tipo de trabalho, foi capaz de construir um texto que escapa aos limites da academia, convidando um público muito mais amplo a pensar com ele. Isso mostra a potência, a vitalidade e a importância e necessidade da universidade pública brasileira, que não se verga frente às dificuldades de toda ordem, mas as enfrenta com coragem e rebeldia, ajudando a fazer deste mundo, quem sabe, um lugar melhor de se viver.

Prof. Dr. Sílvio Gallo
Professor Titular
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
Setembro de 2022.

APRESENTAÇÃO

O contexto atual do capitalismo neoliberal tem sido objeto de análises as mais diversas de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes matizes epistemológicos. Deleuze e Guattari, tanto no que escreveram separadamente ou no que produziram juntos, apresentaram elementos para análises que ultrapassariam sua época e alimentarão investimentos de análise muito tempo depois. Para muitos, não sei se como pensado por Foucault, o século "será deleuziano".

Antônio Sergio Borba Cangiano, leitor de Deleuze e Guattari, é uma dessas pessoas onde encontramos o profissional, o pesquisador e o militante engajado por transformações sociais vibrando num mesmo corpo, na maioria das vezes, em vibrações bem sintonizadas. Chegou ao Programa de Pós-Graduação em Metafísica com essa verve de indignação com o atual estado de coisas pulsando e apontando que em Deleuze vislumbrava ferramentas conceituais, personagens, intuições e elaborações teóricas que permitem uma leitura filosófica singular dessa quadra histórica a ser superada.

Singular também é a sua forma de lidar com os autores centrais dessa obra, mas não só destes, posto que ele mobiliza outros tantos qualificados autores para ampliar o repertório do combate que deseja empreender. Não se deixando prender por certas amarras acadêmicas, sua "pegada" deleuziana se mostrou criativa, capaz de fazer rizomas, de produzir acontecimentos, de criar linhas de fuga. Criativa na leitura dos autores e no pensar a subjetividade na geopolítica do neoliberalismo.

Me recordo vivamente de sua inquietação visceral e epistemológica por compreender melhor como o neoliberalismo mesmo produzindo tanta desgraça no mundo e no Brasil, ainda assim encanta tantas pessoas, sobretudo, da classe trabalhadora. Desnudar

os mecanismos de produção dessa subjetividade submissa às ilusões neoliberais que parecem prevalecer e prosperar, se tornou tarefa mais que necessária.

Minha posição privilegiada ao acompanhar essa caminhada de pesquisa e escrita, me permitem quase que ouvir Cangiano falando ao ler cada parágrafo, inclusive, suas pausas, hesitações e alterações na velocidade com que foi construindo essa singular obra. Seu texto não é sobre Deleuze e Guattari, seu texto é sobre sua indignação e seu desejo de pensar para além do já pensado sobre o tema de pesquisa. Deleuze e Guattari foram parceiros especiais em função de seu repertório para essa caminhada que empreendeu.

Essa posição privilegiada me permite convidar cada um e cada uma que se adentra nessas páginas a saboreá-las com essa perspectiva que Antônio Cangiano a construiu. Por vezes o ar pode parecer rarefeito, mas não por culpa de seu cuidadoso autor, mas pela aridez do tema e dos autores com os quais dialoga. As sinuosidades do controle e os espaços estriados do capital exigem cuidados ao percorrê-los.

É uma das leituras que não nos deixa sair ao final do mesmo modo que iniciamos e isso não é apenas um recurso retórico para falar de sua qualidade, mas sim é manifestação necessária sobre o resultado do que já vivo ao reler seu texto para escrever essa apresentação.

Boa leitura!!!

Pedro Gontijo
Brasília, Setembro de 2022.

INTRODUÇÃO

O problema que nos motiva consiste na pergunta principal: o que faz prevalecer a adesão humana massiva ao capitalismo, em sua face neoliberal? Quais acontecimentos vitais "legitimam" ou tornam a acumulação do capital a normalidade cada vez mais ampliada?

Mesmo as minorias[1] percebendo a inequidade[2], o individualismo, a competição, a marginalização e a exclusão social, ainda assim persiste uma certa univocidade subjetiva que caracterizo como neoliberal que reforça essa adesão. Parte do problema é conhecer quais são as forças que submetem ativamente os indivíduos ao neoliberalismo? Quais agenciamentos persuadem a internalização dos comportamentos? É possível pensar, atualmente, em superar a servidão voluntária conceituada por Étienne de La Boétie, no século XVI?

Os objetivos deste livro consistem em analisar a dinâmica da construção da subjetividade neoliberal, explicar como os desejos se acoplam às máquinas desejantes e estão sujeitos à extração da mais-valia no sobretrabalho, e à acumulação capitalista no atual sistema neoliberal. Os objetivos são propostos com a finalidade de levantar alternativas ao pensar e agir no cotidiano, relacionando conceitos dos filósofos Deleuze e Guattari, desenvolvidos nas suas

---

1 Minorias. Para Deleuze, no Abecedário, em entrevista concedida a Claire Parnet, filmada em 1988-1989. A minoria é tudo que considera-se esquerda, mas nem toda a minoria é de esquerda. Não é minoria numérica e sim constituída por todos os grupos que não se enquadram na maioria do padrão global, ou minorias extremistas desse padrão, ou seja, as minorias que devém (estão em construção para o bem ou para o mal, ou para algo desconhecido).

2 Inequidade. Aqui referenciada é a desigual distribuição do produto gerado socialmente e o desigual acesso às oportunidades sociais como acesso à educação, trabalho, consumo, lazer etc., causando injustiça social. Qualidade de iníquo, contrário à equidade, à justiça. Aquilo que é injusto, oposto ao que é justo e igualitário, injustiça. Ato ou comportamento contrário a moral, religião e igualdade. Não confundir com igualdade identitária.

obras de filosofia política, com críticas ao capitalismo no pós-movimento mundial de maio de 1968[3].

O desenvolvimento dessa obra constitui em um plano de consistência do problema em que estão relacionados conceitos e acontecimentos, os quais influem e moldam os perfis neoliberais. Ainda um último objetivo, não menos importante, o de desvelar contrapontos e proporcionar novos potenciais para o pensamento crítico da vida cotidiana. A proposta é refletir sobre o que proporciona certa univocidade à subjetividade dominante, como ela é construída, quais máquinas capturam os indivíduos e como se processam os relacionamentos dessas múltiplas dinâmicas.

Para cumprir com esses objetivos propostos trabalharemos, especialmente, com os filósofos Deleuze e Guattari, a quem iremos nos referir por D&G e serão relacionados alguns conceitos desenvolvidos em suas obras, a partir de 1972. Entre os conceitos mencionamos a crítica ao capitalismo, principalmente sob o enfoque filosófico e psicológico. Em relação a essas obras destacaremos as análises da formação do *sócius*, do capitalismo e a institucionalização do Estado. Abordaremos a filosofia política desejante das minorias as quais D&G trabalharam intensivamente criando, revigorando e atualizando filósofos críticos e originais, na linha de filósofos da vida. A sua obra nos propicia a descobrirmos novos agenciamentos concretos que revigoram a filosofia da imanência[4], com enfoque no empirismo e em contraponto com a história da filosofia clássica do ocidente.

Deleuze compreende a história da filosofia em termos de

3 Maio de 68. Movimento de jovens e trabalhadores de diversos países, influenciados pelo movimento estudantil francês e com motivações variadas, resolveram questionar as estruturas sociais em que viviam. Entre esses questionamentos estavam: a Guerra Fria, a bipolaridade política, as corridas armamentista, nuclear e espacial, o capitalismo e o processo de globalização do capital, sem compromisso com qualquer cor de bandeira (por meio das chamadas multinacionais) (IGNACIO, 2019).

4 Imanência. D&G a contrapõem imanência ao conceito de transcendência. Está nas relações virtual e atual, no tempo presente. O virtual é tudo que existe de transcendente, é atualizado na imanência. Esse conceito tem como fundamentos as filosofias de Bergson, Espinoza e Nietzshe, fundamentam as diferenças que se apresentam no atual e no eterno retorno, que não se repete sem a diferença pura.

repressão e escreve na carta para um crítico severo:

> A história da filosofia exerce em filosofia uma função repressora evidente, é o Édipo propriamente filosófico: "Você não vai se atrever a falar em seu nome enquanto não tiver lido isto ou aquilo, e aquilo sobre isto, e isto sobre aquilo. (DELEUZE, 1992, p. 14, grifos do autor).

Os filósofos D&G produzem uma obra contundente invertendo a filosofia tradicional do idealismo alemão e revigorando o materialismo histórico marxista. Ampliam sua crítica ao binarismo com foco nas diferentes multiplicidades imanentes, nos infinitos fluxos desejantes vitais e assim revivem o materialismo marxista, porém no plano atual.

Em seu sistema filosófico de conceitos, relacionados no plano de imanência, descartam a abordagem platônica de um mundo das ideias e modelos divinos acessíveis às almas, modelos perfeitos e perceptíveis ao espírito. Essa abordagem abstrata deixa de analisar o mundo imanente desconhecido o qual Platão remete ao simulacro, plano caótico do mundo, todavia perfeito no plano das ideias.

A inversão do platonismo feita por D&G, em síntese, é a negação da transcendência reafirmada em Kant, negação de modelos dialéticos perfeitos das ideias em Platão, modelos do espírito ou da alma, do idealismo dialético Hegeliano. Eles fazem uma crítica do perspectivismo dialético e, dessa maneira, recolocam a filosofia na vida e para a vida, fundada nas multiplicidades do plano imanente infinito.

Estes autores franceses relacionam novos conceitos ou os aprofundam e fundamentam a multiplicidade infinita de linhas que tramam a imanência, demonstrando os fluxos dos desejos. Esses fluxos desejantes produzem o real e não os teatros produzidos a partir das representações transcendentes e que não se sustentam no horizonte infinito da imanência. Isso nos motiva a um convite para pensar o neoliberalismo na existência do indivíduo, a partir de três obras, que tratam sobre o capitalismo e a filosofia: *O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia I*, *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia II* e *O que é filosofia?*

Deleuze e Guattari escrevem uma filosofia nômade, não abstrata, mas concreta, e mais que materialista, imanente, agregando os fluxos dos desejos na lógica da produção real e no sentido das diferenças puras. Guattari amplia, com Deleuze, os conceitos de psicologia clínica e do marxismo, agregando sua experiência e militância política.

> Há dois anos e meio encontrei Félix [...] (Deleuze fala em relação à psicanálise). Eu não possuía absolutamente lugar algum, o que me dava mobilidade, e achava principalmente como a psicanálise era miserável. Mas eu trabalhava unicamente no plano dos conceitos, e ainda de maneira tímida. Félix me falou do que já na época ele chamava de máquinas desejantes: toda uma concepção teórica e prática do inconsciente-máquina, do inconsciente esquizofrênico [...] Félix Guattari: Eu, de minha parte, tinha "lugares" demais, pelo menos quatro. Vinha da Via comunista, depois da oposição de esquerda; antes de maio de 68 agitava-se muito, escrevia-se pouco, por exemplo as "nove teses da Oposição da esquerda" Também participei da clínica de La Borde em Cour-Cheverny [...]. No mais tinha sido formado por Lacan, desde o começo dos seminários. (ibid., p. 23-24, grifos do autor).

Deleuze tem como fontes os autores que revisitou com profundidade revivendo os pensamentos que tratam da vida ou do espírito, tais como: Epicuro, Espinoza, Duns Scotus, Karl Marx, Friedrich Nietzsche, Henri Bergson, Michael Foucault, Kant, Hegel, Platão, Leibniz e Proust. Nessa obra agregamos Marilena Chauí, Maurizio Lazzarato, dentre outros autores de enorme importância para esse tema. Para atualizar a nossa análise trouxemos obras mais recentes buscando autores contemporâneos como: Edemilson Paraná, Rodrigo Guéron, Negri, Hardt, Laval, Dardot, Piketty, Frédéric Lordon e Wolfgang Streeck, das escolas brasileira, italiana, francesa e alemã. No decorrer desse estudo serão citados outros comentadores das obras dos franceses, que também pensam em oposição a toda ortodoxia. São autores que utilizam em suas obras, assim como D&G, a literatura, a arte e as ciências.

A exemplo, Piketty (2014) utiliza, igualmente, a literatura

em uma pesquisa com quinze anos de duração para produzir a obra *O Capital do Século XXI* a qual demonstra o aumento da inequidade. Ou seja, demonstra que o capitalismo não conseguiu e nem conseguirá administrar a riqueza do mundo, para que todos vivam com plenitude e em condições equilibradas com a distribuição da riqueza e o exercício da liberdade. Os pensadores D&G afirmam: pensar se dá nos encontros, no plano de imanência e abre-se a possibilidade de levar o pensar para outros espaços não estriados[5], ou seja, não codificados pelo capitalismo para espaços lisos que possam proporcionar a criação de novos fluxos de desejos. Pensam o capitalismo em um plano maquínico desejante, um misto conflito entre desejos codificados e livres.

A imanência é o plano de produção de desejos livres, o *sócius*[6] os codifica e reproduz desejos codificados, sem o plano de imanência não é possível pensar, criar e relacionar conceitos. Na última obra de D&G, *O que é Filosofia*, no capítulo Geofilosofia, os autores relatam que os gregos criaram a filosofia, a política e a democracia no plano da imanência. O *sócius* é dinamicamente codificado e define espaços estriados, a partir de dois fluxos inconscientes descodificados, que os codifica imediatamente. O capitalismo codifica os desejos paranoicamente para a exploração da mais-valia e para acumulação capitalista (GUÉRON, 2020, p. 83-85).

As forças que se impõem em nosso século promovem territorializações (codificações semióticas), neoliberais, em dinâmicas de territorializações e desterritorializações ampliadas por acontecimentos e agenciamentos atuais e virtuais. Produzem significantes e signos codificando seus princípios e leis que formam semióticas e capturam os fluxos livres descodificados, ou seja, os fluxos de dese-

5 Estriado. Conceito de D&G que relaciona o liso com o estriado, o liso é o espaço nômade e o estriado o espaço sedentário, codificado ou instituído e regrado pelo Estado. É o espaço burocrático, do direito privado instituído conforme interesses dominantes, o plano da normatividade institucional, do direito, da política, da economia e o espaço liso é o plano de ação nômade.

6 *Sócius*. Relação social de produção para D&G – conjunto de signos e semióticas que afetam o corpo na produção – os laços sociais são processados por redes de significantes, fisiológicas e semióticas.

jos produzidos pelos enunciados coletivos e prendendo-os nas codificações hegemônicas derivadas de interesses.

Máquinas capitalistas capturam e pasteurizam as diferenças, as tornam semelhantes ou identitárias e, com isso, não deixam alternativas para subvertê-las. Vivemos, quase sem perceber, em um regime totalitário, no qual a tecnologia está conjugada com os princípios e valores neoliberais atuais e estes fecham a gaiola sistêmica a qual estamos presos, sem possibilidades de "estar fora".

O totalitarismo neoliberal global dominante não tem registro, a não ser na historicidade[7] recente. Está imposta a lógica da gestão privada empresarial ao Estado, aos indivíduos e, consequentemente, à vida[8]. O discurso global é de que as crises se combatem com o crescimento econômico mundial.

Mesmo as oposições endossam o crescimento econômico como a única forma de conseguir trabalho e renda para diminuir a inequidade, e reforça a exploração do trabalhador, sem redistribuir as riquezas. As relações entre os indivíduos, que denominamos aqui de relações sociais ou do *sócius*, estão majoritariamente regressivas, no sentido de agravar os acontecimentos. Essa situação provoca um colapso social de negação das diferenças resultados das segregações identitárias, em ações xenofóbicas, com geração de preconceitos, competição pelo trabalho, emprego e renda e precarização do emprego formal, bem como da vida digna.

A falsa liberdade para satisfazer desejos consumistas é fomentada pelos agenciamentos dos que dominam o mercado global. Além disso, eles se utilizam de tecnologias como inteligência artificial, robótica, *big data*, assim como as redes sociais, situadas na fronteira do capitalismo digital de vigilância e provocando explosões de consumo (ZUBOFF, 2020, p. 295-305).

---

7 Historicidade. Pulsões dos seres como abertura da historicidade. Trata-se de uma relação com a história que consiste em uma redenção, não como adoração do passado, mas como consciência de que apenas a tensão presente e futura é trama do possível, é poder de decisão ontológica. (Negri, 2019, p 57-79).

8 Palestra proferida por Marilena Chauí, *Neoliberalismo: Novo totalitarismo?* no Canal Teoria e Práxis, em 2019.

Os dados pessoais fornecidos espontaneamente, em troca de aplicativos ou instalação de *cookies*[9], massivamente armazenados, servem a esse mercado virtual, transformam-se em insumos coletados para produzir máquinas de captura dos desejos. Passam a ser máquinas desejantes e máquinas políticas enlaçam acoplamentos racionais e irracionais de desejos em uma sociedade que se transforma de disciplinar para sociedade de controle a qual, em última instância, submete a todos. (DELEUZE, 1992, p. 223-230) Hoje se destaca a acumulação líquida fazendo do dinheiro um fluxo abstrato[10] da moeda, o deus contemporâneo, de acordo com D&G.

> O Capital devém um capital filiativo quando o dinheiro engendra dinheiro, ou o valor uma mais-valia, <<Valor progressivo>>, dinheiro sempre germinando, crescente e, como tal capital... O valor se apresenta subitamente como uma substância motriz de si própria, e para a qual a mercadoria e a moeda são tão somente puras formas. Distingue em si o seu valor primitivo e a sua mais-valia, tal como Deus distingue na sua pessoa o pai e o filho, e que ambos fazem um só e são da mesma idade, porque é só quando há uma mais-valia de dez libras que as primeiras cem libras adiantadas se transformam em capital (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 302, grifo dos autores).

O balanço entre capital e trabalho assalariado está em desequilíbrio. Agora estão em outro patamar, dadas a financeirização e o estado da arte da ciência e da tecnologia. As tecnologias disruptivas afetam primeiramente o trabalhador, recurso de mais alto custo à produção, dado que este necessita comer, morar, ter filhos, educar e pagar impostos. O capital real que explora o trabalhador torna-se abstrato, o dinheiro o transforma em mercadoria com valor em

9 *Cookies*. Algoritmos fornecidos pelos desenvolvedores dos aplicativos para serem instalados no terminal do usuário que tem como uma das funções colher dados de navegações, de atuação nas redes da *internet*.

10 Fluxo abstrato. Deleuze em *O Anti-Édipo*: "O capitalismo é a única máquina social que se construiu sobre fluxos descodificados, substituindo os códigos intrínsecos por uma axiomática das quantidades abstratas em forma de moeda". (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 185.).

moeda, portanto abstrato. Na pandemia, ocasionada pela Covid – 19, o neoliberalismo prioriza a acumulação, em relação à vida.

As democracias não conseguem saídas para alterar o papel do Estado e esse, atualmente, amalgama a economia e o direito privado neoliberais proporcionando espaço para a injusta acumulação desenfreada. A racionalidade neoliberal moderna está impregnada de mudanças oriundas do capitalismo burguês e esse se desenvolve com uma iniquidade avassaladoramente crescente. As ideologias totalitárias são disseminadas em velocidade nunca observada, com a sobreposição do capital financeiro sobre o produtivo (PARANÁ, 2016, p. 65-95). Não sendo capaz de estabilizar a economia, o mercado produz muitas crises sem que novos arranjos possam dar conta da fragmentação do *sócius*, cada vez mais profunda. As crises são percebidas pela falta de alternativas neoliberais, pelo crescimento do conservadorismo e pela conversão do Estado de bem-estar social em Estado mínimo.

Prevalecem crenças absurdas, herdadas do século XVII, desde Adam Smith, sobre a divisão do trabalho a qual persiste afirmando serem os capitalistas quem instalam as fábricas e fornecem os empregos que garantem a produção e o abastecimento. Contudo, no presente, se constata o financismo e o rentismo generalizado exclusivo para poucos, resultando em escassez de trabalho e renda, limitando cada vez mais o acesso dos trabalhadores às mercadorias. Aumenta a elitização e a escassez de empregos[11], resultados da financeirização global da economia.

É fato que a taxa de rendimento privado do capital na produção tem sido menor e mais lenta, em relação ao rendimento do capital financeiro (PIKETTY, 2014, p. 555). Portanto, o rentismo tem retorno e acumulação mais atraente do que investir em produção e geração de empregos. Os custos trabalhistas devem, para os

11 Elitização de empregos. Entendemos como empregos sofisticados que requerem alto investimento social em educação para um reduzido *key people* inserido em novo contexto de trabalhadores precarizados, ou trabalhadores manuais qualificados ou administrativos de alto nível, com colocações reduzidas devido à automação de processos.

neoliberais, ser reduzidos ao máximo para proporcionar margens de lucros atrativas, concorrentes com as taxas de lucros, juros e aplicações, alavancadas por diversos títulos de investimento.

O neoliberalismo dita as regras, as finanças são desregulamentadas para a alavancagem da acumulação e, atualmente, possuem poder político legitimado por imposições ecumênicas globais. A terceirização, a quarterização e os cortes de custos nessas empresas neoliberais colocam famílias e trabalhadores precarizados e em situação de reserva de mão de obra. Ou os colocam para receber salários insuficientes ficando dependentes de vagas limitadas ou terceirizadas dominadas e diminuídas pelas empresas, sistematicamente, na busca de maior produtividade e lucro.

Com tudo isso, ainda não se consegue colocar em pauta outras formas de organização econômica. Prevalecem os conjuntos de desejos submissos, presos pelo consumo e obsessão pelo dinheiro (LORDON, 2015, p. 23-26). Constatamos o colapso da potência humana em pensar a criação de alternativas e uma possível conquista de liberdade, plena de escolhas. A humanidade não consegue pensar em novos fluxos de enunciação coletivas dos quais esteja no centro e com a finalidade de produzir riqueza e preservação do planeta, com o propósito de satisfazer a todos, sem exceção.

Algumas evidências produzidas por D&G podem ter origem na sua filosofia de vida. Suas obras demonstram que a produção capitalista é produção do desejo coletivo e o Estado atual congrega o plano de existência do capital, em sua face neoliberal. Essa fronteira do capitalismo submete a todos para o plano de imanência, de maneira vertical e recorrendo à organização privada.

Deleuze, em seu texto *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, nos ajuda a compreender os paradigmas atuais que utilizam a tecnologia e determinam os acontecimentos no mundo contemporâneo. A pesquisa dessa obra pretende analisar nossos desejos e as máquinas desejantes que os ligam e igualmente, a subjetividade construída na nossa vida presente e não em razão de valores universais ou transcendentes. Pretendemos analisar os

processos capitalistas os quais reeditam a acumulação, desnudando a face do capitalismo atual que acumula e não tem limites, a não ser para o próprio capital. Discorreremos sobre como se comportam os indivíduos que territorializam o capitalismo e são reificados pelo neoliberalismo, a todo momento, submetidos à ganância e ao lucro, enquanto principais vetores. Esses indivíduos se encontram desterritorializados dos desejos livres no cotidiano vital, constituem minorias não quantitativas, miseráveis, marginalizadas e alijadas de mudanças vitais positivas. A vida não espera acontecer, ela acontece e é nessa existência que devemos construir uma outra vida possível, concretamente.

Esse livro é composto de quatro capítulos. O capítulo 1 apresenta os autores cuja pesquisa está balizada, assim como suas obras, estudadas para esse fim, e desenvolve o problema do neoliberalismo atual com os conceitos elaborados por eles. Apresentamos algumas personalidades típicas com o propósito de trazer situações as quais possam ilustrar e esclarecer as análises.

No desenvolvimento serão abordados conceitos como acontecimentos, agenciamentos atuais e virtuais, axiomas, axiomática e multiplicidades de forças, atualmente com a predominância da interação digital, da sujeição social e submissão maquínica, entre outros. Investigaremos como procedem as sínteses do inconsciente produzidas pelas forças imanentes, a resultante codificação dos desejos e a consolidação da codificação semiótica neoliberal. Igualmente, investigaremos sobre qual é a dinâmica do processo de codificação da contra-produção desejante e que se consolida com o consumo. Destacamos a importância dos autores para refletirmos sobre a conjuntura atual, a qual possui toda tecnologia disponível e tem intensificado a resiliência neoliberal. Essa é conduzida para a dinâmica das sociedades de controle ou capitalismo de vigilância, conforme nos diz Shoshana Zuboff, em sua obra (ZUBOFF, 2021).

O conceito de axiomática elaborado por D&G evidencia, neste capítulo, um caminho para entendermos a produção de uma univocidade subjetiva, com um detalhamento das três sínteses dos desejos descritas, uma abordagem psicanalítica, com a ajuda de per-

sonagens, nesse caso, náufragos em ilhas desertas. Outras formas filosóficas de pensar em espaços não estriados serão abordadas como contrapontos ou mesmo para diferenciar o pensamento dos valores neoliberais disseminados.

O capítulo 2 trata do aprofundamento dos processos múltiplos que impactam as nossas vidas e questiona os fundamentos atuais, legitimados pelo neoliberalismo. Além disso, demonstra os procedimentos da axiomática do capital com o uso da tecnologia de informação e comunicação e a sociedade de controle: Em que mundo vivemos? Como habitamos a Terra? Como vivemos em sociedade? Como vivemos sob o Estado? Essas perguntas serão orientações a serem seguidas para argumentarmos sobre a nossa vida no neoliberalismo.

Finalizando esse capítulo, discorreremos sobre o conceito de axiomática aplicada ao plano de referência neoliberal. Analisaremos como tudo se fundamenta e é legitimado, bem como suas consequências no plano vital. Para melhor compreensão, esse capítulo terá especial atenção em relação a uma linguagem baseada em uma semiótica cotidiana, uma vez que os conceitos principais já foram expostos no primeiro capítulo.

O capítulo 3 expõe o conceito das máquinas de guerra, como D&G as conceberam. Em seguida, serão apresentadas as máquinas de guerra neoliberais que agem para territorializar a vida. Para analisar as diferenças de fluxos desejantes do plano de existência vital e do plano organizado do neoliberalismo serão conceituadas as máquinas de capturas, as quais cooptam esses fluxos. E proporcionaremos um pensar sobre as formas de evitar ou atenuar a submissão dos desejos aos rostos e papéis neoliberais impostos. Nas seções, o que nos mobilizará é o desejo e a imanência de estudarmos como funcionamos, assim como apresentar os conceitos de movimento nesse plano, *conatus* e desejo. Além disso, explicar como funcionam as máquinas de guerra, máquinas de capturas, máquinas resilientes, como ocorrem os fluxos intensos de enunciados coletivos transformadores. Para isso, elencamos algumas das relações com a pandemia e suas possíveis rupturas.

O capítulo 4 é reservado para as considerações sobre os conceitos de movimentos, desejo, imanência, o estado neoliberal e a pandemia, sendo finalizado com as considerações possíveis relacionadas a este assunto, apontando proposições de novas pesquisas sobre o tema.

Capítulo 1

A FILOSOFIA DA VIDA PARA PENSAR O MUNDO

Neste capítulo apresentamos Deleuze e Guattari, a importância de sua obra para analisar o capitalismo e, consequentemente, o neoliberalismo. Criamos, na segunda seção, alguns personagens típicos e esses nos auxiliarão a colocar no cenário atual as questões levantadas, a partir dos conceitos já trabalhados ou a serem tratados nas seções subsequentes.

No desenvolvimento do capítulo serão expostos os conceitos relacionados com o problema proposto, tais como acontecimentos e agenciamentos, atuais e virtuais. Igualmente, será exposto como se efetuam as sínteses do inconsciente, com origem nas forças imanentes, a posterior codificação dos desejos e a consolidação da codificação com a contraprodução neoliberal, a qual se processa com o consumo.

Destacamos a importância da filosofia e dos autores para refletirmos como, atualmente, com toda a tecnologia disponível, é intensificada a promoção da resiliência neoliberal com a axiomática, a qual promove a produção de uma univocidade subjetiva. Outras formas de pensar serão indicadas para diferenciar o livre pensar da ideologia dos valores neoliberais.

1.1 Porque Deleuze e Guattari?

Para apresentar nossos autores é preciso justificar a escolha deles, ou seja, pelo mérito de suas obras e pelo fato delas terem inovado na abordagem do *sócius* capitalista e terem incluído a Psicologia nas suas discussões. Outro fato é a profunda experiência de Guattari, bem como sua militância e vivência nas organizações de

esquerda. A escolha de Deleuze se dá por ele ter desenvolvido a filosofia da diferença pura, por ter exposto como nossos corpos vivem no plano imanente, com fluxos intensos de desejos, com mente e corpo imanentes, o que significa pensar fora da caixa. Ainda, eles criaram o conceito de pensamento "esquizo", corpos sem órgãos e em planos lisos, corpos que não se organizam, portanto esquizos.

Os dois pensadores fazem contrapontos conceituais com pensadores clássicos, negam a transcendência e são contra o sedentarismo filosófico abstrato da filosofia tradicional. A filosofia transcendental não investiga o plano concreto das formações sociais imanentes. O mundo não é analisado tal qual se apresenta, sem intermediações transcendentes que possam romper com representações. A filosofia clássica, para eles, não enfrenta as dificuldades de abordar o caosmos aparente e as profundezas dos fundamentos rizomáticos, atém-se à representação, à linguagem, aos signos e significantes transcendentais, sendo esses, codificados hegemonicamente.

Ao contrário, D&G nos mostram que para enfrentar o caos imanente é preciso que o problema a ser pensado deva estar suficientemente "cartografado"[1] e conhecido para exercer a filosofia. A partir dos fundamentos dos problemas, é possível pensar, criar conceitos, relacionando-os no plano de imanência em que ocorrem, como mostra a "primeira regra":

> Primeira Regra: Aplicar a prova do verdadeiro e do falso aos próprios problemas, denunciar os falsos problemas, reconciliar verdade e criação no nível dos problemas. Com efeito, cometemos o erro de acreditar que o verdadeiro e o falso concernem somente às soluções [...] Esse preconceito é

1 Cartografado. A filosofia de D&G se constitui como criação de um sistema de conceitos relacionados, fundamentados em um recorte de um dado problema, ou problemas, percebidos no plano de imanência. Esse recorte é conceituado como uma cartografia do problema, uma contextualização fundamentada que é recortada do plano infinito da imanência, com todas as multiplicidades e todos os possíveis rizomas relacionados e extraídos do caosmos imanente. A filosofia de D&G é tratada como geofilosofia na obra *O que é Filosofia*, dado que é no plano de imanência, nos "territórios" que são encontradas as relações criadoras de conceitos. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 103).

> social (pois a sociedade, e a linguagem que dela transmite as palavras de ordem, "dão"- nos problemas totalmente feitos, como que saídos de "cartões administrativos da cidade", e nos obrigam a "resolvê-los", deixando-nos uma delgada margem de liberdade). Mais ainda, o preconceito é infantil e escolar, pois o professor é quem "dá" os problemas, cabendo ao aluno a tarefa de descobrir lhes a solução. Desse modo, somos mantidos numa espécie de escravidão. [...] A verdade é que se trata, em filosofia e mesmo alhures, de encontrar o problema e, por conseguinte de colocá-lo, mais ainda do que resolvê-lo. (DELEUZE, 2012, p. 11, grifos do autor).

O problema aqui apresentado tem relação com a vida, a existência e a sobrevivência, portanto, deve estar referenciado no materialismo atual do neoliberalismo.

Porque Deleuze e Guattari? E não só Deleuze ou só Guattari? Primeiro, porque produziram juntos as obras de referência consideradas neste livro. Segundo, porque esmiuçaram o capitalismo após os movimentos mundiais de maio de 1968 e foram os primeiros a tratá-lo como doença ou loucura no plano psicológico vital. Também porque foram, cada qual em seu campo, figuras de destaque da vida intelectual francesa, desde a segunda metade do século XX.

Suas experiências comuns se constituem resultantes de momentos de turbulência política, negação de costumes, e participação no movimento mundial de maio de 1968. A amizade crescente dos dois, iniciada após esses acontecimentos, devém o consequente campo de construção criativo do qual relacionam conceitos filosóficos de diversos problemas que colocam no pensamento a vida (imanência), o capitalismo e a psicanálise.

Os filósofos D&G conseguiram unir empirismo, história crítica inovadora do pensamento filosófico e crítica à psicanálise freudiana e lacaniana. Promoveram avanços na criação de uma filosofia política, em contraponto às ciências econômicas e sociais, em momentos especiais de crises do comunismo do leste e crises dos movimentos de esquerda. Tiveram influências de práticas clínicas em *La Borde*, onde ocorria o trabalho e a militância política de Guattari.

O amor de Deleuze pela filosofia, artes e ciências e a experiência de Guattari congregaram trajetórias conjuntas no plano da militância política, na crítica estrutural ao capitalismo e do trabalho empírico na clínica. E ainda, no plano de vida, constituíram uma amizade legítima com diferentes singularidades. Eles, em sua primeira juventude, separadamente, viveram na época da segunda guerra mundial convivendo com o nazismo. Mais recentemente, no pós-guerra, viveram os acontecimentos do movimento mundial de maio de 1968, que propiciaram o seu encontro. Juntos, os dois pensadores criaram novos conceitos filosóficos, psicanalíticos, econômicos, políticos, de direitos e sociais com a mais alta erudição literária, artística, histórica e científica. Produziram três obras importantes com uma crítica ao capitalismo, em um amplo espectro, no campo das ações contemporâneas.

Destacamos para essa análise três obras: *O Anti-Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia I*, *Mil Platôs* e, a mais recente, *O que é Filosofia?* Todas essas obras foram escritas à quatro mãos, são oriundas de uma amizade entre os dois pensadores, candidatos a serem considerados os grandes filósofos do século XXI (NEGRI, 2019, p. 27, 30, 107-108). As incursões de militância e clínicas de Guattari e a dinâmica de espreita permanente de Deleuze em todos os campos do conhecimento se unem, apesar das trajetórias muito diferentes.

Os dois grandiosos filósofos criam a obra *O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia I*, publicada na primavera de 1972, contestada pela direita e pela esquerda, mas que encontrou quem enxergasse nela o revitalismo, principalmente das obras de Karl Marx e Freud. Em seu entusiasmo pela obra François Châtelet, amigo de Deleuze em *Vincennes*, organiza uma grande reunião no IX distrito de Paris, em sua casa, onde convidou D&G e cerca de trinta amigos. Nessa reunião, D&G receberam duras críticas à sua obra, contudo, *Châtelet* interveio em sua defesa, conforme nos traz *François Dosse*, sendo que *Chatêlet* disse:

> Que considera (a obra, o instrumento para) o combate de um novo Lucrécio, um esforço para compreender por que os homens podem lutar para aumentar sua servidão como se

> tratasse de sua própria salvação. Para esta questão maior, tem duas respostas, uma das quais Marx e a outra Freud, e elas são atacadas por Deleuze e Guattari, não por atacá-las, senão para devolvê-las aquelas forças que as dobras idealistas querem tirá-las (DOSSE, 2009, p. 263).

Outra obra, *Mil Platôs*, é plural, intensa, rizomática[2] e plena entrecruzando e sobrepondo-se à obra *O Anti-Édipo* com uma abordagem mais aprimorada:

> Trata-se, aqui (Mil Platôs), de um pensamento forte, mesmo aplicado à <<fraqueza>> do cotidiano. Seu projeto visa apreender o criado do ponto de vista da criação. Nele, não há idealismo algum: a força criadora é um rizoma material, ao mesmo tempo máquina e espírito, natureza e indivíduo, singularidade e multiplicidade e o palco é a história, de 10.000 a. C até hoje. O moderno e o pós-moderno são ruminados e digeridos, e reaparecem para ajudar a fertilizar generosamente uma hermenêutica do futuro (NEGRI, 2019, p. 64, grifo do autor).

E a obra *O que é Filosofia?* nos mostra como se processa o pensamento, como o desejo se move no plano de imanência e como surgem a Filosofia, a Política e o Direito, cujos fundamentos se originaram na Grécia e foram incluídos no capítulo Geofilosofia (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 103-105).

A escolha desses autores, com seus conceitos e agenciamentos possíveis, centrados no recorte do problema neoliberal, fornecerá fundamentos para esta pesquisa, como a lógica e o sentido para que possamos pensar sobre nossas vidas, neste século tomado pelo neoliberalismo. Para tanto, não podemos simplesmente ter uma relação utilitária com a obra de D&G, o desafio é chegar a uma comunicação intuitiva, longe de verdades essenciais de bom senso, verdades de bom senso correntes e universais.

---

2 Rizoma. Descreve as conexões similares que ocorrem entre as mais disparatadas coisas, objetos, lugares e pessoas, as estranhas cadeias de eventos que conectam pessoas. Raiz, radícula e rizoma, esse conceito está relacionado às redes de multiplicidades que estão conectadas a tudo. Redes de significâncias. Na natureza as próprias raízes são pivotantes com ramificações mais numerosas, lateral e circular, não dicotômicas (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 19).

Recorremos a D&G para analisar, no plano vital, o problema do neoliberalismo e as relações múltiplas de forças conceituais desvendadas pelas suas obras. Partimos dos conceitos de acontecimentos, agenciamentos atuais e virtuais, para movimentos de territorializações e desterritorializações e vice-versa. Igualmente, partimos dos conceitos em devires[3], movimentos que possam visitar e revisitar esses planos para uma crítica política e filosófica do neoliberalismo que possui como motor o capitalismo.

Não é recomendável, para um desafio dessa envergadura, que se trabalhe a partir de "logos generalizados do bom senso contemporâneo", nem de binarismos entre o bem e o mal, ou seja, abordagens sobre as perspectivas de crendices utilitárias, calculistas, econômicas ou políticas.

Por essas razões, buscamos referências em pensadores contemporâneos, pós-estruturalistas ou não, que não interpretem, mas contestem com fortes argumentos e relacionem novos conceitos, os quais mostram as falhas em tradições universais como a dialética negativa de Hegel e a inversão materialista marxista.

Deleuze e Guattari criticam a linguagem como significante universal, reduzida a palavras de ordem, em uma semiótica capitalista repressiva e representativa falsa do mundo. Colocam a linguagem como dependente de múltiplos conteúdos e expressões condicionantes e em uma simbiose entre o presente, o atual e o virtual, que dependem de múltiplas forças.

Consequentemente, constata-se que o neoliberalismo recorre a conteúdos estéticos, sensíveis e elaborados em um plano atual em que outros planos virtuais se cruzam com esses planos

3 Devi**r.** Contrário aos conceitos de "SER e IDENTIDADE" dois outros conceitos são pedras dobradas da filosofia de D&G, são eles DEVIR e DIFERENÇA". A experiência humana para eles está limitada pelas concepções de diluição das diferenças e as transformações que repetições sempre diferenciadas produzem, dinâmicas que mudam o ser. O ser para Deleuze está em permanente DEVIR, sujeito às multiplicidades de forças que atuam no plano vital que apresenta o mundo tal e qual a sua constituição com as forças percebidas em uma eterna transformação, em um eterno Devir. Devir então é tornar-se diferente e não representações do mundo pelas identidades (linguísticas, semióticas etc.), ou seja, pela diluição das diferenças.

reais formando interseções as quais moldam o plano neoliberal, o que pretendemos analisar nesta obra. Isso não significa negarmos as lógicas do pensamento ou as lógicas dominantes, menos ainda recorreremos à dialética, pois não queremos reificar conceitos correntes ou antagônicos, presos a sintomas e não ao concreto da vida.

A obra terá como fio condutor os lógicos e implacáveis D&G, quem assim o são quando analisam as formações do *sócius*, o surgimento do *Urstaat*[4] nas comunidades caçadoras, coletoras e nômades até o Estado nação atual, com ênfase nos fluxos desejantes do *sócius*:

> [...] aos seus olhos as filosofias do originário e do ordinário são ternas demais, sentimentais demais. (Para Deleuze) Só conta a lógica, mas porque, como veremos, ela tem uma curiosa maneira de se confundir, para além do vivido, com as próprias potencias da vida. Em decorrência disso, outro traço distintivo, um vitalismo rigoroso. Não é que a vida insufla à lógica, um vento de irracionalidade que, ausente, faz falta a ela; ao contrário, é que as potências da vida produzem incessantemente novas lógicas que nos submetem às irracionalidades delas. (LAPOUJADE, 2015, p. 263).

Buscaremos lógicas relacionais, as quais congreguem conceitos que possam desvendar as vidas que vivemos, sendo essas conduzidas pelo neoliberalismo com as forças da política, do direito e econômicas. Para podermos pensar como vivemos é necessário que os problemas estejam colocados no plano cartográfico neoliberal, sobretudo, em relação ao capitalismo, aos códigos registrados e cartografados pelos pensadores visitados. E que os conceitos neoliberais nesse plano estejam relacionados e possam nos desvelar as crenças e as vidas produzidas.

Nessa lógica, criamos as condições para pensar na validade

4 *Urstaat*. Estado primordial, D&G trazem esse conceito relacionado à política universalista do *Urstaat*. A palavra *Ur* é a cidade de onde partiu Abraão, ou a nova aliança e *staat* significa Estado em alemão. Para D&G, "O Estado não se formou progressivamente, mas surgiu de uma vez já todo armado, num golpe de mestre. *Urstaat* original, eterno modelo de tudo o que o Estado quer ser e deseja". (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 287).

desses conceitos fundamentais ou descobrimos ou criamos outros. Quer dizer, outras relações que possam constituir outros planos e outras forças que sejam capazes de pensar outras possibilidades para o mundo, com a conjunção das potências vitais que existem em nós.

1.2 As univocidades subjetivas de tipos personais

Alguns autores esboçam, descrevem, criam características de personagens para ilustrar conceitos ou temáticas cotidianas. Nesse caso, os personagens irão contribuir para ilustrar a vida mundana, as máquinas desejantes que os capturam e dirigem comportamentos. Sugerimos, a seguir, alguns personagens típicos ou literários que irão protagonizar narrativas no contexto dos conceitos apresentados.

> O personagem de diálogo expõe conceitos: no caso mais simples, um entre eles, simpático, é o representante do autor, enquanto os outros, mais ou menos antipáticos, remetem a outras filosofias, das quais expõem os conceitos, de maneira a prepará-los para as críticas ou as modificações que o autor lhes vai impor. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 78).

Os personagens da nossa análise serão trazidos à vida com características que possam representar os múltiplos personagens no plano neoliberal. Seguiremos a estratégia, a exemplo de outros filósofos e grandes escritores da literatura mundial, quem construíram personagens para pensar o plano da existência. No exemplo da obra *O que é filosofia?* D&G demonstram como Descartes cria o cogito, enquanto conceito e eles conceituam o personagem idiota, quem pensa existir apenas em sua individualidade:

> Há outra coisa no caso de Descartes, além do cogito criado e da imagem pressuposta do pensamento? Há efetivamente outra coisa, um pouco misteriosa, que aparece em certos momentos, ou que transparece, e que parece ter uma existência fluída, intermediária entre o conceito e o plano pré-conceitual, indo de uma a outro. No momento, é o idiota: é ele quem diz EU, é ele quem lança o cogito, mas é ele também quem

> detém os pressupostos subjetivos ou que traça o plano. O idiota é o pensador privado por oposição ao professor público (o escolástico): o professor não cessa de remeter a conceitos ensinados (o homem-animal racional), enquanto o pensador privado forma um conceito com forças inatas que cada um possui de direito por sua conta (eu penso). Não é suficiente incluir o idiota de Descartes, ou O Idiota de Dostoiévski, onde Chestov encontra em Dostoievski a potência de uma nova oposição do pensador privado e do professor público. O antigo idiota queria evidências, às quais ele chegaria por si mesmo: nessa expectativa, duvidaria de tudo, mesmo de 3+2 = 5; colocaria em dúvida todas as verdades da Natureza. (ibid., p. 75-77).

Escolhemos como primeira personalidade a do idiota, acrescido do Avatar[5] virtual (digital), do qual metaforicamente formará os fios que o manipulam, como os fios de movimentos dos marionetes, personificando o personagem, o que pode moldar a sua univocidade subjetiva. Atualmente, dependemos de múltiplos planos digitais. Eles pousam incessante e fragmentariamente ou por inteiro no pensamento, como um caleidoscópio. Fornecem conteúdos digitais em buscas ou *pushs* enunciados com as facilidades da imensa velocidade das fibras óticas e com tempo reduzido nos processamentos das tecnologias da informação e da comunicação.

A partir de gigantescas coleções de dados situados em qualquer lugar conectado, o digital influi insistentemente na nossa atualidade e em nossas escolhas colocando a vida em transmutação constante.

Agregaremos avatares aos nossos personagens para melhor expressá-los em suas navegações, no mundo real e virtual. Para o personagem a quem chamaremos de Idiota agregaremos avatares

5 Avatar. No Hinduísmo, momento que corresponde à descida de uma entidade sagrada à Terra, geralmente assumindo um aspecto materializado, às vezes humano, outras em forma de animal. Circunstância metamórfica que corresponde a uma transformação: o avatar de si mesmo. Informática. Representação de si mesmo, geralmente em meios virtuais, com o objetivo de se personificar, para demonstrar uma autoimagem em ambientes virtuais. Etimologia. Origem da palavra avatar. A palavra avatar deriva do francês *avatar*, com o mesmo sentido. Disponível em. https://www.dicio.com.br/avatar/ acesso em 11 de julho de 2022.

virtuais como os de consumo, grifes de moda, jogos competitivos e violentos, *sites* de emprego e empreendimentos e cursos técnicos profissionalizantes. Ou simplesmente o doce navegar nas redes com amigos e postar suas fotos, opiniões e comentários que alimentem sua libido.

O outro personagem caracterizaremos e chamaremos de lúcido, seu avatar lhe fornece outros fios de acesso a *sites* culturais, de ciências humanas e diversas, *sites* filosóficos, científicos, de arte, música, museus e cinema. Igualmente, seu avatar fornece fios sobre seus interesses profissionais, seu público é restrito a amigos verdadeiros com quem se relaciona em conflitos construtivos, devires e que também alimentam sua libido.

O avatar estará relacionado ao conceito de univocidade subjetiva, como os fios das marionetes na produção dos movimentos no plano cartográfico do problema neoliberal, que se constituem nos mesmos para todos. Portanto, até o momento temos dois personagens no plano referencial neoliberal.

Todavia, teremos personagens em outras situações como em ilhas desertas, náufragos com ou sem reminiscências cognitivas ou memórias passadas. São eles um amnésico, sem nome, outro o famoso Robinson Crusoé e a terceira personagem é Suzana de Giraudoux com seus avatares reminiscentes ou cognitivos de suas vidas pregressas, no continente. Por que Avatar? Avatar é amplamente conhecido como a representação da transformação do que somos para o que gostaríamos de ser, inclusive sendo utilizado para a impessoalidade nas redes. Nelas, o personagem real se transforma em seu avatar, com características virtuais, ou mesmo constrói o avatar pretendido com interesse em ampliar suas redes de contatos e de relacionamentos. Dessa forma, o indivíduo pode direcionar sua conduta interativa em virtual e não virtual. Portanto, com as múltiplas forças agindo sobre os personagens prevalece a univocidade subjetiva a ser analisada. Não é por acaso que as *bigtechs* estão investindo pesadamente no *Metaverso*[6].

6 Metaverso. Realidade digital ampliada. Com as novas tecnologias a 5G e *internet*

O personagem avatar idiota está submetido às múltiplas forças intensas das virtualizações as quais se apresentam como atuais, como se fossem concretas. Ele estabelece a generalização virtual de preferências e comportamentos que se acoplam e se transformam para atender as intenções neoliberais, na conduta de si e em suas preferências. Nosso avatar idiota pode até pensar que a Terra é plana ou que a ciência não tem nada a dizer, não importa a catástrofe a qual estamos submetidos O idiota pensa individualmente, egoisticamente, competitivamente, tem sua vida capturada no plano organizado do *sócius*, pois está submetido a todos os riscos capitalistas neoliberais, individualmente, e reforça esse modo de vida.

O outro personagem que dialoga é o lúcido, contraponto ao avatar idiota com origem sob os mesmos instrumentos virtuais imanentes. Porém, faz escolhas intensas, prefere os fluxos intensos de seus desejos, percebe no plano vital e virtual os agenciamentos os quais lhe afetam positivamente. O lúcido busca agenciar o plano atual organizado de acordo com os seus desejos legítimos, em arranjos que lhe satisfaçam.

Os fluxos que lhe influenciam agenciam devires de resistência, desejos alegres de expressar críticas resistentes, ou seja, pensamentos livres os quais possibilitam colocar seus desejos em novas máquinas desejantes de minorias alternativas. Ele pode nascer sob a influência de outros avatares dionisíacos e/ou apolíneos, ou *sócius* culturais produtivos, artísticos, científicos e/ou econômicos. Tem sua existência contaminada pelos agenciamentos de avatares idiotas, mas ainda assim consegue traçar os problemas da vida e constatar tramas (rizomas) que se multiplicam, se contradizem, formam contrapontos e transformam fundamentos. Isto posto, levantam as múltiplas questões diferentes como: *Qual o fato? Qual o direito? Qual a vida?* Estas três questões estão presentes nos pensamentos desse personagem a quem caracterizamos e chamamos de lúcido.

Os dois personagens a seguir, independentemente de gêne-

das coisas, o plano de imanência estará conectado com a realidade ampliada digital, inclusive com moedas digitais como a *Bitcoin*. Ainda com efeitos impensáveis nos rumos do *sócius* (Definição exclusiva do autor).

ro, nos ajudarão a analisar os conceitos os quais D&G teceram nas suas obras filosóficas que lidam com o capitalismo, o empirismo e a filosofia política. Daremos aos personagens os apelidos carinhosos de Avi para o avatar idiota e Luci@ para o avatar lúcido. Os personagens náufragos, idiotas e lúcidos surgirão no decorrer dessa obra e serão chamados nos momentos oportunos para a compreensão dos conceitos das três sínteses do desejo no plano atual, sobre o qual trabalharemos.

1.3 Os acontecimentos na era digital

Os acontecimentos geram agenciamentos no plano de imanência, esses estão, hoje em dia, configurados no plano virtual digital, conjugados com o plano das lembranças (plano da memória) e definem o nosso comportamento. A produção exponencial do virtual nas redes sociais é o foco desta seção. Analisaremos os fortes agenciamentos que o virtual digital exerce sobre as subjetividades, em nossa existência.

1.3.1 A produção de univocidade[7] intersubjetiva

A vida acontece, a "vida é atividade", como diria Marx (GUÉRON, 2020, p. 31), e as atividades são respostas, ações derivadas de agenciamentos que, por sua vez, foram produzidos por acontecimentos inseridos no plano de imanência. Essa dinâmica assemelha-se ao eterno retorno do mesmo nietzschiano, mas D&G afirmam que o que retorna é a diferença pura e o movimento é de um devir, sempre em construção.

Nesta seção será analisada a construção da subjetividade pelos acontecimentos e agenciamentos que ocorrem no plano de imanência, aproximando o materialismo marxista ao materialismo

7 Univocidade. Em sua essência não é que o Ser se diga num único sentido. É que ele se diga num único sentido de todas as suas diferenças individuantes ou modalidades intrínsecas. O Ser é o mesmo (unívoco) para todas essas modalidades, mas essas modalidades não são as mesmas, são puras diferenças.

imanente. Da mesma maneira, será analisado como os acontecimentos e os agenciamentos são apropriados pela semiótica neoliberal.

Deleuze e Guattari conceituam alguns eventos relacionados aos processos de territorializações ou desterritorializações, ou seja, conceitos que influenciam na dinâmica do mundo. Eles produzem uma constante transformação, sempre em movimento, sempre em construção. Portanto, devir é devir mundo, devir mulher, devir negro, devir LGBTQIA+, devir família (ref. As famílias não só biológicas ou parentais, ou seja, famílias afetivas, agregados por afinidades por exemplo), devir minorias e, nesse sentido, podemos dizer esperanças. Enfim, tudo que está no plano da existência se modifica permanentemente, passamos por idades e saberes diferenciados.

O capitalismo molda as subjetividades do "bom senso" organizadas identitariamente segundo seus princípios e valores. Diversas máquinas de capturas e de subjetivação produzem, dinamicamente, agenciamentos que afetam a vida. Acontecimentos podem influenciar ou agenciar um certo modo, mesmo que constatemos empiricamente diferentes singularidades individuais.

A dinâmica da máquina capitalista molda certa semelhança de comportamentos, porém não consegue atingir as profundidades de mentes e corpos desejantes na produção inconsciente. Portanto, o plano de imanência produz as diferenças dos sujeitos, ou seja, apesar de uma univocidade subjetiva capitalista, cada indivíduo é diferente, nos resta analisar essa tensão entre a univocidade e o devir.

Deleuze e Guattari conceituam a univocidade, para eles mente e corpo vibram com os afetos, afetando e sendo afetados. Conceitos que possuem fontes em filósofos da vida, desde Heráclito, Epicuro, Espinoza, Bergson e Nietzsche. O corpo é constituído de partículas moleculares afetantes e afetadas, por isso vibram continuamente. Essa vibração é submetida a uma codificação na dinâmica da máquina capitalista, a ser tratada ao longo deste estudo, modela essa univocidade com agenciamentos produzidos, relacio-

nados a planos reais e virtuais e com cruzamentos em planos atuais.

Planos atuais são planos no tempo presente onde se processam atualizações de significantes relacionados a semióticas e pertencentes ao plano de referência neoliberal predominante. Sob a influência torrencial, incessante de múltiplos agenciamentos de planos significantes virtuais expressando semióticas neoliberais, que em nossa hipótese moldam a univocidade de sujeitos.

Significantes produzem os efeitos dos mais diversos em nossos corpos como afetos alegres ou tristes e sedutores, reivindicadores, transformadores, revolucionários (em relação à social-democracia, por exemplo) e conservadores ou mantenedores dos fluxos desejantes por ele codificados.

> Os planos virtuais, digitais ou não, estão relacionados às organizações duras dos fluxos desejantes capitalistas, em sua face atual. Agenciamentos acoplados às máquinas de capturas de desejos pré-conscientes produzindo dobras virtuais ilusórias e crendices que conduzem comportamentos. Esses fluxos codificados permeiam, desse modo, a geração de agenciamentos[8] mútuos, os quais são sensíveis e submetem o sujeito ao *sócius*. (PARNET, 1998).

Por sua vez, os agenciamentos estão relacionados a acontecimentos aos quais estão também relacionados aos corpos. Esses conceitos perpassam a filosofia de D&G e há quem afirme que sua filosofia é do acontecimento (ZOURABICHVILI, 2016, p.32-34). Os acontecimentos produzem não só agenciamentos, mas também lógicas que objetivam as dinâmicas de territorializações e desterritorializações, as quais aqui recortamos, nessa análise do neoliberalismo.

Esses acontecimentos moldam conexões de heterogêneos,

8 Agenciamentos - Um agenciamento é uma "unidade real mínima" com a qual produzimos os enunciados. Ele é, simultaneamente, maquínico dos corpos e coletivo de enunciação (expressão). Um agenciamento é uma mistura de corpos, é sempre um recorte de uma rede de relações de forças entre corpos heterogêneos que se conectam por uma vizinhança, uma simpatia, uma simbiose, uma interpenetração (PARNET, 1998).

necessidades e imprevisibilidades do acaso, resultam em surpresas dos devires de minorias. Há mudanças em todos os níveis da vida, ou seja, produzem uma dinâmica de mudanças, de diferenças, porém fundamentadas em zonas de conforto, de falsas estabilidades ou semelhanças devido à normatividade codificada sobre a própria incerteza do que vem, nas diversidades dos devires imanentes submetidos ao *sócius*.

O plano de imanência é infinito, conforme conceituam os autores, portanto, usaremos o termo existência como sinônimo de imanência, em alguns casos nos quais destacaremos a vida singular de sujeitos.

A vida é permeada de múltiplas forças de todos os matizes, nas externalidades e interioridades múltiplas das singularidades dos corpos. Não obstante, mesmo no processo contínuo de territorializações e desterritorializações dos fluxos desejantes, existem recalques que persistem e traduzem essa univocidade neoliberal.

Vamos entender o que ocorre e o que é o acontecimento neoliberal? Quais os desdobramentos dessa dinâmica de mudanças? E por que constatamos a prevalecencia de uma determinada univocidade subjetiva a qual podemos caracterizar como neoliberal? O que vem a ser "acontecimento" para Deleuze? Vamos às fontes filosóficas dele.

Para os estoicos acontecimentos são obras do acaso, pertencem ao movimento, estão na ontologia e na linguagem, conteúdo e expressão. Na escola de Zenão, o mais importante é a compreensão dos acontecimentos, isto é, compreender o movimento. Mas, qual a lógica das modificações dos átomos que ocorrem no mundo?

Para Espinosa, se sobressaem os movimentos dos encontros dos corpos, acontecimentos traduzidos em afetos transformando valores éticos e morais, que movem os corpos e a multidão. Foram os estoicos os primeiros a elaborar a independência entre conteúdo e expressão: eles distinguem as ações e as paixões dos corpos (dando à palavra "corpo" a maior extensão, isto é, todo o conteúdo formado), e os atos incorpóreos expressão (que são o "expresso" dos enun-

ciados). A forma de expressão será constituída pelo encadeamento dos expressos, como a forma de conteúdo pela trama dos corpos, em performances expressivas e seus conteúdos.

> Quando o punhal entra na carne, quando o alimento ou o veneno se espalha pelo corpo, quando a gota de vinho é vertida na água, há a *mistura de corpos*; mas os enunciados "o punhal corta a carne", "eu como", "a água enrubesce", exprimem transformações incorpóreas de natureza completamente diferente (acontecimentos). (DELEUZE; GUATTARI, 2011, v. 1, p. 28, grifos dos autores).

Acontecimentos empíricos na imanência do mundo, submetidos à linguagem e ao sentido, moldam sem formar por estarem sempre em contínua construção do devir, como afirmação da conexão e desconexão de multiplicidades. Esses estão submetidos às necessidades do acaso, à surpresa dos devires, gestados na exterioridade das relações.

> [...] quer se trate de pensar ou de viver o que sempre está em jogo é o encontro, o acontecimento, portanto a relação enquanto exterior aos seus termos. [...] Pensar nasce de um acaso. Pensar é sempre circunstancial, relativo a um acontecimento que sobrevém ao pensamento. Tem por que chocar a razão a ideia de que a filosofia encontra, assim, seu ponto de partida naquilo que ela não domina: como se alicerçaria ela sobre o que a coloca em xeque, sobre o próprio inexplicável, sobre o aleatório. Mas quem ainda fala em alicerce quando a lógica do fundamento ou princípio da razão conclui justamente pelo seu cômico e decepcionante? [...] o pensamento só pensa em uma conexão positiva com aquilo que ele ainda não pensa. (ZOURABICHVILI, 2016, p. 52-53).

Podemos concluir que sempre ocorrerão fluxos internos e externos de desejos, a partir do plano de imanência, em relação com o inconsciente e o pensamento, por mais que existam codificações dos variados *sócius*. Se negarmos isso deixamos de pensar, o que não é o caso, pois a hegemonia neoliberal se processa com codificações que moldam comportamentos. São as codificações dos fluxos coletivos, dos devires coletivos, utilizando atualmente recursos tecnológicos, falseando princípios econômicos e com empode-

ramento político global, resultado principal do capital financeiro crescentemente acumulado.

A filosofia, pelo exposto, nos parece um instrumental apropriado para, junto com a ciência e arte, suportar o pensar fora da gaiola sistêmica[9] neoliberal em que o globo está inserido. É inegável que o mundo, o *sócius*, produz signos e essa dinâmica faz com que ele seja composto de signos, expressos em representações na linguagem.

A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida, a vida não fala, ela escuta e aguarda. Em toda a palavra de ordem, mesmo de um pai para o filho, há uma pequena sentença de morte – um veredito, dizia Kafka.

> [....] É nesse sentido que a linguagem é transmissão de palavra funcionando como palavra de ordem, e não comunicação de um signo como informação. [...] A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas --- o que é bastante diferente --- transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de dado enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado. [...] O caráter social da enunciação só é intrinsecamente fundado se chegarmos a mostrar como a enunciação remete, por si mesma, aos agenciamentos coletivos (DELEUZE; GUATTARI, 2011, v. 2, p. 13-14, 17-18).

Nos interessam os signos, a linguagem, o movimento, os conteúdos e expressões em um mundo de referência de nosso problema: o neoliberalismo. Os seus agenciamentos misturam os corpos, enunciam o devir capitalista na vida, restringem a potência criativa e fecham alternativas ao determinar uma univocidade de determinada conduta.

Essa proposição filosófica de D&G nos motiva a recorrer à

9 Gaiola Sistêmica. É um conceito que servirá para mostrar o totalitarismo dos fluxos dominantes da axiomática capitalista neoliberal. Para D&G o Estado, no capitalismo, serve para dominar os fluxos desejantes descodificados, que resistem ou revolucionam, produzem axiomas que servem de controle para a prevalência dos fluxos assimilados. Os fluxos desejantes alimentam as máquinas desejantes que servem de captura a esse modo de exploração do trabalho e da terra. As grades da gaiola estão constituídas pelos axiomas capitalistas (Termo cunhado pelos autores).

sua filosofia para pensar o plano de referência do neoliberalismo, que produz a virtualização do mundo segundo sua irracionalidade, o recorte neoliberal do caosmos[10] que D&G apresentam.

Esse mundo neoliberal produz e reconhece mutuamente os rostos que identificam as sujeições sociais. Esses rostos são todos os rostos que reconhecemos, tais como os afetivos, os profissionais, os trabalhadores e os papéis os quais todos estão sujeitos e relacionados, tais como: médico, professor, advogado, administrador, pai, mãe, parente, amigo, marginais, indigentes, entre outros. Cada rosto possui uma semiótica própria produzida pelo *sócius* neoliberal, por sua vez fundada na exploração humana e na acumulação capitalista. Portanto, o mundo é massivamente expresso em uma semiótica de signos representados na linguagem, nas palavras de ordem em atos, ou em atividades expressas em cada rosto social.

Pensar, para D&G, conforme vimos, se dá no encontro de exterioridades, que para evitar o caos, deve estar fundado sobre o problema em seu plano de referência. A linguagem compõe-se de signos e de significantes, ou seja, conteúdo e expressão que sensibilizam, fazem com que a percepção provoque cognições ou recognições. Portanto, a partir de duas formalizações de diferentes naturezas - os conteúdos são as misturas de corpos, e as expressões são os acontecimentos incorporais como intuição, percepções, sensações etc. - naturezas independentes, heterogêneas e, entretanto, indissociáveis que se relacionam por conjugação ou vizinhança.

Os acontecimentos incorporais - virtuais e atuais subsistem nos estados de coisas e só aparecem no embate dos corpos:

> [...] temos antes uma individualidade de acontecimentos, o que não é em absoluto uma fórmula ambiciosa, já que as hecceidades[11] podem ser modestas e microscópicas. Em todos

10 Caosmos. Deleuze e Guattari tratam, a partir de um conjunto conceitual rigorosamente filosófico, do funcionamento do caosmo, a humanidade e o mundo. O mundo é, por princípio pura produção, multiplicidades em um devir profundo e inesgotável, está conectado às ações do universo. (GUATTARI, 2012, p. 94-101).

11 Hecceidades. Termo de filosofia escolástica medieval, concebida por seguidores de Duns Scotus, conceito que conjura "as qualidades, propriedades ou características discretas de uma coisa que a torna uma coisa particular. Hecceidade é uma pessoa

> os meus livros busquei a natureza dos acontecimentos; este é um conceito filosófico, o único capaz de destituir o verbo e ser o atributo (DELEUZE, 1992, p. 181).
>
> Os humanos têm a capacidade de doar sentido aos acontecimentos através dos verbos infinitivos ou substantivos deverbais de um idioma. Assim, enunciam-se os acontecimentos que subsistem os agenciamentos homens e seus devires homens. Deluze, na obra *Lógica dos Sentidos* salienta: [...] não se apreende a verdade eterna do acontecimento a não ser que o acontecimento se inscreva na carne; mas cada vez devemos duplicar esta efetuação dolorosa por uma contra efetuação que a limita, a representa, a transfigura." (DELEUZE, 1974, p. 164).

Acontecimento e seus agenciamentos associados moldam a subjetividade atribuindo rostos organizados, denominados pelos nossos autores de rostidade. A rostidade é a atribuição de papéis sociais a serem desempenhados, vinculados às linhas duras dos desejos e organizados pelo neoliberalismo.

Os rostos produzem sujeição e, da mesma forma, podem resistir à subjetividade, buscando outros agenciamentos que possam intensificar a vida, em consonância com os desejos intensos, vitais e fora do plano neoliberal. Contudo, os desejos só acontecem no plano de imanência e só podem estar agenciados pelo sujeito do agenciamento. Para apresentar as resistências e as aderências às sujeições correntes do *sócius* sobre os desejos livres e submissos, introduzimos os rostos de nossos personagens Avi e Luci@.

Luci@ trabalha na educação, contra efetua os agenciamentos neoliberais, resiste a eles com sua visão crítica, busca outros corpos críticos que possam compor com o seu. Constrói e preza amizades, busca afetos alegres os quais sejam capazes de movimentar ou criar outras máquinas desejantes, cria e conduz projetos alternativos, passeios pelos campos abertos, lisos. Luci@ sabe que precisa trabalhar, carece atuar com autoridade de docente, seu rosto social. Com ele necessita sobreviver e sabe que depende de coletivos

ou objeto *thisness*, a diferença individualizante entre o conceito "um homem" e o conceito "Sócrates"" (Hecceidade. *In*: Wikipédia, 2021).

diferenciados, solidários ou não, dependente majoritariamente do *sócius* dominante padrão, homem branco, heterossexual, proprietário. Luci@ está sujeita às crenças externas a ela, à legitimação das regras produzidas pelo direito, pela política e às determinações econômicas locais e globais desse padrão majoritário.

Em contraponto, Avi está igualmente submetido aos acontecimentos vitais reais e virtuais e cultiva seu rosto administrativo. Acredita precisar agir competitivamente, gerir a si próprio, seu trabalho, agir conforme a empresa espera, ser reconhecido profissionalmente e socialmente. No entanto, não se dá conta de que anula seus desejos de vida imanente e soberanos para submeter-se aos desejos empresariais de acumulação e aos seus de consumo e ostentação social. Sua existência é para competir e consumir, sua libido está no seu pseudo reconhecimento social. Atua nas redes sociais, alegra-se com *likes* e se entristece com *dislikes*.

Avi não apenas aceita os agenciamentos virtuais neoliberais, mas os incorpora, a todo custo, e os promove nas suas relações familiares, de trabalho e sociais. Acredita que a vida deve estar sujeita à competição, que os humanos são animais competindo para sobreviver, que a seleção social se dá pelo mérito do qual sua capacidade e preparo se configura no mercado. Considera-se no topo animal racional e acredita na seleção social. Acredita ser obrigado a estar adaptado aos parâmetros neoliberais torrenciais que lhe parecem naturais e jorram sobre ele. Sua crítica é direcionada contra o Estado ou qualquer obstáculo que julga restringir seu sucesso privado. Julga o Estado caro e ineficiente, acredita na austeridade fiscal, o que faz em sua economia doméstica, e tem o Estado como impeditivo do seu sucesso individual ou empresarial. Avi assume os riscos de uma dívida contraída para consumir, com sua visão calculista.

Enquanto Luci@ sente no corpo a iniquidade a qual está sujeito, vibra intensamente em resistência às privações impostas pelo regramento desigual, pela falta de oportunidades e empregos e não vê saída, a não ser coletiva. Busca coletivos diferenciados para agregar potências diferenciadas, tem sua crítica direcionada às relações sociais dominantes que se omitem quanto à potência legítima

de transformação democrática. Seus princípios se fundamentam na solidariedade, no respeito às diferenças dos outros sem se importar com raça, cor ou preferência sexual. Luci@ supera seus limiares de medos, preocupa-se com a política, com a ampliação das oportunidades coletivas e na preservação da vida alegre e solidária. Preocupa-se com a vida do planeta, mesmo tendo que resistir ou se sujeitar aos agenciamentos do neoliberalismo e sobreviver.

> Há um 'fato' majoritário, mas é o fato analítico de ninguém que se opõe ao devir-minoritário de todo o mundo. É por isso que devemos distinguir: o majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial e criado, criativo. [...] O devir minoritário como figura universal da consciência é denominado autonomia (DELEUZE; GUATTARI, 2011, v. 2, p. 56-57, grifo dos autores).

Avi, nesse exemplo, é majoritário e Luci@ é minoria. Avi adota o padrão molar de organização dos desejos, Luci@ adota o molecular, seus sentimentos e desejos vibram nesse plano molecular afetivo.

1.4 Agenciamentos das mídias digitais

Trata-se dos agenciamentos virtuais digitais e seus efeitos no plano atual, isto é, no plano de imanência. A produção virtual, fundada nos modelos de negócios digitais, agencia os comportamentos atuais. O poder econômico e uma nova fronteira do capitalismo se processa fortemente nos planos virtuais digitais. A fronteira do capitalismo, no século XXI, tem se processado destacadamente nesses planos.

1.4.1 O virtual e o atual

Os agenciamentos se expressam potencialmente no meio digital e das mídias produzidas, que cruzam o presente, com as múltiplas máquinas desejantes. Esse cruzamento do virtual com o

atual (tempo presente) gesta o devir mundo, somos nós no mundo. A seguir analisaremos essa dinâmica e as possibilidades de formação da univocidade neoliberal.

Uma das questões colocadas é se a mistura do virtual com o real pode gestar uma univocidade de subjetividades majoritárias, constituir subjetividades aderentes ao plano de referência neoliberal, e se é sustentável esse devir neoliberal nas relações sociais contemporâneas.

Para tanto, o maior desafio é compreender essa relação entre virtual e atual que produz os axiomas incorporados ao ser neoliberal. Recorremos a Pierre Dardot e Christian Laval na análise do neoliberalismo. Eles entendem não se tratar de ideologia e sim do fato de que o neoliberalismo se impõe como uma racionalidade muito mais à frente das ideologias políticas explícitas. É por meio de uma série de pressupostos compartilhados por maiorias e pela maior expressão dos partidos, com representação parlamentar no mundo. Nesse caso, inclusive os partidos que constituem a esquerda social democrática promovem os pressupostos neoliberais como verdades e reproduzem a "maioria" padrão: homem, branco, heterossexual e proprietário.

> Por maioria nós não entendemos uma quantidade relativa maior, mas a determinação de um Estado ou de um padrão em relação ao qual tanto as quantidades maiores quanto as menores serão ditas minoritárias: homem-branco, adulto-macho etc. Maioria supõe um Estado de dominação, não o inverso. Não se trata de saber se há mais mosquitos ou moscas do que homens, mas como "o homem" constituiu no universo um padrão em relação ao qual os homens formam necessariamente (analiticamente) uma maioria [...]. No entanto, é preciso não confundir "minoritário" enquanto devir ou processo, e "minoria" como conjunto ou Estado. Os judeus, os ciganos etc., podem formar minorias nessas ou naquelas condições; ainda não é o suficiente para fazer delas devires. Reterritorializamo-nos, ou nos deixamos reterritorializar numa minoria como Estado; mas reterritorializamo-nos num devir. […] Devir-minoritário é um caso político, e apela a todo um trabalho de potência, uma micropolítica ativa. É o

> contrário da macropolítica, e até da História, onde se trata de saber sobretudo como se vai conquistar ou obter uma maioria. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 92-94, grifos dos autores).

Minoria e maioria implicam em variáveis de expressão e de conteúdo, não podem estar expressas em quantidades. Dardot e Laval afirmam que o modo de produção econômico neoliberal é inseparável da produção de uma subjetividade majoritária de um novo tipo, produz uma subjetividade contábil pela criação de concorrência sistemática entre os indivíduos. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 30).

Os acontecimentos e agenciamentos de maiorias contemporâneas podem estabelecer nesse modo de produzir uma univocidade subjetiva, ou melhor, produzem o sujeito neoliberal? O ser é unívoco enquanto diferença e imanente aos outros entes do puro devir.

> [...] quando os substantivos e adjetivos começam a fundir, quando os nomes de parada e repouso são arrastados pelos verbos de puro devir e deslizam na linguagem dos acontecimentos, toda a identidade se perde para o eu, o mundo e Deus. (DELEUZE, 1974, p. 3).

Deleuze afirma que qualquer configuração ou modo de ser dos campos fenomênicos, isto é, do mundo do aparecer das coisas, é multiplicidade atravessada por devires, que, por sua vez, podem ser nomeados de "fluxos de intensidade". Intensidade é aquilo que flui. Os indivíduos agem e se movimentam em intensidades desejantes, por desejos, em dois planos: o plano de imanência e o plano de organização do *sócius*, para nós no recorte neoliberal.

Retornaremos a esse ponto mais à frente no livro. O plano de imanência é onde lidamos com a realidade vital, existencial, dos entes moleculares, das partículas de matérias e mentes, ou seja, a multiplicidade de forças conhecidas e desconhecidas que estão imanentes no cotidiano.

As forças do plano organizado do *sócius* capitalista codificam o conjunto de fluxos desejantes e reduzem as potências vitais condicionando-as à agenciamentos de luxo, sobrevivência e de

consumo. São legitimadas por axiomas, ou seja, premissas criadas como verdadeiras, que procedem o acoplamento dos desejos a esse plano "axiomatizado" pelo *sócius* neoliberal, onde os corpos afetam e são afetados. Essa imanência se procede desde o inconsciente e em meio à multiplicidade dos entes.

Não existe uma igualdade de seres e entes se observarmos a igualdade dos seres e a diferença que eles apresentam, só é concebível uma identidade exata se for uma diferençação[12] e não uma diferenciação. Essa diferençação se processa a partir do virtual, ainda não atual - memória, tempo presente - mas que traduz nele - no ser - mesmo uma realidade intensiva. A intensidade restrita dos fluxos neoliberais traduz a diferençação organizada para explorar a mais-valia na acumulação, no consumo e utiliza com eficiência o motor da virtualização da economia e do dinheiro.

O plano organizado como padrão da maioria, no capitalismo, estabelece generalizadamente a dinâmica da sujeição social dos desejos como o modo correto de viver e sobreviver. Com fundamentos na competitividade e na seleção social da máquina competitiva capitalista o indivíduo que não se adapta à virtualização neoliberal é um perdedor, um *loser*.

Como vive nossa personalidade avatar Avi? A televisão e as redes sociais são as fontes nas quais Avi investe seu tempo. Sempre que tem tempo para o lazer recorre ao expediente das redes sociais, das diversas mídias que pode ter acesso, as suas bolhas. Avi tem como objetivo criar a sua diferença na capacidade de consumo semelhante, identitário aos grupos bem-sucedidos, usuários de grifes, a partir de seu vazio de desejos inócuos busca a identidade diferençada dos ricos, um padrão incompatível com o seu rosto atual. Sabe que conquista o seu nível de consumo na competição, em um corpo social digital virtual e no real que age sob o *marketing*, pro-

12 Diferençação. Se contrapõe à diferença pura, não é diferença, mas algo que contrasta e ainda persiste em uma certa identidade. Deleuze e Guattari firmam a complexidade de um duplo movimento que vai expor precisamente as duas séries da estrutura. De acordo, numa ponta com um processo de virtualização ou diferençação e, na outra, segundo um processo de atualização, de diferenciação. Só reconhecemos um sujeito pelas suas diferenças em relação aos outros.

movendo o seu querer ter.

Possuir é o seu fundamento, o uso de grifes e artefatos de luxo atraem Avi. Ele acredita que as propriedades privadas têm o poder de congregar atributos diferenciados e luxuosos de bem viver que, se adicionados à sua vida, o tornam" ilusoriamente" superior, mais inteligente, mais bonito, bem-sucedido, com sua libido alimentada. Essas aparências, para ele, podem abrir as portas da ascensão social.

Portanto, Avi ambiciona mais propriedades, mais poder e realização material. Seus programas prediletos na TV paga são os de venda de mansões, na praia ou no campo, programas de negócios, sessões *gourmets* de *chefs*. Avi acompanha programas sobre restaurantes famosos em todo mundo, hotéis sofisticados, viagens a países ricos e visitas a lugares elitizados, mercado de aviões particulares, carros de luxo etc. Esses programas iluminam suas conversas no trabalho e com amigos.

Para conseguir ampliação de suas propriedades não só se adapta, a todo custo, à racionalidade neoliberal, como a promove, defende e se endivida. Privilegia os acontecimentos e os agenciamentos virtuais promovidos pelo consumo. Ele está acoplado às premissas de competitividade e convivência baseadas nos interesses utilitários e calculistas ou pelas paixões consumistas fomentadas pelo *matching*[13] digital. Quer incorporar, por meio do consumo, desejos manipulados pelo plano de organização neoliberal, na maioria inacessíveis. Quando sentidos por Avi, na forma de fluxos intensos, obstinados, esses desejos se tornam imprescindíveis e, como tais, exercem forças sobre sua vida.

Quando ele consegue realizá-los há resultado prático, mas contrai endividamento em moedas e juros proporcionadas pelos créditos fáceis do financismo neoliberal. Assim que os empréstimos

13 *Matching* e não *marketing* digital, significa o pareamento entre a mercadoria circulante e as preferências do indivíduo que são extraídas dos dados capturados e processados pela inteligência artificial dos instrumentos virtuais. Esses são compostos pelos algoritmos inteligentes que processam as *bigdatas* utilizando psicometria aplicada. (ZUBOFF, 2021, p.97).

são contraídos ocorrem acontecimentos ampliados de submissão maquínica, em função da dívida acrescida, que aprofunda e amplia a axiomática neoliberal. Avi está preso à sujeição do *sócius,* sob a submissão maquínica das mídias, dos bancos e das redes sociais. Está aprisionado nas palavras de ordem cotidianas que reproduzem uma semiótica neoliberal, em conformidade ao padrão organizado.

Da potência ao ato, e do possível ao real, o que se apresentam são interrogações de questões ontológicas, não físicas, gnosiológicas, míticas, sonhos, éticas ou dinâmicas restritivas nessa navegação do plano organizado para o plano de imanência. Quando toda uma produção virtual desagua em realidades atualizadas, cotidianamente, dependentes dos fluxos abstratos da moeda, do trabalho e acumulação, o devir da existência prioriza, de maneira inédita, os acontecimentos que confluem para reforçar a racionalidade neoliberal. Não se deixa saídas para as dinâmicas de resistências ou de transformações efetivas no plano de imanência que possam pensar, agir e romper essa racionalidade.

Navegamos nas decorrências nesse contexto do virtual que age sobre o atual, nessa era de comunicação ubíqua e de inteligência digital. O plano neoliberal cria crenças, condutas e linhas de forças que determinam a única via de sobrevivência possível, estabelecendo-se em conformidade a ela. Pensar fora do plano estriado neoliberal requer pensar a filosofia da vida e questionar os fundamentos que o suportam. Pensar quais direitos legitimam esses fundamentos e qual vida resulta desse plano que promove os fundamentos econômicos, políticos e de direitos sujeitando a vida humana resultante.

A filosofia de D&G evoca conceitos de multiplicidades dinâmicas, rizomáticas, redes infinitas de tramas ligadas em todos os sentidos. As multiplicidades congregam elementos atuais, virtuais e desconhecidos, ou que não se atualizaram, em uma dinâmica do movimento dos acontecimentos que agenciam o plano de imanência em que vivemos.

Não há objeto puramente atual. Todo atual está sujeito a

uma nuvem virtual, composta por lembranças, imagens, figuras, hipertextos, palavras chaves, assuntos aprendidos, artigos científicos, reportagens, jornais, notícias, vídeos e filmes. Além disso, há tudo que está na memória duradoura (memória de interesse ou não), iminente apenas enquanto objeto de interesse, ou seja, memórias digitais rápidas fulgurativas instantâneas de ínfima duração.

Porém, a atualização do virtual se faz sempre mediante diferença, divergência ou diferenciação. A atualização rompe tanto com a semelhança como com os processos, rompe com a identidade enquanto princípio. Jamais os termos atuais se assemelham à virtualidade na qual se atualizam, pois as qualidades e as espécies não se assemelham às relações diferenciais que encarnam. A atualização e a diferenciação, nesse sentido, é sempre uma verdadeira criação. Portanto, atualizar-se:

> Não paramos de invocar o virtual. Não seria isso recair no vago de uma noção mais próxima do indeterminado do que das determinações da diferença? Todavia, era isso que queríamos evitar ao falarmos, precisamente de virtual. Opusemos o virtual ao real; agora, é preciso corrigir essa terminologia que ainda não podia ser exata. O virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O virtual possui uma plena realidade como virtual. Do virtual é preciso dizer exatamente o que Proust dizia dos estados de ressonância: "Reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos", e simbólicos sem serem fictícios. O virtual deve ser definido como uma parte própria do objeto real – como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual e aí mergulhasse como uma dimensão objetiva. [...] A realidade do virtual consiste nos elementos e relações diferenciais e nos pontos singulares que lhes correspondem. A estrutura é a realidade do virtual. Aos elementos e às relações que formam a estrutura devemos evitar, ao mesmo tempo, atribuir uma atualidade que eles não têm e retirar a realidade que eles têm. (DELEUZE, 2006, p. 294, grifo do autor).

Parece tangível que tudo que é virtualizado pelo plano de referência neoliberal está, igualmente, nos suportes da nuvem computacional, midiática, dos *app´s,* nos *softwares* de relacionamentos, empregos, na economia virtual, na busca por trabalho e renda em

sites profissionais. Esses últimos nos sujeitam a pensar como o neoliberalismo promove a hegemonia unívoca dos sujeitos. O atual é parte virtual e parte real, essa conjunção tem a hegemonia virtual neoliberal nas mídias e redes sociais.

Atualmente o neoliberalismo é viabilizado nos meios virtuais da rede global de computadores interligados em *real time,* por fibras óticas, veiculando falsos conceitos em propagandas. Os fluxos intensivos neoliberais, quando baixam das nuvens, baixam com enorme poder de atualizar o real dramaticamente fazendo prevalecer a sua racionalidade. Então, apesar do acesso às redes de computadores para outras funcionalidades disponíveis, tais como: postagem, comunicação entre pares, comunicações *n* para *n*, comunicação de conteúdos e expressões, acesso às artes, cinema, toda matéria cultural e de serviços são restritos ou oferecidos majoritariamente pela semiótica neoliberal.

Fluxos codificados são submetidos a modelos de negócios virtuais, sempre com a característica de serem ativos, movidos por dinheiro, enquanto a grande massa de internautas tem participações majoritariamente reativas e passivas por serem obrigados a interagir condicionados às regras de negócios.

Em contrapartida, produtores de conteúdos e expressões utilizadas em propagandas produzem tudo que é virtualizado com a força econômica da acumulação. O conteúdo de fluxos intensivos revolucionários depende de conformidades estabelecidas pelos negócios para circular e não ser bloqueado ou passível de ser axiomatizado aumentando a exploração e a acumulação. Quando o que fazemos no real é intermediado pela virtualização nas nuvens, ou seja, pelo virtual, a predominância paga da racionalidade neoliberal atinge a todos.

A questão que se coloca sobre o virtual é: Existe uma inteligência do virtual? John Raichman (2017) coloca que Deleuze se torna inseparável de um novo estilo de inteligência, anunciada por uma "virtualização" da grande tradição filosófica descobrindo linhagens subterrâneas, pares estranhos. A inteligência deleuziana

é, primeiramente, uma arte do virtual.

O conceito de D&G sobre o virtual não se restringe, obviamente, ao plano neoliberal da presente análise, esse é infinitamente mais abrangente no plano filosófico, na história da filosofia e do pensamento. Não obstante, a questão tratada neste estudo é: se com as novas tecnologias, as redes sociais impregnadas com o *marketing* digital, as transformações virtuais do trabalho, da renda, da economia, do direito e da política, distribuídas digitalmente possuem a potência de fazer prevalecer a racionalidade neoliberal? Serão elas capazes de criar uma univocidade subjetiva neoliberal? Quais os fundamentos legitimados pelo direito, pelas crenças que promovem a vida contemporânea, como a vemos? Como suportamos as distorções da hegemonia mercantil acumuladora que virtualizam a humanidade tornando-a mercadoria?

> O dinheiro não é a riqueza, mas sua virtualidade. Por paradoxal que isto possa parecer, ele é inapropriável, ou melhor, por sua incessante circulação transforma o público em privado, e o privado em público, fazendo cada um, e cada um diferentemente, participar da inteligência coletiva do mercado capitalista. (LÉVY, 2011, p. 129).

Pierre Lévy (2011), conceitua a economia moderna como a economia da desterritorialização ou da virtualização. Para afirmar essa característica da economia, obviamente é fácil constatar que as telecomunicações, as tecnologias de informação e comunicação, o comércio eletrônico e as tecnologias disruptivas transformam o trabalho em forma de aplicativos. A robótica e a *machine learning* da indústria 4.0 são máquinas virtuais e atuais da economia. Citamos ainda outros serviços como hospedagens, turismo, entretenimento, transportes, delivery e, de sobremaneira, a incrível acumulação financeira, sendo o setor que mais investe em tecnologias de comunicação e transacionais, com todos os seus processos virtualizados.

> As bolsas de valores e de *commodities* mundiais são as que mais investem em inteligência artificial para compra e venda de ações e querem mais capacidade e velocidade transacionais, todos se movimentam efetivamente nos planos virtuais. (PARANÁ, 2016, p. 118-120, grifo do autor).

A forma virtual da economia mundial só se atualiza quando realiza um serviço, ou a entrega de produtos, ou a compra e venda de títulos, ações, *commodities*. O virtual é atualizado e a atualização reforça a virtualização. A atualidade é predominantemente imbricada com o modo virtual e em uma dinâmica que acelera a realidade em inúmeros planos, sistematicamente. Isso ocorre em uma velocidade tal, que ainda não sabemos quais consequências produzirão nos devires humanos. Essa virtualização generalizada é resultado de modelos de negócios neoliberais que rasgam regras, sobrepõem Estados e possuem uma dimensão planetária.

1.5 Pensar o espaço estriado do neoliberalismo

Nossos personagens típicos atuam nos cenários apresentados anteriormente, no entanto, em quais situações possíveis eles são afetados? Visitemos o nosso personagem neoliberal.

Avi está desempregado e consegue, pela *internet*, inúmeros cursos de capacitação sendo alguns gratuitos e outros acessíveis economicamente. Dispõe de tempo para realizá-los, entre um serviço temporário e outro, quando não está nos cursos *online* ou em algum serviço temporário, situação que parece manter-se constante.

Avi navega nas redes e recebe vasta publicidade de inumeráveis produtos que lhe seduzem, recebe opiniões políticas de seguidos e seguidores, não consegue sair dessa bolha e investe seu tempo nisso. Ansiosamente, ele faz a gestão da sua capacitação para ganhar competitividade na disputa pelas escassas vagas que surgem para o seu perfil, porque precisa pagar as contas. Tudo está mudando, inclusive seu mercado de trabalho, sua profissão tende a não existir mais, como tantas outras que foram automatizadas.

As contas a pagar crescem embaixo de sua porta, algumas já não paga mais. Seus amigos raramente dirigem mensagens a ele e isso inibe sua libido para exercer poder de chefe e ter reconhecimento em amizades ilusórias. Avi não tem tempo para escrever, todavia recebe *likes* e envia *likes.* Avi sorri e vê sua imagem espelhada

na tela de seu telefone *smartphone.*

O sistema neoliberal está fazendo com que entremos na era pós-democracia. Desde 1930, o liberalismo conjura uma ideia muito particular de democracia, derivada de uma antidemocracia, por contrapor o direito privado em supremacia absoluta. Este deveria ser isento de qualquer deliberação e de qualquer controle, mesmo sob a forma do sufrágio universal (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 8).

Em 1930, ocorreu a revisão das doutrinas e das políticas do *laissez-faire*. Entre as décadas de 1970 e 1980 o *laissez-faire* era tido como ideologia e política econômica, criavam-se conceitos em que o mercado era uma realidade natural, humana. Esta teoria era sustentada por Jean Baptiste Say e Frederic Bestia, que produziram uma ontologia naturalista do mercado.

A principal consequência da liberdade de mercado seria o equilíbrio, a estabilidade, o crescimento e a distribuição das riquezas. Nessa concepção o governo atrapalha esse curso natural, sendo necessário haver uma política abstencionista, ou seja, o *laissez-faire* relacionado às forças produtivas. Virtualmente apontavam a necessidade de desregulamentação do sistema de saúde, trabalho e meio ambiente. Novos axiomas[14] foram definidos e acrescentados à nova racionalidade neoliberal, para fomentar agenciamentos de controles de novos fluxos decodificados e controlá-los. Novos fundamentos nefastos são legitimados artificialmente resultando no caos neoliberal vivido por nós, na contemporaneidade.

> Com essa nova versão do liberalismo, que é instaurado por forças e poderes que se apoiam uns nos outros em nível nacional e internacional. Oligarquias burocráticas e políticas, multinacionais, atores financeiros e grandes organismos econômicos internacionais formam uma coalizão de poderes concretos que exercem certa função política em escala mundial. Além dos fatores sociológicos e políticos, os próprios móbeis subjetivos da mobilização são enfraquecidos pelo sistema

14 Axioma. Conceito criado na matemática por Russel, Frege, Peano, Hilbert, dentre outros, e significa pontos de partida convencionalmente aceitos e não como verdades em si. É usado por D&G para definir a axiomática, ou seja, a operação do capitalismo contemporâneo em sua história universal e sua semiologia geral.

> neoliberal: a ação coletiva se tornou mais difícil, porque os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis, predomina a desconfiança. As formas de gestão de empresas, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação remota (avaliação virtual na sociedade de controle), são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 9).

A partir da década de 1970, surge o Estado antintervencionista que causa o enfraquecimento dos programas sociais, promovido principalmente por Friedman, Hayek, Thatcher e Reagan e, posteriormente, por Alain Greenspan. O Estado é norteado por um fanatismo de mercado e passa a transformar a democracia em uma democracia de negócios, sob a égide da dívida pública e privada, sitiada pelas oligarquias que controlam o capital financeiro (STREECK, 2013, p. 60-80).

O neoliberalismo promove a normatividade prática a qual a prática efetiva presta-se para orientar governos, empresas e bilhões de pessoas, com políticas cada vez mais ativas. Essas políticas apregoam a destruição programada das instituições e das regulações conquistadas democraticamente, modelando a forma de nossa existência, com o objetivo do Estado mínimo e da acumulação máxima.

A axiomática prática (máquina de produzir axiomas) tem como fundamento modular e moldar a conduta dos cidadãos, ou melhor, a autoconduta. A axiomática é utilizada por D&G para expor a lógica da operação do capitalismo contemporâneo, em sua história universal, bem como em sua semiologia geral. A axiomática refere-se à produção de axiomas legitimadores da acumulação, verdadeiros ou não, isto porque, em sua produção, não é necessário fornecer definições dos termos com os quais trabalha para a legitimação do direito privado.

Contudo, essa axiomática coordena um domínio de fluxos de desejos descodificados, ou codificados pelo capitalismo, em uma dinâmica de adições ou subtrações de axiomas particulares ou co-

mandos. Nesse caso, as leis supostamente aceitas pelo *sócius*. Dessa forma, os axiomas operam sobre elementos e relações cujas naturezas não precisam ser especificadas, são integrados por teoremas ou modelos de processos e agenciamentos aplicados a certas situações, materiais ou empíricas.

O neoliberalismo produz axiomáticas empresariais em todos os níveis da existência. Foucault chama de governamentalidade a atuação dos Estados nações modernos, conduzindo a vida e os comportamentos. É o governo da mentalidade. A competição generalizada gera acontecimentos, por mais de um terço de século, e seus agenciamentos remodelam a univocidade subjetiva de caráter neoliberal.

Destacamos quatro fatores que possibilitam a remodelagem da univocidade: (1) conquista do poder pelas forças neoliberais tendo nas eleições um forte poder econômico; (2) rápido crescimento do capital financeiro globalizado; (3) individualização das relações sociais produzindo novos sujeitos com novas patologias psíquicas, como a Síndrome de *Burnout*[15]; (4) produção "z" da nova razão global com a totalização de todas as dimensões da existência humana.

Essa axiomática neoliberal estrutura e organiza os governantes e os governados com a generalização da concorrência moldando a face do capitalismo contemporâneo. Essa face apresenta o neoliberalismo como a própria razão do capitalismo, resultado da sua construção semiótica histórica, traduzindo-se nas normas gerais de vida.

O neoliberalismo é o novo modo de governo dos homens e

15 Síndrome de *Burnout*. Sensação de esgotamento físico e emocional que se reflete em atitudes negativas como ausências no trabalho, agressividade, isolamento, mudanças bruscas de humor, irritabilidade, dificuldade de concentração, lapsos de memória, ansiedade, depressão, pessimismo, baixa autoestima. A síndrome de *Burnout* (do inglês to burn out, algo como queimar por completo) também chamada de Síndrome do Esgotamento Profissional foi assim denominada pelo psicanalista alemão Freudenberger após constatá-la em si mesmo, no início dos anos 1970. Como sintomas o portador de *Burnout* deseja ser o melhor, sempre demonstrar alto grau de desempenho e mede a autoestima pela capacidade de realização e sucesso. (Espaço Vital. Jusbrasil, 2014).)

está sob o princípio universal da concorrência. Compõe-se de práticas, de dispositivos que geram os acontecimentos da racionalidade política e uma específica razão governamental, com o objetivo de gerir as condutas dos homens. A axiomática governamental apresenta o governo como atividade e não como instituição, o governo deve ser conduzido e conduzir a todos como empresas e não como instituições, isto é, predomina o modelo de empresa privada.

As políticas deliberadas pelo Estado universalizam na economia a lógica da concorrência, eficiência e produtividade, suportam a expansão das finanças de mercado e os financiamentos das dívidas públicas nos processos de compra e venda de títulos. Com a desregulamentação, ou seja, a subtração de axiomas que restringem as atividades financeiras de forma deliberada, proporciona a alavancagem vazia e as crises que abalam a economia global. Como exemplo, citamos a crise financeira mundial de 2008, ocorrida recentemente.

O espaço estriado do neoliberalismo submete a todos em uma governamentalidade sob um quadro normativo global, em nome da liberdade de mercado. Igualmente, a liberdade de mercado orienta as condutas dos indivíduos e faculta restritivamente suas escolhas e práticas. Esse processo emprega técnicas de poder e tecnologias inéditas sobre as condutas e as subjetividades.

Para isso, o neoliberalismo propõe a des-democratização ao incentivar o esvaziamento da democracia sem, no entanto, extingui-la, colocando como leis naturais evidentes as relações capitalistas. Estas se apoiam nas margens de manobra concedidas ao indivíduo, orientando-o de nova maneira em sua "gestão de si", afetando suas escolhas e práticas.

A economia está imbricada em um quadro jurídico institucional de ordem concorrencial, tanto mundial como nacional, cujo devir é se renovar, por meio de crises, e o motor é a acumulação cega. Estado e sociedade estão submetidos ao "neo" conjunto de regras constituindo outro regime de acumulação e outra sociedade. O direito jurídico pertence, de imediato, às relações de produ-

ção moldando o econômico internamente. Para isso, conta com as multiplicidades geradas pela economia neoliberal, pela sociedade neoliberal e a política neoliberal traduzindo o capitalismo em uma complexa axiomática jurídico econômica.

Como resultado, a axiomática de mercado incentiva o devir de uma expansão ilimitada, com excesso de finanças e uma ditadura dos mercados, com a neocolonização dos Estados pelo capital financeiro. A crise mundial é uma crise geral da "governamentalidade neoliberal", isto é, de um modelo de governo com economias e sociedades baseado na generalização do mercado e da concorrência. Neste modelo, a acumulação financeira é a pedra de toque sobre os Estados endividados (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 27).

1.5.1 O que é pensar para Deleuze e Guattari?

Pensar, nesta análise, possui suma importância porque estamos perguntando se existe como pensar fora da chamada gaiola sistêmica neoliberal. Sabemos que pensar é o encontro de exterioridades, de múltiplas diferenças, múltiplas variáveis, perceptos, afetos e múltiplas relações de conceitos contextualizados em problemas, no plano de imanência.

O caos de opiniões não nos serve para essa análise, queremos pensar com a filosofia da vida e, para isso, é preciso circunstanciar o problema e conhecê-lo para relacionar conceitos. O pensar, em sua potência criativa, dá-se em espaços lisos, não estriados, não normativos e não estruturados, horizontalmente ou verticalmente. Pensar não é a versação de opiniões individuais ou interpretações aleatórias no caos das múltiplas variáveis que nos apresentam.

> Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos. São variabilidades infinitas cuja desaparição e aparição coincidem. São velocidades infinitas, que se confundem com a imobilidade

> do nada incolor e silencioso que percorrem, sem natureza e sem pensamento. É o instante que não sabemos se é longo demais ou curto demais para o tempo. Recebemos chicotadas que latem como artérias. Perdemos sem cessar nossas ideias. É por isso que queremos tanto agarrarmo-nos a opiniões prontas (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 237).

Pensar, para D&G, se dá por três vertentes: pela filosofia, a ciência e a arte. A filosofia está ligada a conceitos, a ciência a funções e a arte a perceptos e afetos. Para Deleuze, filosofia é a criação de pensamento, de formas de pensamentos, filosofia é criação e faz nascer algo que não existia antes. Para ele, a ciência cria funções, a arte cria sensações, perceptos e afetos, mas a filosofia cria conceitos.

A filosofa não está posta, ela legitima saberes, uma vez que o filósofo não descobre saberes, a filosofia inventa e cria conceitos. A filosofia, para Deleuze, é um sistema aberto de relações. Independentemente dos termos, as relações são fundamentais e conceituais, são relações entre conceitos criados pelo filósofo ou já criados por outros. Para D&G, os conceitos são oriundos do plano de imanência e criados a partir do recorte do problema, para que a filosofia possa emergir.

Nesse plano, Deleuze atualiza conceitos da história da filosofia revigorando seus pensadores e renovando ou recriando conceitos atualizados. Para isso, Deleuze, em grande parte de sua vida filosófica, estudou a história da filosofia, bem como os filósofos anteriores e contemporâneos podendo criar e não apenas mimetizar os pensamentos. Ele considerou a exterioridade de seus pensamentos em encontros com outros filósofos, de sua escolha, e encontrou Guattari criando e relacionando novos e velhos conceitos.

Torna-se um desafio pensar nesses termos, sair dos espaços planos normatizados, estriados e planos de crendices, para um espaço liso. Nesse espaço, tudo está para ser criado a partir do caos infinito das opiniões, dos acontecimentos, dos agenciamentos e dos planos virtuais e atuais que agem na existência.

Deleuze e Guattari são onerados injustamente, até os dias de hoje, por criarem e relacionarem inúmeros conceitos inéditos e

mal compreendidos. Para eles, é necessário encravar uma tábua de sustentação, com vigas que suportem os fundamentos da criação de conceitos, determinem o problema a ser traçado, para servir de contexto, e para pensar novos conceitos. Portanto, somente a partir de problemas da existência que o pensar tem sua potência, apresentando-se no plano da imanência.

Mais fácil é se agarrar às opiniões neoliberais fundadas na axiomática, que por sua vez codificam e controlam os fluxos intensivos desejantes, sendo esses submetidos ao instrumental tecnológico digital que impera no atual. A gaiola sistêmica não deixa saídas, novas grades se moldam, adicionam ou subtraem axiomas imbricados à difícil luta pela sobrevivência. É preciso que pensemos para fora da gaiola sistêmica e com novos pensares fundados na filosofia nômade.

1.6 Filosofia, arte e ciência na geopolítica neoliberal

A era das comunicações, conectividade ubíqua de todos, para todos e o acesso à informação abrem a possibilidade de um devir do conhecimento e de uma nova sociedade do conhecimento. A tecnologia digital, que armazena e fornece informações sobre tudo, veicula todo tipo de propaganda, se dizendo produtora de conceitos, modas, *marketing* e fomento de consumo. Tudo isso nos faz pensar, de alguma forma, com fundamentos codificados. Será isso é pensar com a filosofia, a ciência e a arte?

Vejamos, o que presenciamos é uma atualidade com falsos fundamentos ou fundamentos direcionados, uma axiomática que pretende estabilizar ou controlar fluxos descodificados de desejos, melhor dizendo, os fluxos que saem do controle ou que nunca estiveram codificados são desconhecidos. Mas isso cria um abismo entre o direito comum e o privado. As velocidades das transmissões em redes, TVs, rádios, filmes, séries, associadas à sedução que o *matching* digital exerce, evidenciam que os agenciamentos são predominantes na captura dos fluxos desejantes.

A propaganda vem sendo protagonista na criação de conceitos comerciais, por sua vez superficiais e nas comemorações comerciais, a exemplo do dia das mães, dia dos pais, namorados, páscoa e assim por diante. Exploram sentimentos com bases comerciais, no entanto, os conceitos, para D&G, possuem origem nos acontecimentos, mas o plano imanente é o horizonte dos acontecimentos. A imanência é o reservatório ou a reserva de acontecimentos, puramente conceituais:

> Os conceitos são o arquipélago ou a ossatura, antes uma coluna vertebral que um crânio, enquanto o plano é respiração [...] os conceitos são superfícies ou volumes absolutos, disformes e fragmentários, enquanto o plano é o absoluto ilimitado, informe, nem superfície nem volume, mas sempre fractal. Os conceitos são agenciamentos concretos como configurações de uma máquina, mas o plano é a máquina abstrata cujos agenciamentos são as peças. Os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais: não o horizonte relativo que funciona como um limite, muda com um observador e engloba estados de coisas observáveis, mas o horizonte absoluto, independente de todo observador, e que torna o acontecimento como conceito independente de um estado de coisas visível em que ele se efetuaria. Os conceitos ladrilham, ocupam ou povoam o plano pedaço por pedaço, enquanto o próprio plano é meio indivisível. (ibid., p. 46).

Diante das dificuldades, em relação aos conceitos independentes e filosóficos, emerge o conhecimento solto e a axiomática capitalista se impõe, com fundamentos rasos. Essa axiomática submete a relação de conceitos comerciais à superfície plana, escorregadia, sem outros planos conceituais ou de problemas relacionados. Produz-se conhecimentos superficiais e falsa filosofia baseados em interpretações superficiais, opiniões, crenças fixadas em expressões intensivas, geralmente direcionadas à captura dos desejos pela identidade, exploração e consumo.

> Se é isso que se chama filosofia [ou conhecimento - nota do autor], compreende-se que o *marketing* se apodere do conceito, e que o publicitário se apresente como o conceituador por

> excelência, poeta e pensador: o deplorável não está nesta apropriação desavergonhada, mas antes de mais nada, na concepção da filosofia que a tornou possível (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 119, grifo do autor).

A atualidade relacionada com a virtualidade dos planos e modelos de negócios neoliberais produz, predominantemente, univocidades de personalidades sujeitas a uma axiomática neoliberal e de submissão ao *sócius*. Elas são capturadas pelas máquinas técnicas e sujeitas ao *sócius* que as reproduzem, *sócius* como univocidade produzido e producente.

As personalidades atuantes, com rostidades[16] prevalentes exercem os papéis sociais que seguram, alimentam a libido, estão por toda parte e se constituem em devires. O devir da personalidade de Avi predomina enquanto o devir da personalidade Luci@ é praticamente insignificante. O pensamento crítico se restringe a um embate de opiniões sobre falsos fundamentos.

Para Deleuze, qualquer opinião afastada da filosofia, da ciência e das artes são opiniões de idiotas. A geopolítica neoliberal se afasta das ciências, das artes e da filosofia. Nega a filosofia porque precisa da nossa crença de que o mercado competitivo é a ontologia natural e se desenvolve na premissa de bárbara natureza humana. Nesse sentido, estão postas as influências de Hobbes e Carl Schmitt, em que ocorre o medo do homem pelo próprio homem, de se fazer de lobo para o próprio homem e da necessidade de ter poder soberano com a finalidade de ter a comunidade humana sob controle.

Contudo, a dinâmica capitalista não se processa apenas em contratos privados ou públicos, ela se dá na conjunção de fluxos

16 Rostidades. Conceito que deriva de rosto. O rosto social que assumimos e nos permite dizer eu sou esse ou aquele. Surgem os problemas como: Quem é você? O que você quer? Estas perguntas nos inscrevem em um regime de signos. Para D&G existe um muro branco, conceito que representa o regime de signos dado, insere o rosto conforme os signos dominantes. Guattari desenvolve o conceito de Buraco Negro, o lugar de onde nada sai, onde somos nós mesmos. É o sujeito que aprendeu a dizer "Eu Sou", mesmo tendo uma subjetividade formada de fora, do Muro branco, no regime de signos do *sócius*. A rostidade é o que o *sócius* reconhece, possibilita a inserção do sujeito no trabalho e na vida social codificada.

abstratos, como o fluxo do trabalho associado ao encontro com o fluxo abstrato do capital, sendo esse mediado pela moeda. No neoliberalismo surge a nova versão do lobo de si mesmo, o sujeito como gestor de si. Com isso, resta naturalmente, a competição bárbara, supostamente podendo ser domada pelo contratualismo ou por uma dinâmica axiomática soberana. Essa dinâmica axiomática pode subtrair ou adicionar axiomas de controle constituindo poderes desejantes soberanos, os quais todos se agarram e mesmo afetados com a auto repressão de si, a defendem.

Assim sendo, a produção de fluxos descodificados se sucede e não é freada. A produção de normatividade baseada nessa crença competitiva se constitui em uma recorrência que se processa em uma dinâmica sempre mais forte, baseada no falso fundamento da competição natural, bem como no fundamento que firma a natureza violenta do ser humano. Abstrai-se o terrível cenário de iniquidade e a escassez de empregos e cenários miseráveis no mundo todo. Presos na tradição da filosofia clássica binária em que se separa o bem do mal, a verdade do falso, a dialética contrapõe o que pode ser falso e o que pode ser verdadeiro, ou mais verdadeiro ou mais falso, dependendo do polo em que se fixa a perspectiva.

A dialética possui dinâmicas consistidas em um contínuo processo bipolar no qual prossegue para aprimorar o conhecimento sobre determinado assunto, mas que flui sobre uma corda bamba balançando para um lado verdadeiro e outro falso. Deleuze e Guattari negam a dialética, substituem a bipolaridade por multiplicidades. Para eles, o ser não "É", o ser é "E", ou seja, uma multiplicidade de atributos em uma dinâmica do devir.

Existe uma potência humana de criação e de afetos que extrapolam a dialética do bem e do mal. Nem bom nem mal, mais do que tudo, a vida e a imanência, encontram-se em sua multiplicidade de forças externas, múltiplos entes e forças internas que se atualizam e constroem os devires com uma dinâmica de mudanças, sem limite para a chegada, sempre em construção.

Para Espinoza, ninguém aspira afetos tristes, dolorosos ou

afetos de faltas, o que se quer são afetos alegres, queremos sentir e provocar afetos alegres em outros corpos. O contrato social de Rousseau, em contraposição a Hobbes, apresenta o *buon sauvage*, acredita que o homem é bom em sua natureza conseguindo perceber a dor de outro animal e de sua espécie. Rousseau relaciona conceitos diferentes no seu contrato social, mas D&G vão além dessa relação binária e transcendente, o importante para eles é a imanência.

O neoliberalismo tem obtido forças múltiplas ao criar axiomas que transformam o seu totalitarismo organizacional com suas forças negativas de competição, exploração e individualismo em forças positivas. Essa forças positivas trazem satisfações, realizações e sentidos libidinais. Na atualidade, não importa a filosofia, ciência ou arte ao neoliberalismo. No extremo dessa racionalidade estão o poder privado, o negacionismo, o fascismo e o totalitarismo da axiomática capitalista, fomentando a exploração e a conduta dos indivíduos.

O relevante é fazer prevalecer a racionalidade da competição, a supremacia do mercado, o consumo e a acumulação ilimitada do capital. A axiomática contratualista tem como consequência o aumento do poder político do neoliberalismo e a permanência do direito privado que garantem contratos privados e a repressão pela força.

A doutrina do Estado mínimo totalitário tem a finalidade de gerir os indivíduos como organizações privadas objetivando o lucro, bem como introjetar a gestão empresarial no sangue, enquanto supremacia. Essa doutrina do Estado mínimo atua como se houvesse uma base natural competitiva da seleção social darwinista, obviamente distorcida.

Diferentemente da seleção natural das espécies, a atual seleção social, nos termos neoliberais, não considera a solidariedade entre corpos, mentes, razão, desejos e paixões. Tudo isso está no indivíduo, porém submetido ao direito privado burguês, com a crença de que o mercado é o ente natural do *sócius*. Os indivi-

dualistas diminuem o papel do Estado na conjuração permanente do Estado mínimo reduzido à finalidade de suportar a axiomática capitalista neoliberal, fundada na sobre-exploração do trabalho e na acumulação ilimitada capitalista.

1.6.1 O que é filosofia? Pensar, esquizo, pensar...

A seguir, nos dedicaremos ao potencial que os corpos possuem como a potência de pensar plenamente, de não se sujeitarem ao que aparentemente "falam" à consciência. Isso ocorre desde quando abrimos os olhos e permeia a infância, na família. Trataremos da importância do pensar livre e criativo que possa romper a gaiola sistêmica, olhar para fora dela, sair e viver.

Avi tem muito medo do caos, dedica-se a organizar sua vida e sabe que, mesmo não se apegando às opiniões correntes, que estão à mão, fáceis de achar, não será necessário buscá-las ativamente, uma vez que elas o encontrarão, estabelecendo-se e seduzindo. Avi tem opiniões próprias e mimetiza o mundo, sendo incapaz de pensá-lo fora da gaiola sistêmica, visto que precisa dela para atingir seus objetivos consumistas e de vida morta.

> Se o cinábrio fosse ora vermelho, ora preto, ora leve, ora pesado [...], minha imaginação não encontraria a ocasião para receber, no pensamento, o pesado cinábrio com a representação da cor Vermelha. E, enfim, para que haja acordo entre coisas e pensamento, é preciso que a sensação se reproduza, como a garantia ou o testemunho de seu acordo, a sensação de pesado cada vez que tomamos o cinábrio na mão, a de vermelho cada vez que o vemos, com nossos órgãos do corpo, que não percebem o presente, sem lhe impor uma conformidade com o passado. É tudo isso que pedimos para formar uma opinião, como uma espécie de "guarda sol" que nos protege do caos. Nossas opiniões são feitas de tudo isso. Mas a arte, a ciência, a filosofia exigem mais: traçam planos sobre o caos. Essas três disciplinas não são como as religiões, que invocam dinastias de deuses, ou da epifania de um deus único, para pintar sobre o

> guarda sol um firmamento, como as figuras de uma Urdoxa[17] de onde derivam nossas opiniões. A filosofia a ciência e a arte querem que rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos. Só o venceremos a esse preço. Atravessei três vezes o Aqueronte como vencedor. (ibid., p. 237-238, grifo do autor).

A resistência neoliberal à educação filosófica, desde o ensino primário, é uma evidência da importância da filosofia para instrumentalizar em todos a capacidade do pensar crítico e que possa livrar a potência do pensamento das forças totalitárias do capitalismo. As obras *O Anti-Édipo*, *Mil Platôs*, e *O Que é Filosofia?* de D&G estão em destaque para pensar o século XXI. Os ineditismos dos novos conceitos, nessas obras, liberam o pensamento para que a produção desejante não seja capturada apenas pelas máquinas codificadas de antiprodução. É imprescindível abrir a possibilidade de romper a gaiola sistêmica, eliminar os desejos codificados de poder, não acoplar os desejos na máquina neoliberal capitalista, sendo isso essencial para a sobrevivência da vida no planeta.

É necessário pensar em outra sujeição social, com dinâmicas construtivas e solidárias, as quais os afetos possam compor os corpos, fundamentados em diferenças potenciais de realizações. E ainda, com máquinas de guerras constituindo fluxos de intensidades vitais, alegres, revolucionárias, admitindo as diferenças puras em todos os níveis, saindo das falsas zonas de conforto. Outrossim, contrapor novos fluxos intensivos dos desejos que ampliem o devir humano salutar e que as diferenças puras possam conjurar fundamentos pensados em uma boa vida e no curto tempo, no qual estamos em um plano de imanência de nossas existências.

Urge existirmos sem estarmos presos em uma gaiola sistêmica, mas sim sob um firmamento aberto ao caosmos, legitimado pela conjuração dos afetos alegres em máquinas transformadoras. A vida deseja intensidades e isso é impossível quando se deseja apenas o poder, o ter, a autoflagelação da gestão de si para a competição

17 *Urdoxa*. Para Edmund Husserl, *Urdoxa* é a certeza que caracteriza. O prefixo *Ur*, do alemão, significa primeira e a palavra *Doxa* significa doutrina. Por aí chegamos ao significado de "primeira doutrina", ou primeira opinião, se voltarmos a Platão e Aristóteles. (*Urdoxa*. *In:* Wikipédia, 2021).

neoliberal. Vivemos em um mundo desagradável que demonstra interesses em nos comunicar afetos tristes.

Como pensa Avi? Pensa e age para que outros sejam tristes como ele é, destaca as relações de poder que dão prazer a ele pelo exercício da autoridade, seja ela técnica, econômica ou solipsista, sempre está com a razão. Avi pode discordar, mas não exerce nenhuma força para agir de maneira diferente, conforma-se aos poderes estabelecidos, concorda com o controle da existência humana.

Nosso personagem está ávido pela interação com as redes sociais como *google*, *face book* etc., guerreia pela cumplicidade na servidão maquínica, seu tempo escasso é consumido em *likes*, curtir, comentar. Seus desejos são produzidos nos encontros em TVs, redes sociais, clube, bares, saturados de semiótica capitalista. Avi não é enganado, ele deseja tudo isso, não pensa que outros desejos possam ser produzidos, submete-se aos poderes que querem nos fazer tristes para nos fazer de escravos. Seres que almejam o poder são seres tornados impotentes, Avi dá ordens e sua libido se regogiza.

Por essas questões, D&G desenvolveram a esquizo análise, cujo foco é descobrir os múltiplos afetos tristes produzidos no mundo. Esses afetos são produzidos desde a infância, pela família, e posteriormente pelos sacerdotes legisladores e autoridades que nos dizem que devemos sofrer para chegar em algum lugar. Os competidores precisam ser temidos, assim como os inimigos e o diabo, e isso pode acarretar, enquanto consequência, transtorno de ansiedade ou depressão, ou suicídio.

Face ao capitalismo o neoliberalismo cria paranoicos, a culpa em razão do fracasso impõe riscos aos indivíduos. Outrossim, introduz o falso sentimento de falta no desejo impossível de se concretizar, contando com o Édipo (castração), a normatividade neoliberal, as palavras de ordem cotidianas e a religião, entre outras dominâncias de poder. Faz isso com semióticas que reforçam a axiomática dominante como a empresa mãe e o chefe pai (castradores) sendo que os vampiros que exploram, vindos de todos os lados, não são vistos.

A política do neoliberalismo constitui-se em capturar o tempo, ensinar insensibilidades, tristezas, medos, nos forçando a dar as costas às experimentações possíveis de construir devires alegres. Tudo no capitalismo, desde o mercantilismo, é baseado em sacrifícios, pois não é fácil ser livre, sendo necessário o passeio do esquizo persistindo em um corpo sem órgãos.

A filosofia pouco pensou na liberdade e o plano de imanência é um devir a ser conquistado. As máquinas de guerra esquizas são uma forma de fugir da peste axiomática, organizar encontros para pensar, usufruir de agenciamentos alegres, agir no sentido do que melhor convém à sua natureza. Mas isso é trabalhoso, inútil e perguntaremos ao nosso personagem como ele agirá perante esse contexto.

Avi deseja tudo pronto, rápido e disponível à sua frente e, agarrado às suas próprias opiniões, deseja permanecer nas superfícies maquínicas significantes, sem sequer pensar em viver fora da gaiola capitalista. As festas e as comemorações são dispêndio inútil de moeda. Luci@, ao contrário de Avi, procura afetos que envolvem o máximo de afirmação existencial, como afetos alegres e festas. Quer fazer do corpo algo que não se restringe ao organismo, aos *status quos* do *sócius*, adora música, dança e o convívio com os amigos.

Mas o que pode um corpo? Quer ter espaços livres para que possa pensar, ter encontros externos que potencializem o pensar, sair de situações em que há micro-facismos, palavras de ordem. Luci@ prefere pensar que não se pode desejar a repressão, a histeria fanática e não quer viver contratos masoquistas ou sádicos. Luci@ esforça-se para colocar seus desejos no plano da imanência, ter prazer em viver e arranja seus agenciamentos para pensar fora da gaiola.

1.6.2 Conceitos ou crenças

A codificação do *sócius,* seja ela qual for, tem sempre relação

com o plano de imanência. No entanto, não necessariamente com fundamentos que possam garantir uma única versão para tudo que se acredite. Os fundamentos estão infinitamente em devires, em uma dinâmica de mudança constante. Estamos analisando a univocidade subjetiva majoritária e as dinâmicas que as estabelecem no *sócius*.

É possível constatar, facilmente, que vivemos trocando opiniões, palavras de ordem, valores religiosos, reproduzindo notícias, fofocas, inseridos em um padrão semiótico majoritário. Deleuze e Guattari conceituam o padrão majoritário como macho branco, heterossexual, proprietário Acrescentamos outros padrões constatados no neoliberalismo atualmente: individualista, competitivo, gestor de si, preconceituoso contra minorias, seguidor do deus mercado e do Estado mínimo.

Diante de todas essas evidências e após analisarmos o que é o pensar, o livre pensar, as relações com fluxos desejantes codificados ou descodificados e os acoplamentos com as máquinas desejantes que produzem o *sócius*, é importante separarmos o que é crença e pensar no caosmos. Apesar da palavra crença ter sido reiteradamente escrita, ao longo do texto, a seguir apresentaremos a análise com o objetivo de desvendá-la.

O que significa crença? Acreditar em uma proposição é acreditar como verdadeira uma crença qualquer. O problema filosófico, associado ao conceito de crença, se estabelece nas relações que evidenciam se são diferentes de outros tipos de convicções. Ou seja, a aceitação que afirma em qual medida é possível o grau de acreditação, em termos racionais e irracionais. Descobrem-se ligações com outras propriedades conceituais e/ou linguísticas. Crença é sinônimo de fé na religião, quando nos afastamos dos fatos, opções ou escolhas e, mesmo assim, permanece a convicção do que se imagina. Antes do século das luzes a fé reinava, indiscutivelmente:

> Por exemplo, Hume expõe um conceito original de crença, (Crença e identidade - a crença se subordina ao conhecimento – como ato mental abre ao espírito possibilidades originais de apreensão, a condição de dizer que a crença não nos

> faz conhecer algo – Diálogos de Uma Religião Natural - HUME), mas ele não diz porque nem como o problema do conhecimento seja um modo determinável de crença. A história da filosofia deve, não redizer o que disse um filósofo, mas dizer o que ele necessariamente subentendia, o que ele não dizia e que, no entanto, está presente naquilo que diz. (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 174).

Para D&G, a crença depende, circunstancialmente, dos infinitos acontecimentos no plano de imanência. Em contraponto, há a filosofia como o instrumento capaz de extrair o pensamento dos acontecimentos, ao criar conceitos relacionados ao problema em referência e, dessa forma, pensar independente de crenças:

> [...] o erro pode ser considerado como um dos traços principais da imagem Clássica do pensamento. Não se ignora, numa tal imagem, que há muitas outras coisas que ameaçam o pensar: a burrice, a amnésia, a afasia, o delírio, a loucura...; mas todas estas determinações serão consideradas como fatos, que não possuem senão um único conceito imanente de direito do pensamento, o erro, sempre o erro. [...] quando Kant marcar que o pensamento está ameaçado, não tanto pelo erro, mas por ilusões inevitáveis que vêm de dentro da razão, como de uma zona ártica interior, onde a agulha de qualquer bússola enlouquece, é uma reorientação de todo o pensamento que se torna necessária, ao mesmo tempo que nele se insinua um certo delírio de direito. Ele não está mais ameaçado no plano de imanência por buracos ou sulcos de um caminho que segue, mas pelas névoas nórdicas que recobrem tudo. A própria questão, 'orientar-se' no pensamento, muda de sentido. [...] Na imagem clássica, o erro não exprime de direito o que pode acontecer de pior no pensamento, sem que o pensamento se apresente mesmo como 'desejando' o verdadeiro, orientado na direção do verdadeiro, voltado para o verdadeiro: o que está suposto é que todo o mundo sabe o que quer dizer pensar, portanto é capaz, de direito, de pensar. É esta confiança, que não exclui o humor, que anima a imagem clássica: uma remissão à verdade que constitui o movimento infinito do conhecimento como traço diagramático (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 64-66, grifo dos autores).

O pensamento depende do plano infinito de imanência em

que os acontecimentos agenciam as exterioridades múltiplas, atuais e virtuais, concernentes ao problema em referência, confrontando o pensamento. No Exemplo IV, na obra *O que é Filosofia?* Deleuze e Guattari iniciam assim:

> Quando o plano seleciona o que cabe de direito ao pensamento para fazer dele seus traços, intuições, direções ou movimentos diagramáticos, ele remete outras determinações ao estado de simples fatos, caracteres de estados de coisas, conteúdos vividos. E certamente a filosofia poderá tirar conceitos destes estados de coisas, desde que ela deles extraia o acontecimento (ibid., p. 64).

As crenças possuem referências no plano de imanência e, independente de verdades ou não, elas podem existir e apresentar univocidades subjetivas que se acoplam a determinados fluxos desejantes codificados, maquinados pelo neoliberalismo, religião e mitos. Isso nos remete a uma questão: se as crenças podem ser induzidas, deduzidas, inferidas, acreditadas, cogitadas, independentes ou não, dos acontecimentos no plano de imanência.

> O que manifesta, ao contrário, a mutação da luz no século XVIII, da 'luz natural' em 'Luzes', é a substituição do conhecimento pela *crença,* isto é, um novo movimento infinito que implica uma outra imagem do pensamento: não se trata mais de se voltar em direção de, mas de seguir a pista, de inferir, mais do que captar ou ser captado. Sob quais condições uma inferência é legítima? Sob quais condições uma crença tornada profana pode ser legítima? Essa questão só encontrará respostas com a criação dos grandes conceitos empiristas (associação, relação, hábito, probabilidade, convenção...), mas inversamente estes conceitos, entre eles aquele de que a própria crença recebe, pressupõem os traços diagramáticos que fazem da crença um movimento infinito independente da religião, percorrendo o novo plano de imanência (e é a crença religiosa, ao contrário, que se tornará um caso conceitualizável, do qual se poderá medir, segundo a ordem do infinito, a legitimidade ou ilegitimidade) (ibid., p. 66, grifos dos autores).

Portanto, é fundamental estarmos no plano de imanência atentos às associações, relações, hábitos, probabilidades, conven-

ções, ou seja, estarmos inseridos nas multiplicidades imanentes, selecioná-las do plano problemático, extrair conceitos e relacioná-los e assim conjurar antídotos para a imunização. Isso em relação às crenças que nos acometem nesse plano, encarando as heterogeneidades múltiplas que se apresentam e as diferenças puras que rompem crenças, em devires com outros fundamentos.

Para D&G só existe o corpo, sendo mente e corpo um só corpo, sem órgãos, força inconsciente de criação, produção e potência criativa. Por outro lado, o corpo organizado torna-se um organismo acoplado às codificações de máquinas desejantes, sujeito ao *sócius*, submisso às máquinas neoliberais.

> Sem dúvida, o corpo não é pensamento, sem dúvida é "obstinado", teimoso, ele força a pensar, e força a pensar o que se furta ao pensamento, a vida. Mas seria enquanto objeto exterior, apoiado em sua identidade, que o corpo, próprio ou não, se obstina e resiste ao pensamento? Não seria sobretudo, pela heterogeneidade de suas posturas e de suas aptidões (sono, fadiga, esforços, resistências)? [...] Deleuze não se surpreende que haja corpo – só "existe" o corpo, é o pensamento que deve ser explicado -- mas após Espinosa, ele é surpreendido pelo que pode o corpo. [...] O que denominamos mundo exterior diz respeito a uma ordem de contiguidade ou de separação, ordem que é a da representação e que subordina o diverso à condição homogeneizadora de um ponto de vista único. (ZOURABICHVILI, 2016, p. 16, grifos do autor).

Recorreremos ao nosso personagem Avi, para ilustrar. Quais crenças agem sobre os nossos personagens? Avi crê, como a maioria, na competição e quando perde ou falha volta-se para seu interior e procura entender seus erros. Busca saber os "porquês" deles e o que poderia ter feito a mais, ou melhor, para se sair vencedor, não errar mais, olhar para fora (para a exterioridade múltipla, confusa) e negar o que vê e o que sente, ancorado na codificação neoliberal. Porém, não tem forças, está cansado.

Avi está preso como um cão às voltas com sua calda, ao simulacro em que se embrenhou, desde criança. Filho exemplar, aceitou toda carga das palavras de ordem familiar, moral, religiosa

e disciplinar na escola, cursos técnicos e bacharelado. Sabe tudo o que foi ensinado, é trabalhador e não se cansa nunca, estando automotivado para os desafios da vida e com um grande desejo de realização profissional e financeira. Não consegue sair, não consegue pensar fora da gaiola, pois está preso ao simulacro neoliberal. Atribui para si o fracasso e está triste por isso. Acredita no que lhe foi ensinado desde a infância, tudo que transcende e pode apontar para o rumo certo, sem notar que tudo está mudando à sua volta.

Porém, Avi está ávido por um novo processo concorrencial que ainda não está no seu radar. Acredita que amanhã o universo irá se abrir e reconhecerá que a vaga de emprego almejada será dele e de mais ninguém, dado que pensa ser o melhor de todos. Avi está só e triste, tem ódio dos seus concorrentes, mas no momento está pronto para se submeter recorrentemente à sua vida triste, acreditando no que lhe foi ensinado e firmando-se em suas crenças, sem ao menos conhecer de onde elas procedem.

> As três espécies de Universais: contemplação, reflexão, comunicação, são como três idades da filosofia, a Eidética, a Crítica, e a Fenomenologia, que não se separam da história de uma longa ilusão. Era necessário ir até aí na inversão dos valores: fazer-nos acreditar que a imanência é uma prisão (solipsismo...) de que o Transcendente pode salvar-nos. A suposição de Sartre, de um campo transcendental impessoal, devolve à imanência seus direitos[18]. É quando a imanência não é mais imanente a outra coisa senão a si que se pode falar de um plano de imanência. Um tal plano é talvez um empirismo radical: ele não apresenta senão acontecimentos, isto é, mundos possíveis enquanto conceitos, e outrem, como expressões de mundos possíveis ou personagens (ibid., 59, 60).

O indivíduo submetido à transcendência no plano da imanência vive, sem perceber, o que está à sua volta. Talvez essa seja a melhor visão do que Marx chamou de alienação, assim dizendo. O indivíduo capturado não se reconhece na produção de seu trabalho e aceita a sua dívida infinita por não possuir os meios de produção. Não se dá conta do abismo colossal entre o que ganha com seu

18 Invocação de Espinoza. (Sartre, 1965).

trabalho e o que é acumulado pelo capital.

O que está ao nosso redor? Será legítimo? Quais fatos foram gestados em razão disso? Isso tudo está associado a uma boa vida? É o que analisaremos a seguir.

Capítulo 2

QUE MUNDO HABITAMOS? A TERRITORIALIZAÇÃO CAPITALISTA

Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo.[1]

No capítulo anterior trouxemos os principais conceitos importantes para o problema desta obra. Neste capítulo, argumentaremos sobre esses conceitos e os relacionaremos a outros, para analisar como é legitimada a vida cotidiana em sociedade, sua representação e a fundamentação do *sócius* nas linguagens virtuais e atuais.

2.1 Existe legitimidade dos fundamentos neoliberais?

Como está organizado e legitimado o lugar especial onde vivemos e habitamos? Qual a nossa convivência no *sócius* e com o Estado?

Aceitamos a vida não só a partir dos nossos conhecimentos, mas das crenças que formamos no *sócius*. Essa máquina, o *sócius,* estabelece fluxos que cortamos e refluímos, recodificando e codificando, às vezes pelo senso comum, outras em sensos diferentes e até incomuns. Por exemplo, os fluxos minoritários que se contrapõem com os fluxos dominantes nos espaços estriados neoliberais atuais.

Queremos questionar os fundamentos desses fluxos e

1 Trecho da música "Caçador de mim", letra de Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá, interpretada por Milton Nascimento.

D&G nos fornecem um importante instrumental conceitual para pensarmos, em nosso plano de imanência, com suas diferentes multiplicidades e forças decalcadas. Estas sustentam a força codificada que forma a gaiola sistêmica na qual estamos presos.

Com o propósito de analisar os fundamentos e sua legitimidade, três perguntas nos ajudarão na próxima seção. As obras citadas referenciam os argumentos expostos.

2.1.1 Quid facti? Quid juris? Quid vitae?

Para analisar um fundamento, D&G nos contemplam com três perguntas sobre o contexto do problema fundamento. As três perguntas dessa seção devem ser feitas simultaneamente para o fundamento em questão.

Quid Facti? Quais fatos do plano neoliberal afetam a todos? Esta pergunta é complexa, pois envolve o inconsciente produtor e os desejos sujeitados e submissos. Sendo assim, chamaremos novamente nosso personagem Avi para nos ajudar.

Ao longo de sua vida Avi foi ensinado que precisa trabalhar ou empreender, mesmo tendo nascido sem muito dinheiro ou com quase nada, uma vez que possui seu corpo, sua força de trabalho, seus méritos. Ele faz o que aprendeu e segue um padrão, assim como segue sua consciência. Tem contraído compromissos cada vez mais onerosos, tanto quanto seus conhecidos, e acredita que a organização privada atua melhor do que as instituições públicas.

Optou pela escola privada, não confia no hospital público, confia nos planos de saúde, sua previdência é privada e está sujeita aos bancos. Avi paga sua educação profissional, preocupa-se demasiadamente com o planejamento de sua carreira e crê na meritocracia.

Planeja sua existência com base nos cálculos relacionados à expectativa de ganhos para suprir essas necessidades, mas nem sempre consegue, porquanto, algo desconhecido o impede. Reclama dos impostos e das tarifas dos serviços públicos, em uníssono com

a ganância dos grandes proprietários de grandes fortunas.

Aplaude quando o governo destrói instituições e as transforma em organizações privadas, terceiriza, privatiza serviços de empresas estatais com infraestrutura pública, tais como de saúde, educação, energia, saneamento, mineradoras e outras que passam para as mãos privadas. Avi não faz questão dos bens comuns apropriados pelo capital acumulado nas privatizações. Tem a convicção de que o Estado é ineficiente e que os programas sociais são os que o oneram. Considera ser este o motivo pelo qual precisa pagar tudo o que é social com impostos, uma injustiça, na sua opinião.

Não se importa com os que não conseguem emprego, renda, moradia, saúde e educação, pensa que estão nessa situação porque não conseguiram sucesso, como ele. São preguiçosos porque se encostam na generosidade dos bons samaritanos ou nas costas do Estado. Estão conformados com as quantias recebidas, as esmolas dos programas sociais pagos injustamente pelos impostos com os quais contribui.

Odeia essas diferenças que o ameaçam permanentemente, tanto na sua competição com todos e contra todos, quanto no trabalho e vislumbra a possibilidade de se tornar um desempregado, como eles. Tem medo da penúria por tê-la vivido e fica aterrorizado quando falta o suficiente para arcar com os seus compromissos.

Almeja uma polícia forte para se sentir seguro, não se importa se a violência pública mata, rasga direitos ou derrama sangue. Fica assombrado quando vê a miséria ao seu redor e pensa que está sob constante ameaça de perder seu patrimônio, seja para o crime ou para o comunismo. Com o propósito de sentir-se mais seguro ainda, torna-se cada vez mais um *workaholic*, coloca toda sua libido no trabalho e não considera como doença a Síndrome de *Burnout* da qual está acometido.

Encara os sintomas da doença como estresse natural do trabalho, uma normalidade necessária, não tendo como ser diferente. Crê na sua atuação no mercado de trabalho que considera elevá-lo a outro nível. Somente pelo seu esforço poderá chegar a um patamar

de segurança física e patrimonial, no seu condomínio fechado, com a sua pseudo segurança financeira que lhe proporciona uma vida superior à dos demais.

Confia no mercado e o compreende como um processo natural, a maior invenção, um deus. Considera o mercado como o único dispositivo que poderá produzir a riqueza que almeja para sua vida e lhe dará a liberdade de consumir o que deseja, mesmo quando não puder arcar financeiramente. Periodicamente joga em loterias com a esperança de se tornar milionário, ter capital. Avi não está feliz, sente-se impotente, desconhece as causas as quais o tiraram do jogo e acha que tem que ter "poder" para sanar essa infelicidade. Não sabe o que é solidariedade.

Como Avi chegou nesta forma de comportamento e valores? Será que o neoliberalismo poderá proporcionar realização plena, potência vital, alegrias coletivas, tesão de vida, realização da libido e, no caso de Avi, emprego adequado aos seus desejos codificados?

As diferenças sociais estão, na forma política, referenciadas às instituições que compõem o *sócius*. Instituições são máquinas públicas legítimas nas democracias participativas, sempre legítimas porque passam por um processo público, com uma história. As instituições são, de fato, ações sociais práticas e legítimas fundadas no reconhecimento público da importância de suas ações e diferenciações. As ações sociais práticas permitem que as instituições se relacionem com outras, em rede, sem perder seus princípios, em constante devir.

Uma instituição possui ordenamentos, regras, normas, valores e direitos que a legitimam internamente e externamente. Portanto, uma sociedade é, de fato, constituída de uma multiplicidade de forças em uma rede de instituições diferenciadas. As instituições também se diferenciam das organizações privadas, uma vez que estas dispõem de uma prática diferente.

Organizações privadas possuem uma instrumentalidade e um conjunto de meios privados para a obtenção de objetivos particulares. As organizações, diferentemente das instituições, não estão

articuladas socialmente, tampouco internamente ou externamente. Elas possuem, enquanto princípios, as operações para atingir os objetivos particulares, que por sua vez as definem. Operam sob os conceitos de gestão, planejamento, previsão, controle, êxito e lucro.

As instituições, em suas articulações internas e externas, operam de forma aberta na busca contínua de legitimidade e reconhecimento. Portanto, apresentam a característica de se constituírem ao longo de processos extensos, em uma temporalidade permanente.

Enquanto as organizações operam com tempo delimitado, as instituições dispõem de um tempo efêmero. No entanto, não trazem a temporalidade longeva das instituições. As organizações operam para atingir resultados, em um tempo curto, e quando os atingem é preciso que esses se repitam ou novos resultados são buscados, sempre em um movimento fragmentário, circular. Por sua vez, as instituições, diferentemente das organizações, apresentam como característica um movimento permanente, contínuo, expansivo e sempre estão em busca de legitimação no *sócius*.

O neoliberalismo prega e opera com as organizações (de mercado) visando destruir as instituições com a finalidade de substituí-las por organizações. Em consequência, o neoliberalismo não é uma mutação histórica do capitalismo e sim uma mutação do capital produtivo para o capital financeiro. Portanto, uma mutação sociopolítica que se faz sob uma axiomática gerencial privada totalitária.

Por isso, afirma-se que o neoliberalismo é o motor contemporâneo do capitalismo, ou seja, apresenta-se à nossa existência como a nova forma de totalitarismo. O neoliberalismo caracteriza-se não apenas pelo individualismo, mas pelos chefes ou por ideologias, crenças ou preconceitos como racismo, homofobia, misoginia, xenofobismo. Igualmente, caracteriza-se por querer transformar todas as instituições em uma organização isomorfa que homogeneiza toda a sociedade, tornando as organizações indiferenciadas e totalizando a sociedade.

Como ele faz isso? Com uma axiomática que coloca no lugar das instituições um tipo especial de organização: a empresa privada. A escola é uma empresa, o hospital é uma empresa, a cultura é uma empresa e, consequentemente, o Estado passa a ser uma empresa.

Esse novo totalitarismo elimina a diferenciação interna e externa das instituições e suas relações conflituosas, porém legitimantes, na grande maioria das vezes inseridas em dinâmicas democráticas, populares e sob o interesse público.

A atuação generalizada, com axiomas de identidade empresarial, bloqueia as diferenciações internas de uma sociedade democrática, desdemocratiza as relações institucionais de natureza conflituosa, mas constituídas pelo *sócius*. Dessa forma, molda a axiomática do Estado mínimo "eficiente", gerido empresarialmente, na busca de uma legitimação social pela visão de gestão, planejamento, *marketing* e execução para atingir as expectativas de acumulação. Não interessam políticas públicas comuns que atendam a todos, mas interessam lucros e fluxos abstratos de moedas para a acumulação do capital.

O neoliberalismo gera acontecimentos e fatos com a finalidade de aprimorar a axiomática do Estado mínimo, com a preponderância do mercado sobre todas as coisas e seres. Fomenta agenciamentos de homogeneização da sociedade, sob os princípios da empresa capitalista.

Avi pensa que deve gerir a si mesmo como empresa com a convicção de que sua permanência na empresa em que trabalha depende do fato dele gerar riqueza maior que seus honorários ou salários. Ele deve gerar lucro para a empresa e retirar seu ganho, pensando que com isso garantirá seu emprego, sua renda, seu "lucro" e a empresa lhe reconhecerá. Avi tem esperança de se manter no emprego e assume dívidas crescentes, utilizando o crédito, dinheiro que se tornou "fácil" de ser obtido, no neoliberalismo.

Quid Juris? Qual direito fundamenta o neoliberalismo? O neoliberalismo, com sua força política e a premissa de reduzir o Estado e, portanto, a capacidade de intervenção pública nos mer-

cados, vem consolidando desregulamentações que ampliam a acumulação do capital.

A desregulamentação retira travas de alavancagem do capital, principalmente o financeiro, grande causador de crises internacionais. As crises colocam em risco os direitos sociais, como os fundos de previdência, suportados por papéis neoliberais alavancados com alto risco. Anteriormente, no liberalismo social-democrata convivíamos com leis que restringiam especulações e alavancagens financeiras, leis que impediam a retirada e a garantia de direitos dos trabalhadores.

O neoliberalismo, ao contrário, produz axiomáticas fundamentadas em falsos axiomas que levianamente legitimam o barateamento do trabalho, argumentando promover mais empregos. Efetua reformas trabalhistas precarizantes propagando falsamente a justificativa de empregar os desempregados e novos direitos capitalistas são instituídos.

O desemprego é atribuído ao fracasso financeiro em promover empregos, dada a preferência neoliberal pela especulação e por avançar nos recursos públicos. Ocultam o fato desses fundamentos serem inverossímeis, porque o que está em jogo são maiores margens de lucro expropriadas do trabalho social assalariado. O objetivo de fundo é diminuir o número de empregados para aumentar a produtividade e as margens de lucro.

Deleuze e Guattari demonstram existir uma enorme e desproporcional diferença entre os fluxos de trabalho determinados ao trabalhador e o fluxo de capital possuído pelo dono do capital dinheiro. Há duas moedas ocultas no capitalismo e que não aparecem no direito privado. Trata-se de grandezas assimétricas com diferenças quantitativas abissais, pois uma é o valor da força de trabalho e outra o valor dessa mesma força no processo de trabalho, ou seja, uma relacionada aos salários e outra aos balanços das empresas.

Podemos afirmar que o valor de um bancário é de dez mil reais, e o lucro de um banco é de dez bilhões logo, para D&G jamais poderá se tratar da mesma moeda. O dinheiro que o traba-

lhador recebe para sua sobrevivência não é o mesmo registrado no balanço da empresa. Apesar do gigantesco abismo entre o valor do fluxo de trabalho e o valor do fluxo de capital dinheiro o neoliberalismo retira ainda mais o valor do trabalho, desregulamentando os direitos trabalhistas em um processo suicidário.

Isso porque a desregulamentação neoliberal retira moeda dos trabalhadores, diminui o consumo e restringe a circulação e as mercadorias (bens de consumo). Por sua vez, diminui a acumulação do capital contrariando a equação marxista D⊳ M⊳ D: Dinheiro ⊳ Mercadoria ⊳ Dinheiro, ou seja, a dinâmica da circulação do capital na forma de mercadorias.

O neoliberalismo age contra a acumulação produtiva porque o imediatismo da ganância do capital moeda precariza o trabalho, retirando direitos e salários, prevalecendo o direito privado comercial.

Para garantir acumulação crescente moldam Estados com base na obsessiva axiomática da acumulação capitalista, com taxas de lucros cada vez maiores sobre os salários. A axiomática apregoa que o Estado não deve impor barreiras para produzir mais riquezas.

O Estado possui a função de viabilizar o mercado legislando sobre reformas que atendam a esses mercados, assim como os contratos privados e a segurança pública. O Estado neoliberal dispõe de axiomas que lhe dão o direito e facultam-lhe a função de exercer a violência necessária para conter fluxos de desejos descodificados que sejam uma ameaça.

Como isso é possível? Conjurando militares e polícias vigorosos para conter os fluxos dissonantes dos desejos que descodificam, escapam e podem descontrolar a axiomática capitalista de acumulação financeira. Essa é axiomática degradada pela idiotice em diminuir a circulação de mercadorias, pois quando o preço do trabalho diminui o consumo, igualmente, diminui o lucro da produção, porque a ganância se sobrepõe ao trabalho precarizado.

Contudo, fica evidente que o neoliberalismo lança a corda para o seu enforcamento e morte, ao reduzir a circulação de merca-

dorias e priorizar a esfera financeira sobre a produção. E priorizando a economia em relação à vida, como vimos na pandemia ocasionada pela Covid 19, quando líderes mundiais, principalmente no Brasil, negaram a importância do isolamento social e das vacinas.

O capital neoliberal financeiro contemporâneo se sobrepõe globalmente desregulamentando sua imobilidade, tornando-se fluído, permitindo a criação de papéis e alavancagens financeiras para acumular cada vez mais o fluxo abstrato da moeda. Está fundamentado na axiomática que garante o interesse financeiro, cria direitos em papéis, como os títulos de dívida pública, cria contratos que garantam lucros financeiros sem se importar com riscos e consequências da retirada da regulamentação sobre o capital financeiro, a exemplo da crise mundial de 2008.

Na pandemia, o neoliberalismo evidenciou a insignificância da vida perante a economia e diversos países evitaram o isolamento social para manter a exploração e a acumulação causando um grande aumento nas estatísticas de mortes causadas pela Covid 19. Que vida nos resta? *Quid Vitae?* Qual a vida no plano de imanência atual? O último preceito filosófico de Deleuze foi enunciado em uma frase: "Imanência: uma vida..." (DELEUZE, 1975, p. 3). O que significa essa simples frase de conteúdos infinitos? Um plano infinito da imanência, seguido de planos múltiplos de uma vida e, por que não, infinitos planos, dado que uma vida vive infinitas experiências sensíveis ao corpo e a mente.

Se utilizarmos existência no lugar de imanência entenderemos que os dois pontos na frase que seguem a palavra existência significam que ocorre uma multiplicidade de atributos, expressões, conteúdos, sentimentos, memórias, realizações, frustações, signos e significantes e infinitos rizomas que essa existência vive e são atribuídas a ela. Em seguida, aos dois pontos "Uma Vida", Porque "Uma Vida" e não "A Vida", esse pronome indefinido "um", significa um ser singular, unívoco, refere-se somente a si mesmo, vivo, em um universo imanente. Todavia, em movimento, pura vida.

Imanência, aquilo que escapa a qualquer transcendência,

tanto do sujeito quanto do objeto. Deleuze nos brinda com essa frase de tão profundo significado: a univocidade de uma vida, desde Spinoza, que fundamenta a ontologia dos afetos – imanência é precisamente a vertigem filosófica (ALLIEZ, 2000, p. 176).

Pensar a imanência como uma vida, ou seja, uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta. Por essa razão o problema proposto é pensar o neoliberalismo no plano da imanência e qual a vida resultante.

Constatamos em nosso plano de imanência o desemprego crônico; os baixos salários que não remuneram a educação investida (raros casos contradizem isso); fábricas sendo substituídas por serviços de montagem e a indústria sob a hegemonia do capital financeiro. Constatamos ainda, a migração de fábricas para a periferia, em busca de salários mais baratos e margens de mais-valia mais altas, o investimento imediatista na indústria 4.0 que anuncia o novo patamar de fábricas apagadas, em virtude dos altos índices de automação e inteligência artificial utilizados.

O plano de imanência neoliberal acelera o desemprego, aumenta a massa de trabalhadores ociosos e diminui ainda mais os salários, pelo excesso de oferta de trabalhadores e escassez de trabalho

Tudo isso para aumentar a taxa de acumulação do capital produtivo e colocá-lo em competição ao capital financeiro. Marx já dizia que o capital constante (máquinas) aumenta o custo das instalações demandando investimentos crescentes e, como consequência, o capital variável (mão de obra) necessita diminuir seu valor para compensar a aquisição de máquinas. Com esse fim, busca baratear os salários migrando as fábricas para as periferias, com o objetivo de pagar menores salários para manter ou crescer a taxa interna de lucro, sem a qual esse mecanismo tende a decair.

O motor dessa opressão é o lucro obtido com o sobretrabalho social que Marx denominou de mais-valia, ou mais-valor, somado aos ganhos do capital financeiro com acumulação de juros e valorizações especulativas.

Aristóteles já alertava sobre os malefícios do dinheiro ge-

rando dinheiro. Em meados de 350 a. C, em sua obra intitulada *Política* denominou a *crematística*, processo não natural voltado ao ganho do dinheiro pelo dinheiro. Segundo ele, isto degrada a economia porque este tipo de ganho não está ligado à natureza econômica e às necessidades da *oikonomia*. Hoje, constatamos que a crematística, caracterizada pela especulação financeira, e o mercado de capitais produzem uma vida humana precária, doente e miserável, enquanto consequência da ganância financeira.

A diferença absurda da ordem de grandeza entre a moeda que remunera a vida de quem trabalha e a moeda que remunera o capital, produz um *sócius* sem justiça, oculto na abstração da moeda. O lado do fluxo do trabalho vende sua vida ao capital e o capital acumula imensa riqueza sobre as misérias, fomentando iniquidades crescentes, vidas miseráveis e iludidas, submetidas à axiomática neoliberal. Porque, ainda assim, o capitalismo, em sua face neoliberal, ainda é resiliente senão pela codificação e controle sobre uma univocidade subjetiva que o legitima?

2.2 Axiomática do capital

Já conceituamos o que vem a ser o axioma e o que a axiomática significa, em termos de dinâmicas de legitimação de apropriação e capturas de fluxos coletivos desejantes, desterritorializados, descodificados ou que necessitam estar reterritorializados para continuar a acumulação.

O capital, amalgamado com o Estado em suas diversas formas de constituição, está de prontidão para criar dinâmicas de legitimação com enunciados, legislação, normatividades correntes, estatísticas, valores morais, econômicos, produção de direitos privados etc., em que o *sócius* deve acreditar. Para essa acreditação, D&G criaram o conceito de axiomatização.

A seguir, aprofundaremos esse conceito relacionando-o ao neoliberalismo e como os desejos são capturados e consolidados, conforme as codificações ou sobrecodificações, apresentando as três

sínteses conceituais propostas por D&G. Para melhor apresentar os conceitos recorreremos a três personagens conceituais, os três náufragos.

Desde os ancestrais caçadores e coletores e, até hoje, os desejos movimentaram nosso mundo. O desejo produz o real, é da nossa natureza desejar, ser afetado por outros desejantes e afetá-los, considerando o conceito de *conatus,* em Espinoza.

Com o conceito de vontade de potência, Nietzsche reafirma a configuração do desejo de poder e Marx, quando afirma que atividade é vida, tudo nos faz pensar sobre os movimentos dos desejos. Os desejos somente se territorializam no *sócius*. Fora do *sócius* o inconsciente produz os movimentos, os devires livres, caóticos, descodificados no plano da imanência, corpos sem órgãos como D&G conceituaram. O desejo tem inúmeras interpretações, porém, adotamos aqui o conceito deleuziano e espinozano relacionado a movimentos e ao *conatus* espinozano.

> O *conatus* é a essência atual de um ente. O desejo, apetite de que temos consciência, é a essência atual do homem. O desejo é, pois, conatus, movimento infinitesimal de autoconservação na existência. O desejo é o poder para existir e persistir na existência. É a pulsação de nosso ser entre os seres que nos afetam e são por nós afetados. [...] O desejo movimento de autoconservação de que temos consciência, é um fenômeno físico mecânico que repercute na alma como consciência do esforço de autoconservação na existência. Pensado mecanicamente, torna-se objeto da fisiologia (análise do movimentos vitais e animais do corpo) e da Psicologia (análise da sensação, da imaginação e da vontade da alma). Somos "máquinas desejantes, para usar a expressão cunhada por Gilles Deleuze (CHAUI; OUTROS, 2002, p. 46).

Compreendemos que nossos autores franceses separam dois planos de vida, sendo um o plano de imanência em que ocorrem os desejos livres, os fluxos intensos em espaços lisos vibram em nós, as partículas de nossos corpos ganham velocidades e lentidões: trata-se do plano molecular. O outro é o plano organizado do *sócius*, com suas máquinas desejantes nas quais se acoplam nossos desejos

inconscientes, isto é, o plano molar.

Para o nosso problema, D&G conceituam como máquinas desejantes a máquina capitalista e nós acrescentamos o problema decalcado do neoliberalismo. O capitalismo tem desenvolvido significantes, formas semióticas, linguísticas, conformadas em máquinas de capturas que objetivam a extração da mais-valia e a acumulação, a máquina axiomática capitalista.

Essa máquina funciona para controlar fluxos de desejos descodificados, ou seja, fluxos esquizofrênicos, sem conformidade com os fluxos que garantem a extração da mais-valia e a acumulação, fluxos que surgem do *sócius* codificados nele, expressões molares. Se constituem como máquinas antiprodução de desejos, com desejos controlados pelo código e isso se dá em processos de adjunção ou subtração de axiomas.

A esse processo, D&G denominaram de axiomática capitalista, como mencionamos acima. A produção do inconsciente é anterior ao conceito de máquinas desejantes, mas compõe com elas, como demonstrado nas primeiras páginas da obra, *O Anti-Édipo*, em que existem três sínteses do inconsciente: a conectiva, produção da produção, a disjuntiva, o registro e o surgimento do *sócius*, e a conjuntiva ou consumo, o aparecimento do sujeito.

> A maneira como Deleuze e Guattari abrem o primeiro capítulo d'*O Anti-Édipo* conduz imediatamente à descrição da máquina desejante – na primeira de suas formas --, nos lançando, ao mesmo tempo, àquilo que caracteriza o início de um livro, de um pensamento, de um ato criativo, do surgimento de uma nova forma de experiência de realidade: um corte e um fluxo. [...] Nos termos de Deleuze e Guattari, no entanto, o que se aliena e, porque não dizer, aquilo do qual nos alienamos, é a dimensão produtiva do inconsciente: o inconsciente como usina do desejo. Algo que parece muito próximo, para os dois autores, do que Marx afirmou quando descreveu a alienação como um processo em que o homem deixa de se reconhecer nos bens que produz, deixando também de reconhecer o seu caráter de produtor: se alienando deste, portanto. É nesse sentido que eles voltam a mencionar Marx no final do capítulo

> sobre as máquinas desejantes, em que apresentaram as três sínteses do inconsciente, fazendo-o logo após afirmarem que o inconsciente não se submete a nenhum Édipo, a nenhuma estrutura psíquica, e que é, como vimos, "órfão". (GUÉRON, 2020, p. 277, 307, grifos do autor).

Para eles, a produção do inconsciente é decisiva para a constituição do *sócius* enquanto movimento de diferenciação da produção e, portanto, na constituição do sujeito, do consumo e da máquina social capitalista. A codificação e a sobrecodificação dos desejos inconscientes, ou não, se processam sobre os corpos padronizando e organizando os afetos, codificando os rostos sociais. Atualmente, esse processo ocorre no neoliberalismo para a extração da mais-valia, necessária à acumulação do capital dinheiro.

A síntese conectiva pode ser definida como a produção, ou seja, a produção da produção, fluxos e cortes, as máquinas desejantes constituem-se de fluxos e cortes, só há fluxo porque houve cortes que atuam no inconsciente. Tudo é produção, a produção é o estado da própria matéria, ou seja, D&G a conceituam como intensidades.

> O passeio do esquizofrênico: eis um modelo melhor do que o neurótico deitado no divã. Um pouco de ar livre, uma relação com o fora [...] ele está nas montanhas, sob a neve, com outros deuses (não o deus dinheiro) ou sem Deus algum, sem família, sem pai nem mãe, com a natureza. [...]. Tudo compõe máquina. Máquinas celestes, as estrelas ou o arco-íris, máquinas alpinas que se acoplam com as do seu corpo [...]. Esta relação distintiva homem-natureza, indústria-natureza, sociedade-natureza, condiciona, na própria sociedade, a distinção de esferas relativamente autônomas que chamaremos de 'produção', 'distribuição', 'consumo' (DELEUZE, GILLES GUATTARI, 2011, p. 12, 14, grifos dos autores).

A intensidade inconsciente se processa na imanência, o inconsciente efetua a síntese conjuntiva acoplado em máquinas desejantes. Para nossos autores, o inconsciente é conceituado como um corpo sem órgãos, corpo do esquizo, corpo desorganizado. Contudo, nem sempre um fluxo é codificado ou sobrecodificado pelo

capitalismo, visto que podem surgir fluxos descodificados. Por essa razão, a axiomática desenvolve os mecanismos de controle dos fluxos descodificados com a produção de axiomas e esses se compõem na dinâmica da máquina axiomática capitalista.

Esses fluxos codificados possuem inserção no *sócius*, na semiótica e na linguagem dominante, em palavras de ordem, conforme o padrão capitalista, para garantir a mais-valia e a acumulação e estão em movimentos constantes de produção e antiprodução, direcionados e controlados.

> Não são as linhas de pressão do inconsciente que contam, ao contrário, suas linhas de fuga. Não é o inconsciente que pressiona a consciência, mas a consciência que o pressiona e garroteia para impedi-lo de fugir. Quanto ao inconsciente, ele é como contrário platónico: ele foge ou perece à aproximação de seu contrário (ibid., p. 449).

As três sínteses são bastante complexas para explicar. Para nos ajudar trabalharemos com três personagens conceituais e suas características serão explicadas a seguir. Como seria se um dos personagens fosse desprovido de códigos de qualquer *sócius*, alheio a qualquer máquina desejante, aos fluxos desejantes enunciados coletivamente? Se tivesse codificações totalmente desconhecidas que não se referenciam a nenhuma cognição ou recognição de algum indivíduo, como por exemplo, um náufrago abandonado em uma ilha?

Em uma ilha deserta com o *sócius* ausente surge esse personagem, o náufrago sem memória, com amnésia absoluta tendo apenas a natureza circundante. Como poderá sobreviver?

Imaginemos essa situação para admitir que a fome e o repouso no frio da noite seriam as forças internas inconscientes que o movem nesse ambiente desconhecido. Um corpo totalmente desvinculado de qualquer desejo, desorganizado em relação ao meio ambiente, um corpo sem órgãos, o esquizo por natureza, em que tudo é desconhecido e está por ser descoberto. O náufrago avista, em um arbusto de fácil acesso, uma fruta doce, de cores palatáveis, rica em energia (ele não sabe disso). Ele move sua intuição, percebe

a fruta, toca-lhe e a cheira: cheiro agradável, ele a leva à boca para se alimentar, engole a fruta e é afetado em seu estômago, suas energias aumentam.

A fruta e o local serão lembrados em outro momento de fome, assim como os afetos que a fruta provocou nele. A fruta passa a ser uma pulsão do inconsciente acoplada à uma máquina desejante, ela flui no galho, a boca a corta para comê-la e se apresentam as várias multiplicidades dos fluxos naturais da ilha como: água, frutas, animais, tubérculos, insetos, cavernas, abrigos, lagos, rios e peixes.

Tudo ocorre no plano de imanência do náufrago, passam a se constituir máquinas desejantes acopladas aos seus desejos sensíveis. Cada fluxo é adicionado ou subtraído, dependendo do afeto que produzem no náufrago. Num espinho por exemplo, a dor o fará se afastar. A máquina arbusto produz frutas com energia, o náufrago corta esse fluxo, colhe e a come. Os insetos o mordem, o afeto percebido de dor e coceira o faz evitá-los. O náufrago territorializado na ilha tem essas fontes imanentes sensíveis, livres de signos representativos ou de uma semiótica abrangente, mas não deixa de se acoplar a essas máquinas desejantes. Máquinas de recursos naturais acopladas aos seus desejos sensíveis e naturais e que o fazem pensar e maquinar.

Saindo desse personagem imerso no plano de imanência da ilha deserta descobriremos outros que Deleuze referencia. A segunda síntese, a disjuntiva, em que surge o *sócius* é a síntese na qual se processa o registro e o surgimento do *sócius*, quando surge a linguagem ou diferentes regimes de signos. O corpo sem órgãos produz o real, movido pelo inconsciente, mas é realizada a segunda síntese, em forças contrárias, uma que organiza e outra que pulsa. Para os dois filósofos o corpo sem órgãos constitui o plano de consistência e de intensidade, sente as máquinas ferirem, amarrarem, estriarem e fecharem a gaiola sistêmica, pelo registro do *sócius*.

> O corpo é corpo/ ele está só/ e não precisa de órgão/ o corpo nunca é um organismo / os organismos são inimigos do corpo. – Antonin Artaud. [...] Tantos pregos na sua carne,

> tantos suplícios. Às máquinas-órgãos, o corpo sem órgãos opõe a sua superfície deslizante, opaca e tensa. Aos fluxos ligados, conectados e recortados, opõe seu fluido amorfo indiferenciado. Às palavras fonéticas, ele opõe sopros e gritos, que são outros tantos blocos inarticulados. Acreditamos ser este o sentido do recalcamento dito originário: não um 'contra investimento', mas essa repulsão das máquinas desejantes pelo corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 21, grifo dos autores).

Por que essa síntese é disjuntiva? Porque as máquinas desejantes organizam o inconsciente, registram e o conformam ao *sócius*, mas o inconsciente não deixa de ter intensidade e essa intensidade pode contê-lo, moldá-lo, e fazer "ele" reproduzir máquinas, mas não pode matá-lo. Chamaremos os outros dois personagens para compreender como os registros são inscritos pelo *sócius* e perduram nos planos virtuais e atual.

Para isso, recorreremos às ilhas desertas por constituírem planos imanentes descodificados, porém vivos, mas separados dos continentes onde estão os *sócius* que conhecemos. Chegaremos nas ilhas com personagens e materiais. Vamos explorar os personagens que Deleuze destaca nos manuscritos de 1950, na obra A ilha deserta, no texto Causas e Razões das Ilhas Desertas.

Apresentamos Robinson Crusoé e Suzana de Giraudoux que vivem em ilhas onde as máquinas desejantes inexistem ou não são produzidas, mas podem ter sido trazidas. Máquinas que estão virtualmente na memória deles e são atualizadas nas ilhas desertas que os abrigam como linhas de forças ou de fugas da ilha, ou para esquecimento da situação na qual se encontram ou na situação da obrigação de viver na ilha. Eles buscam as referências desejantes, rebuscam a consciência e seus pensamentos estriados. Nos romances em que são protagonistas, Robinson e Suzana tentam reproduzir, na ilha deserta, os fluxos desejantes e as máquinas que os aprisionavam no continente.

> A visão de mundo de Robinson reside exclusivamente na propriedade e jamais se viu proprietário tão moralizante. A recriação mítica do mundo a partir da ilha deserta cede

> lugar à recomposição da vida cotidiana burguesa a partir de um capital. Tudo é tirado do barco, nada é inventado, tudo é penosamente aplicado na ilha. [...] Enquanto para Suzana a ilha deserta é um conservatório de objetos já prontos, de objetos luxuosos. A ilha já é imediatamente portadora daquilo que a civilização levou séculos para produzir, para aperfeiçoar, amadurecer (DELEUZE, 2000, p. 20-21).

Robinson está falido, sem capital, a não ser o que sobrou do barco, enquanto Suzana está separada da civilização, isolada da corte, mas com tudo que acumulou. Ambos estavam plenos de desejos capturados por máquinas da civilização, que reproduzem mentalmente na ilha.

Como se dá essa reminiscência ignorante ao isolamento na ilha, suas restrições e possibilidades de recriações originárias? O que constrange ou impede a territorialização na ilha? Os dois personagens atualizam as reminiscências virtuais do inconsciente para viver na ilha, fundamentados em fluxos desejantes codificados do capitalismo e da civilização. Robinson e Suzana pensam utilitariamente, um para produzir sua sobrevivência e outra para preencher com seus pertences o vazio de relações do *sócius*.

> Sobre o corpo sem órgãos as máquinas se engancham como outros tantos pontos de disjunção entre os quais tece toda uma rede de sínteses novas que quadriculam a superfície. [...] A síntese disjuntiva de registro vem, portanto, recobrir o processo de produção, o processo se prolonga em procedimento como procedimento de inscrição. Ou melhor, se denominarmos libido o "trabalho" conectivo da produção desejante, devemos dizer que uma parte dessa energia se transforma em energia de inscrição disjuntiva (*Numen*[2]). (ibid, p. 25-26, grifos do autor)

Deleuze e Guattari afirmam, conforme mencionado anteriormente, que o inconsciente produz o real e não é lugar da representação, do teatro é lugar de produção de desejos que se acoplam às máquinas desejantes por uma força indiscernível, pulsante

2 *Numen*. Movimento da cabeça manifestando a vontade. Vontade, injunção, a vontade do espírito, em Lucrécio, a obra *De rerum natura*. Significa vontade divina, potência atuante da divindade em Cícero e Quir. Notas do tradutor (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 26).

e desorganizada, o corpo sem órgãos. A terceira síntese, a síntese conjuntiva ou de produção do consumo é quando surge o sujeito.

> Conforme o sentido da palavra 'processo', o registro se assenta sobre a produção, mas a produção de registro, ela mesma, é produzida pela produção da produção. Do mesmo modo o consumo sucede ao registro. É que na superfície de inscrição, algo da ordem de um *sujeito* se deixa assinalar. É um estranho sujeito, sem identidade fixa, errando sobre o corpo sem órgãos, sempre ao lado das máquinas desejantes, definido pela parte que toma do produto, recolhendo em toda parte o prêmio de um devir ou de um avatar, nascendo dos estados que ele consome e renascendo em cada estado" 'Então sou eu, então é a mim (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

A síntese conjuntiva se processa constantemente no consumo, chamemos Avi para esclarecer. Avi está radiante, comprou um carro zero quilômetro com o qual sonhava repetidamente em sonhos e pesadelos. Olha para ele na garagem, novinho em folha, cheirando a carro novo, situação bem diferente quando utilizava no carro velho os aromatizantes que reproduzem o aroma de novo. Este aroma que respira com as janelas fechadas é real. Não foi fácil comprá-lo, a entrada zerou suas economias que estavam reservadas para a sua previdência, mas Avi fiou-se no ditado: "mais vale um gosto que dinheiro no bolso" e agora desfruta do status social que seu carrão novo lhe proporciona.

Quando chegam os amigos e perguntam sobre o carro de Avi: quanto corre, quantos litros por quilômetro, ele passa a ser o centro das atenções. Enquanto o carro está novo, Avi também se torna novidade sendo verdadeira ou falsamente querido por conhecidos, senão invejado por eles. Todavia, ele está mais endividado, são sessenta prestações, terá que trabalhar mais e agradar sua empresa, a que está em seu sangue e para a qual ele trabalha.

O consumo se processa na terceira síntese e consolida a adesão à produção e da produção da produção, o "sujeito" torna-se completamente inserido no *sócius*, no entanto, o corpo sem órgãos não para de agir e Avi está apreensivo com as prestações do carro.

Nesse ponto, é importante aprofundarmos mais o conceito de axiomática criado nas obras *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs* e como ela se relaciona com o nosso problema, no plano de referência do capitalismo neoliberal.

Um axioma é um enunciado primeiro, um enunciado que não deriva de nenhum outro e tampouco depende de nenhum outro. É amplamente utilizado nas ciências exatas, principalmente na matemática, na qual não pode ser negado por se constituir em uma lógica demonstrável, do tipo 2+3 = 5. Ou em que a série dos números naturais possa ser representada assim: 0,1,2,3,4,5, ...n, n+1, sendo inegável que a série se inicia com zero, na sequência é somado 1 e tem-se o próximo número natural. Portanto, n+1 é inegavelmente ou axiomaticamente a razão da série.

O conjunto e o processo de criar axiomas, ou seja, a axiomática, constitui-se em processos dinâmicos de soma e subtração de axiomas. A axiomática é utilizada para evidenciar e legitimar algo que ameace ou fuja do capitalismo e que dificilmente poderia ser negado por ter alguma relação, ou não, com o que ocorre no plano de imanência em que vivemos. A axiomática estabelece formas de interpretação de fatos ou de circunstâncias que evidenciam determinadas assertivas. No capitalismo ela serve para multiplicar ou controlar fluxos descodificados de desejos que podem incentivar ou ameaçar a acumulação. A ganância se processa fundamentada, notadamente em dois fluxos abstratos: o fluxo de trabalho assalariado e o fluxo de capital moeda.

A formação da gaiola sistêmica capitalista se processa sobre fluxos descodificados do feudalismo. Mas como se processa? A sociedade pós-feudalismo, nessa transição, testemunha, em sua origem, não a emergência de um fluxo descodificado desejante que terminaria com o código feudal, mas uma conjunção de fluxos descodificados. Conforme interagem uns com os outros, produzem devires e retificações que perpetuam uma axiomatização generalizada e diferenciada do *sócius*. Embora houvesse múltiplos fluxos a tramarem o fim do regime feudal e o devir capitalista, a conjunção de quatro fluxos foi determinante.

> [...] um fluxo de "trabalhadores desterritorializados" (banidos das terras dos senhores, desterrados), outro fluxo de "dinheiro que escorre", um terceiro de "propriedades que se vendem", e o quarto de "meios de produção que se preparam nas manufaturas". Nas cidades, no comércio, nas manufaturas, na contínua ampliação dos estoques para as trocas, a acumulação primitiva. [...] Fluxos descodificados – quem dirá o nome deste novo desejo? Fluxo de propriedades que se vendem, fluxos de dinheiro que escorre, fluxo de produção e de meios de produção que se preparam na sombra, fluxo de trabalhadores que se desterritorializam: será preciso o encontro de todos esses fluxos descodificados, sua conjunção, a reação de uns sobre os outros, a contingencia deste encontro, desta conjunção, desta reação que se produzem uma vez, para que o capitalismo nasça e que o antigo sistema encontre a morte que lhe vem de fora, ao mesmo tempo em que nasce avida nova em que o desejo recebe seu novo nome. [...] No coração d'O Capital, Marx mostra o encontro de dois elementos "principais": de um lado, o trabalhador desterritorializado, devindo trabalhador livre e nu, tendo para vender a sua força de trabalho; de outro, o dinheiro descodificado, devindo capital e capaz de compra-la (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 297-298, grifos dos autores).

Os servos deixam de servir aos nobres senhores, são expulsos, perdem a "proteção" e a "sua exploração" nas terras da nobreza. Dessa forma, os fluxos descodificados de trabalhadores desejantes por sobrevivência migram e estabelecem relações nas cidades onde possuem apenas o trabalho nu, ou seja, a sua mão de obra disponibilizada perambulando pelas cidades.

> É preciso por um lado, que o fluxo de trabalho não seja mais determinado na escravidão ou na servidão, mas devenha trabalho livre e nu, é preciso por outro lado, que a riqueza não seja mais determinada como fundiária, negociante financeira, e devenha capital puro, homogêneo e independente. Sem dúvida, esses dois devires pelo menos (pois múltiplos outros fluxos concorrem também) fazem intervir muitas contingências e fatores diferentes sobre cada uma das linhas (ibid., p. 161).

A abstração aparece, como que por mágica, pela moeda que proporciona equivalência entre as diferenças nas quais o fluxo de

trabalho assalariado e o fluxo de capital independente possuem. Existem outros fluxos desejantes que começam a ser codificados e outros existentes que estão sendo descodificados. No capitalismo, a axiomática tem essa função de operar de forma objetiva os fluxos codificados e descodificados, isto é, não é proposição abstrata, teórica, tampouco ideologia. A dinâmica da axiomatização é realizada por uma semiótica de palavras de ordem para converter o processo de encontro dos fluxos do trabalho assalariado e o fluxo de capital no processo de produção.

Isso resulta num sistema quantitativo reduzindo este processo a quantidades variáveis e abstratas, na forma de moeda. É nesse movimento que a axiomática produz, controla e ajusta uma série de enunciados e palavras de ordem linguística para comandar a máquina social, operar movimentos produtivos para multiplicar ou mesmo limitar ou eliminar esses movimentos. A conjunção atual neoliberal se processa no encontro desses dois fluxos: o fluxo do trabalho livre com o fluxo do dinheiro-capital-finanças.

> O capitalismo se forma quando o fluxo de riqueza não qualificado encontra o fluxo de trabalho não qualificado e se conjuga com ele. É isso que as conjunções precedentes, ainda qualitativas ou tópicas, haviam sempre inibido (os dois principais inibidores eram a organização feudal do campo e a organização corporativa das cidades). É o mesmo que dizer que o capitalismo se forma com uma axiomática geral dos fluxos descodificados. (ibid., p. 162).

A axiomática opera ao passar misteriosamente, a moeda gerada do trabalho para o capital, exercendo um fetichismo gigantesco e perpetuando uma dívida permanente do trabalho assalariado com o capital. Segundo D&G, a eterna dívida da propriedade dos meios de produção é originária nas sociedades primitivas, em permutas de dons e contra dons, de débitos e créditos que propiciavam alianças entre tribos nômades. Porém, essas dívidas são finitas porque ainda não eram agenciadas pelo "estoque".

De acordo com Marx, essa dívida agora é infinita pois é no capitalismo que se processa na extração do trabalho não pago, na

mais-valia excedente, apropriada na circulação capitalista da mercadoria, na fórmula D-M-D. Nesta circulação o trabalho magicamente não aparece, a dívida infinita e a necessidade de reprodução de trabalhadores está longe de revelar o fato do produto mercadoria ser produzido pelos trabalhadores. Considera-se como axioma que tudo é produzido pelo capital.

O fetiche da mercadoria transforma tudo, todos os entes mundanos passíveis de serem vendidos, objetos e mão de obra humana. Esta operação tem um devir fundamentado no poder, tendo sido uma operação de poder que registra toda a produção a estas formas contábeis. No equivalente universal a moeda está presente nas operações de débito e crédito, na quantificação e registro financeiro dos ativos, todos legitimados pelo Estado.

A axiomatização capitalista se processa com acontecimentos e agenciamentos sobre o plano de imanência, na tensão entre as linhas dos fluxos de codificação e descodificação nas operações de produção e contra-produção e nas contradições que o capitalismo apresenta. A axiomática tem a função de controlar os fluxos descodificados de desejos, de modo que nada lhe escape, fundamentada no fetiche de que tudo o que é produzido se fez, graças ao capital. Utilizando uma expressão de Marx, na qual Deleuze e Guattari adotaram, o capital se torna o "pressuposto natural e divino" de todo o processo produtivo. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 32).

A axiomática capitalista, com sua produção semiótica, afirma que tudo ocorre em virtude do capitalismo como a produção, o emprego, o desenvolvimento tecnológico, a comida na mesa, as redes sociais, a mobilidade planetária e a liberdade democrática e de escolhas consumistas. Da mesma forma, a de empreender e acumular capital, possuir propriedades, bem como a sobrevivência da espécie no planeta. Para o neoliberalismo tudo decorre por obra do mercado.

Para os nossos autores o capitalismo funciona, delirantemente, com os fluxos desejantes codificados e descodificados,

insistentemente controlados por uma axiomática. Isso ocorre de duas maneiras: recodificando fluxos descodificados dissonantes da acumulação ou subtraindo fluxos codificados ou removendo fluxos que caíram no esquecimento ou que ameaçam a extração da mais-valia e da acumulação. A resiliência está na dinâmica da axiomática paranoica e esquizofrênica capitalista, que não deixa nada fora da gaiola sistêmica e, para isso, conta com o Estado.

É o Estado que, em conformidade com suas características de população, território, recursos naturais, estoques, relações nacionais e internacionais concretiza a axiomática capitalista.

> O Estado capitalista é o regulador dos fluxos descodificados como tais, enquanto tomados na axiomática do capital. Neste sentido, ele completa bem o devir-concreto que nos pareceu presidir à evolução do *Urstaat* despótico abstrato: de unidade transcendente, ele devém imanente ao campo de forças sociais, passa a seu serviço e serve de regulador aos fluxos descodificados e axiomatizados. Ele é de tal modo sua boa consumação, que, num outro sentido, só ele representa uma verdadeira ruptura, um corte com ele, contrariamente às outras formas que se estabeleciam sobre as ruínas do *Urstaat* (ibid., p. 334).

As funções do Estado basicamente são monitorar, controlar e impedir que os fluxos descodificados fujam por todos os poros da axiomática social, principalmente aqueles que ameaçam a extração do sobretrabalho e a acumulação do capital.

O sistema capitalista neoliberal é sustentado pelo pensamento das pessoas, tanto no espaço tempo virtual quanto no atual. A dinâmica da axiomática interiorizada na consciência sustenta uma estrutura lógica que condiciona suas ações em uma univocidade e, em diferentes situações.

As conquistas de aumentos salariais dos trabalhadores por exemplo, são conquistas do capital, garantindo e aumentando a equação marxista D-M-D e quanto mais dinheiro nas mãos dos trabalhadores mais mercadorias são convertidas em capital. Se as férias são concedidas, as máquinas de turismo e lazer ampliam a acumulação e, como resultado, o capital é tão menos ameaçado

quanto mais axiomas propagam a circulação e o consumo nos seus agenciamentos, tornando-o resiliente.

Deleuze e Guattari revigoram o marxismo quando apontam o que existe nas dobras da realidade, os "fluxos do desejo" ou "fluxos de produção do desejo". Porque é a partir desses dois fluxos que Marx fala sobre o fluxo de trabalho livre e o fluxo de capital dinheiro. Ambos demonstram um movimento de desterritorialização dos fluxos desejantes de sobrevivência, consumo e os fluxos desejantes de acumulação, abstratos pela intermediação da moeda e axiomatizados pelo poder do Estado. Adicionam ao marxismo o conceito de contraprodução, conceituada como a dívida infinita, com sua origem no *sócius* primitivo, quando o estoque se torna fluxo desejante.

No capitalismo, a dívida ganha uma dimensão "imanente", ou seja, a "dívida infinita imanente" injetando no *sócius* a contraprodução, que em Marx é denominada de controle dos meios de produção. Ela faz parte do funcionamento da máquina produtiva, mas a axiomática não deixa saídas que possam quitar a dívida e retirar a antiprodução dos desejos. Tampouco, não deixa saídas para o recalque das pulsões inconscientes do corpo sem órgãos, não permitindo a potência plena da produção desejante.

Para continuar da dívida infinita à axiomática ajustável, o capitalismo faz a gestão dos fluxos codificando e recodificando os fluxos desejantes no plano de imanência. Necessita do Estado e o tornará agente de contraprodução, por isso, D&G denominam-na de "dívida infinita" e de "dívida infinita imanente", presentes no capitalismo.

A operação capitalista neoliberal, com o suporte do Estado na dimensão virtual do capital, torna a acumulação concreta e atual. Ou seja, os processos de axiomatização transformam em presente realidade a produção virtual da acumulação financeira capitalista.

O capitalismo sofre de duas doenças desveladas por D&G, a paranoia de não deixar escapar os fluxos decodificados de desejo, axiomatizando-os e a esquizofrenia com a inevitável produção di-

nâmica de fluxos desejantes descodificados, que surgem do plano de imanência.

2.3 Sociedade de controle

Na atualidade, a sociedade está completamente tecnológica e essa tecnologia está disponível a quase todos, de maneira ubíqua. A comunicação, o processamento de transações e a conectividade são fenômenos recorrentes no mundo todo. Os índices de utilização das tecnologias pela população mundial, por meio de telefones inteligentes, celulares, computadores portáteis e de mesas são maiores que 60% e estão amplamente disseminados em todo o *sócius*.

A análise que segue tem como objetivo demonstrar que os dispositivos e os acontecimentos que se tornaram hábitos, atualmente, estão ampliando as codificações do modo virtual e facultando controles sociais, como nunca havia ocorrido. Face a esses acontecimentos, Deleuze formulou o que entende sobre as sociedades de controles que sucederam as sociedades disciplinares, as quais Foucault já havia abordado.

Estamos entrando na era da inteligência artificial e do processamento ubíquo, com potências vastamente ampliadas de codificação de comportamentos e projeção de subjetividades, em uma univocidade neoliberal. Vamos analisar as sociedades tecnológicas, a partir dos filósofos franceses. No *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, publicado no *L'Autre Journal*, em maio de 1990, Deleuze fez um histórico da obra de Foucault sobre as sociedades disciplinares:

> [...] situou as sociedades disciplinares nos séculos XVIII e XIX; e que atingem seu apogeu no início do século XX (e se processa por todo o século). Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão,

> que é o meio de confinamento por excelência" (DELEUZE, 1992, p. 223, grifos do autor).

Para abordarmos os conceitos de sociedade de controle será necessário conhecer a sociedade precedente. Na obra *Vigiar e Punir* Foucault desvenda a sociedade disciplinar. Em síntese, Foucault descreveu as características dessa sociedade da seguinte forma: "Digamos que a disciplina é o processo técnico unitário pelo qual a força do corpo é com o mínimo ônus reduzida como força "política", e maximizada como força útil" (FOUCAULT, 1997, p. 214). Sobre isso, D&G comentaram que

> Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. (ibid., p. 223).

A sociedade disciplinar já servia ao capitalismo, que por sua vez necessita de trabalho livre e nu, contudo, dócil e organizado e isso é realizado pelas famílias, escolas, fábricas, forças armadas, polícias, hospitais, enfim, todas as organizações disciplinares as quais estamos submetidos, desde a infância. No entanto, é na crise do pós segunda guerra mundial que as sociedades disciplinares perdem força e é quando surgem novas forças e novos fluxos de desejos reformistas, propagados nos acontecimentos da época.

> Reformar a escola, a indústria, o hospital, o exército, a prisão, mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas até a instalação das novas forças que se anunciam. (ibid., p. 224).

O que começa a surgir é a sociedade de controle[3] em subs-

3 Controle. Neste contexto é o nome que Burroughs denomina para o tipo de sociedade (monstruosa, segundo ele) que se inicia. A diferença é que na sociedade disciplinar existia o molde, o modelo disciplinar de condicionamento, na de controle começa a existir a modulação, ou seja, as formas de monitoramento segundo as necessidades da axiomática capitalista, modulando a empresa e não a fábrica, dando alma à empresa, modulando salários, na escola modulando exames, no hospital com atendimento domiciliar monitorado, dentre outros fluxos, dando comandos e respostas a partir de monitoração externa avaliadora.

tituição às sociedades disciplinares. Trata-se de um novo sistema, agora aberto, funciona no modo modulador com controles para uma moldagem autodeformante que muda permanentemente e, a cada instante, os controles sobre o *sócius*. Essa sociedade de controle já era percebida nesses termos, em 1991, por Deluze, Foucault, Paul Virilio e outros, e estava sendo exequível devido às tecnologias computacionais e comunicacionais.

Os planos virtuais digitais passam a exercer um poder ampliado de controle sobre o plano de imanência, mudando a sociedade com coleta de dados em tempo real e automação de processos, desses dados, com inteligência artificial. O forte poder computacional é aplicado na produção, na circulação de mercadorias e no trabalho assalariado. Os salários passam a ser definidos conforme uma modulação para cada função, enfrentando desafios de capacitação, metas a serem alcançadas, concursos abertos na empresa e prêmios por atingir metas, conforme índices de desempenho estabelecidos por sistemas específicos como o *KPI -Key Performance Index* e objetivos monitorados pela tecnologia instalada.

Dá-se início à crença na meritocracia, largamente propagada pela axiomática capitalista. A empresa substitui a fábrica, o produto pronto é montado por empresas e as peças são fabricadas nas periferias, com mão de obra barata, em fábricas instaladas em regiões pobres, com salários de custo mais baixo e para aumentar a margem de lucro.

A automação comercial permite lojas e fábricas sem estoques locais, a venda nas lojas é automatizada, comunica a baixa dos objetos vendidos e simultânea e automaticamente emite notas fiscais, pedidos de envio e novos pedidos às fábricas remotas. Essas também trabalham sem estoque e, nesse processo (*just in time*), colocam os pedidos dos objetos para montagem e reposição.

A logística com a informação na ponta dos dedos agiliza a venda e a entrega sem lojas nem fábricas, surgem empresas como *Ebay* e *Amazon*, que são basicamente empreendimentos de logísticas de entregas. As empresas trabalham sob demanda (*Kaizen*),

operação que se torna fácil, dados os recursos computacionais que reduzem tempo, por meio das fibras ópticas que encurtam distâncias e processamentos velozes dos processadores, capazes de lidar com volumes gigantescos de dados.

A cadeia de suprimentos de mercadorias (*Suply Chain*) elimina postos de trabalho com produção de pacotes de *softwares* especializados. Não é mais necessário almoxarifes, compradores, gestores de capacidade de produção. O comércio passa a estar visualizado na tela com vendas suportadas pelas *megatechs* que capturam nossos dados e atuam no mercado, estabelecendo ligação entre usuário e empresas de vendas.

> O princípio modulador do "salário por mérito" tenta a própria educação nacional: com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa. (ibid., p. 225, grifo do autor).

Os hospitais atendem em domicílios, os médicos realizam consultas remotas, as forças armadas fazem guerras pontuais remotas, passam a utilizar drones *online*, tecnologias de reconhecimento por imagens e localização geográfica. O telégrafo, o fax e o telefone são substituídos pelo e-mail, as comunicações são globais, a rede internacional de computadores e a *internet* estendem-se em todo o planeta.

> Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "dividuais", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "bancos". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medida padrão, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem

> intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle (ibid., p. 226, grifos do autor).

A axiomática capitalista introduz fluxos desejantes por acumulação em papéis financeiros, abstratos, o padrão ouro é substituído por moedas e papéis também abstratos. O sistema financeiro planetário adquire velocidade e capacidade de cálculos e transações reduzindo o tempo e o espaço, maximizando a acumulação especulativa sobre títulos, ações, comodities e papéis diversos, o setor que mais investe em tecnologias é o financeiro, a velocidade de compra e venda de papéis é quase a velocidade da luz nas fibras óticas e supercomputadores (PARANÁ, 2016, p. 111-118).

A alavancagem desregulamentada de hipotecas imobiliárias, causa da crise mundial de 2008, impactou o mundo até hoje e a recuperação ainda está distante de ocorrer. A axiomática capitalista abre espaço para migrações de trabalhadores para o mercado financeiro, nascem os rentistas minoritários operando na rede virtual para acumular ou perder no mercado financeiro atual.

> Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o surf já substituiu os antigos esportes. É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. (DELEUZE, 1992, p. 227).

Para compreender esse complexo desenvolvimento da axiomática capitalista na perspectiva da automação comercial, de compra e venda, automação das fábricas, formação de oligopólios, rentistas minoritários, comércio eletrônico, trabalho remoto em home office dividiremos o desenvolvimento da tecnologia de informação e comunicação em três eras. Podemos conceituar essas eras das tecnologias da informação e comunicação (TICs), a partir dos anos

de 1945-1950, com o surgimento dos primeiros computadores. A primeira era é caracterizada como a era do processamento de dados, ou processamento batch, processamento de grandes volumes de dados nos mainframes[4]. Na época, predominavam os sistemas de folhas de pagamentos, de faturamento e contábeis. Esses sistemas capacitaram o crescimento de oligopólios com a axiomática de redução de custos de mão de obra administrativa, substituída por *softwares* de automação.

A segunda era é a das conexões, a comunicação ubíqua, com aparelhos portáteis que podem se conectar em qualquer lugar do planeta, seja por ondas de luz, como cabos e fibras ópticas, seja por micro-ondas ou por satélites.

A terceira era inicia, predominantemente, com a Inteligência Artificial, escorada por *Big Datas*, captura de metadados e dados em tempo real e a *internet* das coisas, ainda em gestação.

As três produziram axiomáticas de acumulação capitalista diferenciadas. Sintetizando, a primeira era possibilitou o crescimento das empresas que hoje são capazes de processar grandes volumes de dados de faturamento, pagamento de funcionários e concentrar capital de maneira oligopolista. A segunda era capacitou a distribuição da informação, a comunicação pessoal o comércio eletrônico, a globalização financeira e a produção em fábricas distribuídas no planeta com o objetivo de baratear os custos do trabalho assalariado.

A sociedade de controle que D&G apresentam surge nessa era e os telefones se transformam em computadores de mão, como os *smartphones,* capazes de editar, processar, receber e publicar sons, textos, *hyperlinks*, tirar fotos, gravar vídeos gerando imagens em grande quantidade, tudo digitalmente.

> As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades

4 Mainframes. Computadores de grande porte capazes de gerar processamento de grandes volumes de dados pautados por operações de entrada e saídas potentes. Termo utilizado para diferenciar microcomputadores, notebooks ou smartphones.

> disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo. É uma mutação já bem conhecida que pode ser resumida assim: o capitalismo do século XIX é de concentração, para a produção, e de propriedade. Por conseguinte, erige a fábrica como meio de confinamento, o capitalista sendo o proprietário dos meios de produção, mas também eventualmente proprietário de outros espaços concebidos por analogia (a casa familiar do operário, a escola). Quanto ao mercado, é conquistado ora por especialização, ora por colonização, ora por redução dos custos de produção. (ibid., p. 227).

Na sociedade de controle a axiomática capitalista não confina, ao contrário, abre sistemas com controles invisíveis, processamentos e comunicações ubíquas. Esses sistemas são suficientes para organizar o indivíduo, a produção e o capital com a finalidade de acumulação, sem que se tenha a saída da gaiola sistêmica. Como exemplo mundial, a China teve atenção centralizada para as suas fábricas em virtude dos baixos salários e excedentes gigantescos de mão de obra com capacitação, atraindo a ganância global para torná-la um polo industrial mundial. Tudo isso em contraponto aos países desenvolvidos do primeiro mundo, que nesse processo se tornaram os grandes centros de empresas de venda e distribuição de mercadorias. Esse é um excelente exemplo da axiomática capitalista, mesmo num país comunista como a China.

> Mas atualmente o capitalismo não é mais dirigido para a produção, relegada com frequência à periferia do Terceiro Mundo, mesmo sob as formas complexas do têxtil, da metalurgia ou do petróleo. É um capitalismo de produção. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado (ibid., p. 227-228).

A chegada da inteligência artificial e dos *bigdatas*, destacadamente adicionados à axiomática da automação capitalista, possuem a finalidade de, por intermédio dos meios virtuais, viabilizar a certeza da distribuição de mercadorias pelo *matching* do comprador com a mercadoria vendida (ZUBOFF, 2021, p. 97).

Vamos chamar de *matching* o acoplamento de fluxos desejantes em máquinas desejantes, capacitados pelo instrumental tecnológico, com a finalidade de obter uma certeza quanto ao crescimento das vendas. Essa é a força motriz da valorização das empresas de buscas nas redes, essas empresas de buscas, dogmaticamente, são as mais valorizadas do mundo, atualmente.

Voltando à segunda era, na ocasião, criamos a crença de que quando baixávamos um aplicativo e aceitávamos as condições impostas no contrato inicial, de "gratuidade", acreditávamos que o aceite produziria uma mística troca de lados entre o aplicativo produto e o indivíduo cliente. No entanto, o indivíduo era transmutado de cliente a um produto a ser vendido para os clientes das *megatechs*.

Pensava-se, generalizadamente, que a quantidade de indivíduos no cadastro magnético dessas empresas seria o valor agregado que esses indivíduos forneciam, ao aceitar as condições para ter o aplicativo no seu computador de mão. As máquinas que estão em nossas mãos começam a espionar e, evidentemente, controlar nossos gostos, desejos e comportamento quando fornecemos, sem saber, nossos dados e os de nossas buscas.

O internauta tem seus dados capturados durante sua navegação, enquanto está em busca de produtos nas prateleiras das lojas virtuais e visitando *sites*. Essas visitas possuem as mais variadas finalidades, como observar pronunciamentos de políticos, buscar ofertas de emprego, conversar com amigos, publicar *posts*, fotos de viagens e até *fake news* (notícias falsas). Quando se atua nas redes desconhece-se o fato de estar fornecendo enormes volumes de dados pessoais.

Passamos a ter que lidar com a potência da inteligência arti-

ficial no *matching* e como subproduto enfrentar as guerras híbridas ou cibernéticas. A rede mundial de computadores passou a ter o devir de consciência coletiva, tanto nos agenciamentos como para o *matching*, o trabalho, treinamentos e reuniões remotas *online*. Isso ocorre, igualmente, para os agenciamentos culturais, afetivos e informacionais na busca por conhecimento. O plano de imanência dos indivíduos está impregnado de planos virtuais na palma das suas mãos ,há uma comunicação global em todas as ocasiões.

Hoje, a competição se dá com a televisão ubíqua que possuía exposição em bares, clínicas, hospitais, lares, saguões de espera, dentistas e laboratórios, mas atualmente, com uma diferença: os aparelhos que utilizamos estão conosco o tempo todo e passaram a se comportar como espiões dos nossos desejos. Os aparelhos possibilitam uma comunicação ubíqua e a computação ubíqua remota é um fenômeno atual, utilizando-se de inteligência artificial.

Em 1991, Mark Weiser, cientista da computação, publicou o artigo intitulado *O Computador para o século XXI* o qual teve papel preponderante na estruturação dos objetivos da tecnologia, no Vale do Silício, por quase três décadas. Neste artigo ele apresenta o conceito de computação ubíqua:

> As tecnologias mais profundas são aquelas que desaparecem. Elas se entrelaçam no tecido da vida cotidiana até que sejam indistinguíveis desta [...]. Ele descreveu uma nova maneira de 'pensar': que permita que os próprios computadores desapareçam no pano de fundo [...] Máquinas que se encaixam no ambiente humano em vez de forçar humanos a entrar no ambiente delas farão do uso do computador algo tão revigorante quanto um passeio no bosque [...] a computação ubíqua segundo Weiser se infiltraria no mundo real – um aparato plenamente conectado de computação silenciosa, 'calma' e voraz. Se refere a esse ambiente de computação como a possibilidade de conhecimento ilimitado, e mostra um exemplo: "conhecimento tal como saber qual o terno que você admirou por bastante tempo na semana passada, uma vez que ele (computador) conhece ambas as localizações e pode encontrar de modo retroativo o nome do estilista, mesmo que a informação não seja do seu interesse no momento (ZUBOFF, 2020, p. 232, grifos do autor).

Se D&G ainda estivessem vivos e à espreita desse assunto, inclusive após os conceitos que eles elencaram sobre a sociedade de controle, sem dúvida trariam novas contribuições conceituais para a terceira era, imprescindíveis para compreender o nosso plano de imanência, no século XXI. A computação ubíqua está constantemente de prontidão em relação aos algoritmos de inteligência artificial, processando tudo que pode extrair e aplicando, simultaneamente, a psicometria[5]. Os metadados das nossas mensagens estão submetidos a altíssimas capacidades computacionais distribuídas. São os metadados de localização, hora e assunto, palavras chaves, a forma como escrevemos, o tempo decorrido quando observamos um anúncio na rede social e nas navegações, em *sites* de interesse. Além disso, há o processamento dos metadados sobre o nosso estado de ânimo em determinado momento, as nossas motivações, como e quais mensagens enviamos para os amigos ou publicamos, o que compartilhamos, no que damos *clicks* de *likes* ou *unlikes* etc.

As empresas supervalorizadas que geram as redes sociais possuem alto valor porque são capazes de vender nossas intenções e probabilidades de comportamentos. Ademais, moldam nossas tendências comportamentais para outras empresas de vendas, com a finalidade de *matching* garantindo a certeza de concretizar a venda ou controlar a conduta comportamental. Investem, majoritariamente, para extrair dados, metadados e para predizerem personalidades, vender produtos ou orientações comportamentais aplicando a renderização[6] para enviar a mensagem de *marketing* personalizada, com a finalidade de acumulação. A axiomática tecnológica do capital já utiliza a computação ubíqua:

> O que ele (o capitalismo) quer vender são serviços, o que ele

5 Psicometria. Ramo da Psicologia que se orienta à medição dos processos psíquicos. Para isso, desenvolve estudos que permitem atribuir um número aos seus resultados, possibilitando comparar os comportamentos das pessoas, segundo estatísticas direcionadas, a perfis psicológicos.

6 Renderização. É o processamento para combinação de um material bruto digitalizado como imagens, vídeos ou áudios e os recursos incorporados ao *software* como transições, legendas e efeitos.

> quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. Por isso ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu o lugar à empresa. A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou potência privada, mas são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes.
>
> Até a arte abandonou os espaços fechados para entrar nos circuitos abertos do banco. As conquistas de mercado se fazem por tomada de controle e não mais por formação de disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto, mais do que por especialização da produção. A corrupção ganha nova potência. O serviço de venda tornou-se o centro ou a alma da empresa. Informam-nos que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O *marketing* é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores. (DELEUZE, 1992, p. 228).

As vendas e a circulação das mercadorias, conforme a fórmula de Marx, M D ▷ M ▷ D, tornaram-se a alma das empresas. Agora o deus sábio e dono dos destinos do mundo são as empresas de buscas e as redes sociais, que passaram a controlar os desejos e, consequentemente, os comportamentos do *sócius*.

A submissão maquínica se mostra ampliada e fica mais fácil agarrar-se a opiniões virtuais e atuais, idiotas, quando se está sob uma torrente de agenciamentos virtuais produzidos racionalmente e ainda submetidos ao besteirol, no plano atual. Muito mais difícil é vasculhar o caosmos imanente com um problema como plano de referência e recorrer à filosofia, ciência e arte, não necessariamente nessa ordem. Filosofia, ciência e arte para o pensamento livre, desejos lisos para conhecermos, quiçá muito pouco do plano de imanência e os devires da axiomática tecnológica capitalista, bem como seus efeitos no *sócius*.

> Félix Guattari imaginou uma cidade onde cada um pudesse deixar seu apartamento, sua rua, seu bairro, graças a um cartão eletrônico (dividual) que abriria as barreiras; mas o cartão

> poderia também ser recusado em tal dia, ou entre tal e tal hora; o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal. (ibid., p. 229).

Ainda não sabemos no que a axiomática tecnológica capitalista pode influenciar em relação aos devires do *sócius*. Talvez na transição da mercantilização da mão de obra assalariada, para transformar os humanos em insumos para os metadados fornecidos aos clientes dos senhores do capitalismo de vigilância. (ZUBOFF, 2020, p. 88, 92-93, 98-100).

> O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas (DELEUZE, 1992, p. 228).

A quais máquinas de capturas estamos sujeitos? Na terceira era estamos sujeitos às máquinas de processamentos "inteligentes" e por máquinas discursivas cotidianas carregadas de semióticas neoliberais, compostas de palavras de ordem e organizativas, segundo esses valores que chegam até nós pelas redes sociais e pela rede mundial de computadores.

Deleuze e Guattari denominam esses processos de servidão maquínica e sujeição social. Os dois conceitos relacionam a submissão que se processa com o instrumental tecnológico e a falsa legitimação dos discursos sedutores de realização pessoal, profissional e nos valores neoliberais enunciados, desde a infância. Avi escuta, desde cedo, seus pais falarem: "Ele vai ser médico quando crescer", "Ele será advogado, não poderá ser artista, não dá dinheiro", "Avi é muito inteligente e é o primeiro da classe, ele quer ser cantor, não vamos deixar ele morrer de fome".

Luci@ quer ser filósofo quando crescer, mas advogado é melhor para garantir seu sustento. A "pseudo" realização individual proporciona, mesmo que se atenha à sujeição social, uma libido

satisfatória. Todavia, capturada por concordância paterna e mantida pela libido, em reconhecimentos diversos como promoções na empresa, *likes* em postagens. E ainda por compartilhamentos renderizados, decorrência da maioria dos acontecimentos em suas vidas, porém contingenciadas pelos valores neoliberais.

Os agenciamentos neoliberais produzidos por máquinas ou humanos satisfazem a libido[7], a vontade de poder, mas estão em contradição aos fluxos de desejos livres que afetam e são afetados por corpos. Ou seja, o tesão por afetos alegres em que a potência dos desejos esteja colocada em composições desejantes, livres com outros corpos, independente dos valores neoliberais.

Com o neoliberalismo esquecemos das capacidades, dos desejos dos corpos, de afetarmos e sermos afetados livremente, em decorrência da individualidade da competição e da gestão de si, ordenadas pela servidão maquínica e sujeição social. Tudo tem seu limite e há em nós algo de corpo sem órgãos que pode nos remeter à solidariedade.

> Distinguimos como dois conceitos a servidão maquínica e a sujeição social. Há servidão quando os próprios homens são peças constituintes de uma máquina, que eles compõem entre si e com outras coisas (animais, ferramentas), sob o controle e a direção de uma unidade superior. Mas há sujeição quando a unidade superior constitui o homem como um sujeito que se reporta a um objeto que deveio exterior, seja esse objeto um animal, uma ferramenta ou mesmo uma máquina: o homem, então, não é mais componente da máquina, mas submetido pela máquina. Não que o segundo regime seja mais humano. Mas o primeiro parece remeter por excelência à formação imperial arcaica [império egípcio]: os homens não são ali sujeitos, mas peças de uma máquina que sobre-codifica o conjunto (o que chamamos 'escravidão generalizada', por oposição à escravidão privada da Antiguidade, ou à servidão feudal)" (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 167-168).

7 Libido. Caracterizada como a energia aproveitável para os instintos de vida. De acordo com Freud, o ser humano apresenta uma fonte de energia separada para cada um dos instintos gerais.

As tecnologias de inteligência artificial já operam para um controle privado e público. Basta ver os algoritmos de captura de metadados, os dados de comportamentos, assim como os dados pessoais, aliados a tecnologias de biometrias como o reconhecimento facial, a impressão digital, o reconhecimento da íris, da palma da mão, de imagens e comportamentos.

A axiomática neoliberal produz enunciados semióticos como os significantes de realização individual, por sua vez competitivos, e promove a gestão empreendedora de si mesmo. Essas capturas, conceituadas por D&G, ocorrem predominantemente sobre nosso plano de imanência, retirando de nós os espaços lisos nomádicos e criativos para colocar um rosto, um espaço estriado.

Não sabemos qual o limiar, tampouco o limite para não suportarmos mais os devires de controles. Temos que sair da gaiola sistêmica, das submissões maquínicas e das sujeições sociais, essas estão instrumentalizadas, majoritariamente, pelos agenciamentos do *sócius* e da axiomática tecnológica capitalista neoliberal.

Saímos do confinamento da "fábrica", porém, o capitalismo, com sua axiomática tecnológica ubíqua (comunicação e computação ubíquas) elevou o alcance da exploração a todos os lugares, a todo tempo, com a finalidade de acumulação e, tendo como consequência o aumento da miséria. Talvez outra axiomática de vida, que congregue fluxos coletivos de enunciação solidária, possa estar a serviço de salvar o planeta e acabar com a iniquidade.

2.4 Como vivemos em sociedade?

Nossas atividades, desejos, conatus, como nos mostram D&G, possuem dinâmicas em dois níveis nos quais denominaram de molecular e molar. O nível "molecular" é o nível dos corpos, no plano de imanência, contendo a potência de criação, de vibrações intensas das partículas vitais. Nesse nível, a dinâmica das relações sociais se dá no espaço da micropolítica.

O outro nível é o "molar", o nível codificado, da macro-

política, da organização neoliberal, da linha dura dos desejos. Em todos os níveis a linguagem representa o mundo. Palavras de ordem são correntes, cognição e recognição são as formas superficiais de pensar, presas e reprodutoras de semióticas dominantes.

Expusemos o conceito de rostidade, dos papéis dos rostos sociais, das linguagens representativas do molar, das linhas duras do desejo organizado. A seguir apresentaremos algumas considerações sobre como é a nossa vida em sociedade.

> Nossa vida é feita assim: não apenas os grandes conjuntos molares (Estados, instituições, classes), mas as pessoas como elementos de conjuntos moleculares, os sentimentos como relacionamentos entre pessoas não segmentarizados, de um modo que não é feito para perturbar nem para dispersar, mas ao contrário para garantir e controlar identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal. O noivo pode dizer à jovem: considerando-se as diferenças entre nossos segmentos, temos os mesmos gostos e somos parecidos. Sou homem e você é mulher, você é telegrafista e eu sou merceeiro, você conta as palavras e eu peso as coisas, nossos segmentos se afinam, se conjugam. Conjugalidade. Todo um jogo de territórios bem determinados, planejados. Tem-se um porvir, não um devir. Eis uma primeira linha de vida, linha de segmentaridade dura ou molar, de forma alguma é uma linha de morte já que ocupa e atravessa nossa vida, e finalmente parecerá sempre triunfar (DELEUZE, 2012, p. 73-74).

Nossos personagens principais vivem em sociedade: suas atitudes, diálogos e interações entre conhecidos e desconhecidos, humanos e máquinas, se processam na sociedade. Para melhor explicar, descreveremos um exemplo da vida de Avi.

Avi preocupa-se muito com as etiquetas, sempre se comportou de acordo com o ambiente. Age cordialmente com seus pares, busca ser reconhecido, sabe receber as ordens do dia, que para ele não são ordens, são trocas de trabalho - ele também adora dar ordens. Quando Avi se envolve em conflitos disputa sua opinião ferrenhamente, mesmo sem certezas, mas garante sua opinião assim mesmo.

Sua libido e seu gozo estão em ganhar um debate. Quando está em posição de comando faz questão que suas ordens sejam cumpridas, sua libido realiza-se dessa forma. Adora exercer esse poder sobre seus subordinados e sobre quem o admira. Avi sempre está em busca de reconhecimento, por parte de seu chefe e familiares em relação a tudo que faz. De acordo com o que compartilha nas redes como fotos, *posts*, comentários, mensagens a amigos, procura se identificar com pessoas vencedoras dando *retweets*, *likes*, entre outros, e adora contar piadas de todos os tipos.

Em sua vida, sempre aceitou quando lhe dizem que "o computador está correto", não questiona quando lhe respondem: "O computador não permite dessa forma, sem CPF, faça o seguinte: o senhor entra no site e preenche o formulário, depois emite a guia e paga no banco, só após o pagamento o senhor poderá protocolar esse seu processo." Ele tem a convicção de que o computador é inquestionável, sempre tem "razão".

Para melhor compreendermos Avi, D&G conceituam duas forças de subjetivação para monitoramento, manutenção e produção de axiomas com controle da axiomática neoliberal predominante. Essas forças são a sujeição social e a submissão maquínica. As subjetividades estão sujeitas a um macro regramento coloquial, linguístico, semiótico e se manifestam no cotidiano como palavras de ordem e "obrigação social", no plano molar.

> A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda. Em toda palavra de ordem mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte --- um veredito dizia Kafka. [...] A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas --- o que é bastante diferente --- transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado. 'Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é "necessário" pensar, reter, esperar etc. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, v. 2, p. 13, grifos dos autores).

Estamos habituados a pensar, nos comportarmos e agir, pre-

sos na sujeição social e na submissão maquínica. Os jornais dizem o que é importante pensar, os comentários entre colegas no trabalho giram em torno do que está em pauta. Igualmente, as perguntas enunciadas no coletivo são as que estão veiculadas nas mídias tradicionais como TV, rádio, jornais e revistas, por exemplo. Os enunciados e atos sempre estão segmentarizados, redundantes, presos na axiomática capitalista neoliberal.

A sujeição social ocorre no ato da fala repetindo os valores dominantes de acreditação dos atos, conforme os valores correntes. Esse arcabouço da fala reduz a subjetividade para dar e seguir ordens no plano de referência em análise.

Desde cedo, as crianças estão sujeitas a estriamentos, regras sociais inerentes à educação. Os desejos das crianças precisam estar doutrinados de acordo com algum modelo educacional, a todo momento como "obrigação social". Sempre fundamentados no convívio social, submetidos à linguagem, aos desejos externos projetados nos filhos pelos seus pais e educadores, sujeitos a desejos consumistas incentivados por publicitários.

A constituição do indivíduo, desde a infância, é moldada fragmentariamente pela conjunção desse duplo processo de submissão maquínica e sujeição social. São dois processos heterogêneos, porém complementares. A sujeição social se processa pela linguagem, pela semiótica e por comportamentos sociais, já a submissão maquínica envolve uma multiplicidade de subjetividades. Elas são humanas e não humanas porque entram os dispositivos de homens-máquinas, operando a relação humana com máquinas que processam algoritmos programados, com linguagens fixas.

São outras linguagens com significados precisos, codificadas e que em ação produzem resultados rígidos de subjetivação algorítmica, dependentes da pré-codificação dos programas. Esses estabelecem as regras efetivas do *sócius*, como as burocráticas, regradas e normativas.

Não existe significância independente das significações dominantes, tampouco subjetivação, independente de uma ordem

estabelecida de sujeição. Ambas dependem da natureza e da transmissão das palavras de ordem, em um determinado campo social. Não existe enunciação individual, tampouco sujeito de enunciação.

> […] O caráter social da enunciação só é intrinsicamente fundado se chegamos a mostrar como a enunciação remete, por si mesma, aos agenciamentos coletivos. Assim, compreende-se que só há individuação do enunciado, e da subjetivação da enunciação, quando o agenciamento coletivo impessoal o exige e o determina. [.....] É a noção de agenciamento coletivo de enunciação que devém a mais importante, já que deve dar conta do caráter social (DELEUZE; GUATTARI, 2011, v. 2, p. 18- 19).

Só falamos e interagimos conforme o *sócius* exige, a enunciação pessoal é impregnada das enunciações coletivas e de palavras de ordem que redundam em fala e ato, conforme conceituam D&G. Essa conjunção, que submete a todos, impede os fluxos livres desejantes moleculares e diminui a potência dos corpos. O que nos resta é estarmos presos ao poder da gaiola sistêmica molar, reproduzida pelo *sócius*, resultando na univocidade subjetiva neoliberal.

O século XXI está preso na gaiola sistêmica, na qual todos estão submetidos. É preciso pensar em resistir aos dois polos coexistentes nos quais estamos submetidos e que produzem afetos tristes, nos deixando subjugados ao poder, causando a Síndrome de *Burnout*.

Claire Parnet, jornalista, realizou entrevista com Deleuze, em 1994, para ser publicada *post mortem*, denominada ABeCedário, na qual ele fala da alegria:

> Vou simplificar muito, mas quero dizer que a alegria é tudo o que consiste em preencher uma potência. Sente alegria quando preenche, quando efetua uma de suas potências. Preencher uma potência é isso, efetuar uma potência. Mas o que é equívoco é a palavra "potência". E o que é a tristeza? É quando estou separado de uma potência da qual eu me achava capaz, estando certo ou errado. 'Eu poderia ter feito aquilo, mas as circunstâncias... não era permitido etc.' É aí que ocorre a tristeza. Qualquer tristeza resulta de um poder sobre mim.

> Eu dizia que efetuar algo de sua potência é sempre bom. É o que diz Spinoza. Mas isso traz problemas. É preciso especificar que não existem potências ruins. O que é ruim não é... O ruim é o menor grau de potência. E este grau é o poder. O que é a maldade? É impedir alguém de fazer o que ele pode, é impedir que este alguém efetue a sua potência. A confusão entre poder e potência é arrasadora, porque o poder sempre separa as pessoas que lhe estão submissas, separá-as do que elas podem fazer. (PARNET, 1988-1989, ABCdario – Parte 2 - Alegria (*Joie*), grifos da autora).

É preciso pensar o *sócius*, a partir dos problemas que ele enfrenta, sendo na organização, no poder que fragmenta e na política que conduz à guerra. Para criar as novas axiomáticas da vida é necessária a alegria e ter realizada a potência da boa vida, para todos.

A sociedade do século XXI vive o plano de referência neoliberal e esse plano está fundamentado em falsas premissas totalitárias, traduzidas em poderes ecumênicos e de autogerência de si, introjetados no nosso sangue pela axiomática da submissão maquínica e da sujeição social. A potência das alegrias e dos fluxos desejantes livres está impotente pelo poder. Vivemos em guerra!

> Se há antítese entre guerra civil e poder, ela se dá ao nível do poder estabelecido. Pois é ele que a rejeita, ou que nela vê uma ameaça, quando na verdade, ela o habita, atravessa, anima, investe de todos os lados. Com isso Foucault chega à sua formulação mais incisiva: 'O exercício cotidiano do poder deve poder ser considerado como uma guerra civil: exercer o poder é de certa maneira conduzir a guerra civil e todos esses instrumentos, essas táticas que se pode detectar, essa alianças devem ser analisáveis em termos de guerra civil. (DELEUZE, 1992, p. 64).

Vivemos em permanente guerra e essa guerra não tem importância para o neoliberalismo. Ao contrário, para ele, a polícia e os militares devem estar a serviço da repressão dos marginais, dos nômades que não se encaixam nas cidades, nos Estados, aqueles que o ameaçam com seus problemas e desejos descodificados. Por outro lado, a axiomática capitalista impõe a todos uma dívida infinita causada por não possuirmos os meios de produção, somos os

despossuídos de capital. Os mais variáveis conjuntos minoritários possuem a potência do seu trabalho da qual precisam vender ao capital. A axiomática neoliberal transforma todos em mercadorias valorizadas, pelo fluxo abstrato da moeda.

Existe uma dívida no *sócius*, desde os primórdios, com os caçadores coletores é uma dívida finita, de aliança, dom contra dom, ou seja, a troca. Essas trocas, ainda sem estoque e sem Estado, se consumavam no ato em que se realizavam, portanto, a dívida era finita. A promessa, a palavra, o registro no *sócius* e a memória estabeleciam as promessas das dívidas e trocas. Quando uma dívida terminava outras começavam, mas sempre finitas. O registro filiativo e a aliança são realizados nas trocas, no meio tribal. Isso muda com o Estado.

> Filiação e aliança: sua irredutibilidade. [...] Os laços estruturais que provém do casamento entre membros de grupos diferentes foram amplamente ignorados, ou então assimilados ao conceito universal de filiação. [...] (Todavia) os laços perpendiculares que unem lateralmente a patrilinhagens[8] não são concebidos pelos próprios indígenas como laços de filiação. A continuidade da estrutura vertical no tempo exprime-se adequadamente pela transmissão agnática[9] de um nome de patrilinhagem. Mas a continuidade da estrutura lateral não se exprime dessa maneira. Ela é mantida sobretudo, por uma cadeia de relações econômicas entre devedor e credor... É na existência destas dívidas abertas que manifesta a continuidade da relação de aliança. [...], mas a aliança é política e econômica, e exprime o poder enquanto este não se confunde com a administração. Filiação e aliança são como que as duas formas de um capital primitivo, o capital fixo ou estoque filiativo e o capital circulante ou blocos móveis de dívidas. [...] Os marxistas têm razão ao lembrar que, se o parentesco é dominante na sociedade primitiva, ele o é por ser determinado a isso pelos fatores econômicos e políticos (DELEUZE, 2011, p. 195-196).

8 Patrilinhagem Também conhecida por linhagem masculina ou parentesco agnático, é uma classificação ou organização de um povo, grupo populacional, família, clã ou linhagem em que a descendência é contada em linha paterna.

9 Agnático. Pertencente ou respeitante aos agnados. Que vem por varonia.

Com o surgimento do Estado despótico a dívida torna-se infinita. O soberano tem ligação com o divino e direito ao estoque, ausente nas sociedades primitivas de coletores caçadores. Com o Estado, o estoque torna-se o fluxo desejante de acumulação, mas é necessário estriar o plano de imanência. Para ter mais estoque é necessário explorar o corpo pleno da terra e o trabalho que nela produz. A dívida, nessa relação despótica, torna-se infinita, uma relação de escravidão e servidão aos detentores do Estado despótico.

A dívida infinita incontestável, desde os primórdios da primeira era do Estado, chega ao Estado civilizado capitalista neoliberal, que não contesta a propriedade dos meios de produção, que fechados com os fluxos abstratos do trabalho e do capital configuram a gaiola sistêmica. Os fluxos livres no espaço livre da Terra são capturados, fluxos de desejos são codificados pelas máquinas modernas, fundadas na dívida infinita, e não permitem desejar livremente, a não ser dentro dos enunciados agenciadores da axiomática capitalista.

É urgente refletir sobre esse problema, e fazer as perguntas: Quais são os falsos signos que fundamentam o neoliberalismo? Como os fluxos de desejos estão submetidos aos enunciados de sujeição social e submissão maquínica? Como esses falsos fundamentos persistem no pensamento, mesmo que se apresentem caóticos, irracionais, ou contra os fatos constatáveis de seus efeitos? Como os acontecimentos mundiais e tecnológicos agenciam os hábitos e as motivações que têm tornado o capitalismo perene?

Como podem as crises, que apresentam consequências de risco à vida e ao planeta e, ainda assim, o neoliberalismo consegue prevalecer como a única alternativa de convivência no *sócius*? A sociedade e os códigos econômico, moral, político e de poder, em guerra civil traduzida na axiomática, constroem o devir do capital com a proteção do Estado.

Outros fluxos legítimos da Terra e dos seres vivos alegres poderão produzir um devir mundo, mas um mundo molecular será possível? Desde que o plano molar não codifique e controle os flu-

xos de exploração do sobretrabalho e o fluxo de acumulação do capital? Essas perguntas são valiosas, atualmente, se pensarmos a falência do neoliberalismo, face atual do capitalismo.

2.5 Onde vivemos?

A pergunta nos remete a todos os sentidos e como percebemos o que está ao nosso redor? Como começamos a pensar? Como reiteramos o que percebemos e o que codificamos ou, o que isso representa está correto? Como estamos territorializados?

Todas as variantes a esses problemas estão no plano de imanência. É nesse plano que desejamos, percebemos, lembramos e pensamos a partir de nós mesmos, nos encontros. O *sócius* com o qual interagimos codifica e recodifica, territorializa, desterritorializa e reterritorializa desejos capturados, acoplados às máquinas desejantes do território.

Vivemos territorializados na Terra? É nela que conseguimos pensar e agir? É desse plano terreno que constituímos as formas viver? Deleuze e Guattari afirmam que é nesse plano imanente que pensamos, conforme expõem na sua última obra juntos, *O que é Filosofia*, no capítulo Geofilosofia. O belo texto nos proporciona pensar como e por que a filosofia nasce na Grécia e no plano de imanência contextualizado da época, no logos da península, desde o mar até sua extensão terrestre. Eles nos falam sobre o nascimento da Filosofia:

> Três coisas ao menos, que são as condições de fato da filosofia: uma pura sociabilidade como-meio de imanência, "natureza intrínseca da associação", que se opõe à soberania imperial, e que não implica nenhum interesse prévio já que os interesses rivais, ao contrário, a supõem; um certo prazer de se associar, que constitui a amizade, mas também de romper a associação, que constitui a rivalidade (não havia já "sociedades de amigos" formadas pelos emigrados , tais como os Pitagóricos, mas sociedades ainda um pouco secretas, que encontrariam sua abertura na Grécia?); um gosto, pela opinião, inconcebível num império, um gosto pela troca de opiniões, pela conversação,

> **Imanência, amizade, opinião**, nós encontramos sempre estes três traços gregos. Não se verá aí um mundo mais doce, tantas são as crueldades que a sociabilidade implica, as rivalidades da amizade, os antagonismos e as reviravoltas sangrentas da opinião. O milagre grego é Salamina, onde a Grécia escapa ao império persa, e onde o povo autóctone, que perdeu seu território, o carrega para o mar, reteritorializando-se sobre o mar. A liga de Delos é como que a fractalização da Grécia. O liame mais profundo, durante um período muito curto, existiu entre a cidade democrática, a colonização, o mar e um novo imperialismo, que não via mais no mar um limite de seu território ou um obstáculo a sua empresa, mas um banho de imanência ampliada. [...] Pensar consiste em estender um plano de imanência que absorve a terra (ou antes a "adsorve"). (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 106, grifos dos autores).

A amizade e a opinião, semeadas no plano da imanência e a disputa dos pretendentes à melhor política nos fazem pensar, sem perceber, que sem as diferentes multiplicidades dos entes na terra, no mar e no ar não seria possível florescer a filosofia, a arte e, finalmente a ciência. Mesmo a filosofia, que pretende ser a fonte do livre pensar, depende do que enxergamos, do que não vemos, do que escutamos e não escutamos, das sensações da pele, do tato, do concreto e do que não sentimos ao tato. Com a ciência descobrimos o caosmos nas partículas, nas combinações atômicas, nas cadeias de carbono, na física clássica dos movimentos, na relatividade, na física quântica e na química das matérias.

Por exemplo, conseguimos atuar hoje na química subatômica, que denominamos de nanotecnologia, agimos como demiurgos da matéria e da vida com as células tronco. Como estaríamos hoje, não fosse a nossa curiosidade sobre as multiplicidades das forças que percebemos e das forças que ainda não percebemos em nosso plano de imanência? A nossa curiosidade indagativa analisa o desconhecido, o desterritorializado e o territorializado, onde pisamos.

Mas não somos capazes de pensar sozinhos na ausência da vida ao redor, na ausência da matéria, do ar e da água, do céu e das estrelas, podemos imaginar o vácuo. O cinema nos leva a flutuar em naves livres de gravidade, mas nosso pensamento não pode ser

abstrato. Ele precisa de problemas, de questões, enfrentar o desconhecido, quer seja pela filosofia, pela arte ou pela ciência.

Constatamos que não chegamos ao fundo de nada, pois múltiplos fundamentos relacionados a outros fundamentos se constituem, se territorializam e se desmancham, se desterritorializam e formam rizomas. Tudo são devires no plano de nossa imanência. Não adianta querer pensar a filosofia daqui a 400 anos, tampouco a ciência e as artes porque o devir é inesperado e resultante de uma multiplicidade de forças, linhas de forças reativas, ativas, reativas-ativas e linhas de fuga. Linhas de rompimento de fundamentos que irão constituir um devir infinito, na velocidade do pensamento, que possui como fonte o plano de imanência.

Se a amizade, o gosto pela interação social e a pretensão de ter a melhor opinião, na ausência de um soberano, foi o berço da filosofia e da democracia Grega, depois de dois mil e vinte e um anos, aonde chegamos? Estamos presos na axiomática capitalista, iludidos na sujeição social neoliberal?

Consideramos que estamos em um estado avançado da tecnologia, nossas vozes voam invisíveis em ondas radiais na forma de *flashes* de luz, em fibras óticas. Voam não só vozes, mas escritas, imagens, filmes, jogos animados e mundos estranhos criados na computação gráfica, em dispositivos de realidade virtual, com realidades ampliadas e realidades ficcionais que extrapolam a Terra, Marte, o sistema solar e o infinito caosmos. Não obstante, esses mundos não nos afetam como nosso plano de imanência em que estamos territorializados e precisamos nos levantar de manhã, nos mover para o trabalho, enfrentar os problemas, sermos capazes de competir segundo os valores fundamentados na acumulação neoliberal. Somos sujeitados a pensar como pensa a empresa, a partir da mercadoria corpo e mente, a ser vendida para o capital e assim garantimos, não somente o desejo de sobreviver, mas os outros desejos que se dão no campo social, no conjunto do *sócius*.

Como verificamos, o capitalismo é a única máquina social que se construiu como tal sobre os fluxos descodificados, substi-

tuindo os códigos intrínsecos por uma axiomática das quantidades abstratas, em forma de moeda. Portanto, o capitalismo liberta os fluxos do desejo, mas nas condições sociais que definem o seu limite e a possibilidade da sua própria dissolução. Dessa forma, ele não contraria o movimento que o impele para esse limite, com todas as suas forças exasperadas.

No limite do capitalismo o *sócius* desterritorializado dá lugar ao corpo sem órgãos, a acumulação ilimitada e os fluxos descodificados se lançam na produção desejante.

Portanto, é procedente compreender, retrospectivamente, toda a história à luz do capitalismo, mas sob a condição de se seguir exatamente as regras formuladas por Marx: primeiramente, a história universal é a das contingências e não a da necessidade, é dos cortes e dos limites, e não a da continuidade. (DELEUZE, 2011, p. 185).

O *sócius* neoliberal não deixa de produzir máquinas desejantes para capturar, esse processo global não deixa ninguém de fora, todos nós estamos presos na gaiola sistêmica global. Presos voluntariamente por nossos corpos organizados nas crenças e subjetividades unívocas, sujeitos à normatividade neoliberal. Presos às máquinas desejantes e máquinas de consumo, em modos de vida, em virtualizações impossíveis de se atualizarem pelas restrições imanentes de crenças, dinheiro e crédito.

Estamos presos às máquinas desejantes produzidas pela nova ciência do *marketing* psicométrico, acometidos por desejos inatingíveis pela desigualdade entre fluxo de capital e fluxo de trabalho social remunerado, inatingível pela limitação calculista do crédito, que não "mata" o endividado para não perder seus ganhos e, para isso, o mantém "dividuado" vampirizado, sugado pela acumulação e com sua vida se esvaindo em moedas.

Vivemos conectados na sociedade de controle mundial, desterritorializados em planos virtuais, digitais e territorializados no solo em que pisamos. Enfrentamos a burocracia e o direito privado nesse solo terreno, enfrentamos a produção e a necessidade

do abastecimento. Vivemos no Estado com as fronteiras definidas localmente, mas vivemos inseridos nos horizontes imanentes da Terra, a tecnologia nos permite ver, sentir e ouvir o mundo, estando ou não em nossa cidade, no nosso bairro, em nossa comunidade de vizinhos.

Nossos desejos agem como um motor móvel, que prontamente é codificado verticalmente por unidades transcendentes, molares e por forças hegemônicas. Contudo, esses fundamentos não conseguem propiciar vidas dignas.

> A unidade imanente da terra como motor imóvel dá lugar a uma unidade transcendente de natureza totalmente distinta, que é a unidade do Estado; o corpo pleno já não é o da Terra, mas o do Déspota, o Inegendrado, que se encarrega agora tanto da fertilidade do solo como da chuva do céu e da apropriação geral das forças produtivas (DELEUZE, 2011, p.194).

A passagem acima expõe a desterritorialização das sociedades primitivas nômades, assim como a substituição transcendente do espaço liso da Terra para o espaço estriado dos fluxos desejantes por estoques, quando o *sócius* segue capturado pelas máquinas do Estado despótico.

O Estado pretende substituir a imanência, o modo de viver primário, confronta povos nômades e suas máquinas de guerra, coletores, outrora adaptados à imanência da terra em seu espaço liso. Captura-os com o objetivo de criar regras, trabalho, assim como o plano estriado para acumular estoques. Desse modo, vivemos das concepções virtuais do Estado que tem o seu domínio sobre as fronteiras, os impostos, o território, as culturas institucionalizadas, as diversidades de linguagens interesses sob a sujeição social da exploração da mais-valia, codificada para produzir estoques.

Hoje, o Estado está sob leis dominantes das relações internacionais submetidas à axiomática financista neoliberal. O Estado inicia-se na territorialidade, na constituição do exército, na codificação do habitar, conforma sujeitos às normas como na cobrança de impostos, é destinado à gestão da moeda, à proteção dos estoques e à acumulação. No capitalismo, o Estado funciona para

a intermediação das dívidas, a promoção de crenças de libertação dos medos da insegurança pública, constitui as forças armadas e a polícia civil para a mediação e a repressão da violência decorrente das iniquidades.

O Estado neoliberal intervém no *sócius* para capturá-lo e garantir os fluxos de acumulação. Ele também é constituído para a pseudoproteção do corpo nu, com ou sem trabalho, ou para o combate à ganância à margem das leis. Essa ganância, desprovida de capital, rouba e mata, pratica crimes e vaga sangrenta no espaço público, sob a mesma ganância capitalista.

Com as novas tecnologias o Estado passa a controlar, virtualmente, os espaços públicos e os corpos valendo-se de câmeras instaladas sobre as faces com *softwares* inteligentes. Esses *softwares*, além do reconhecimento facial, efetuam controles de velocidades automotivas, controles biométricos e controles numéricos. Atuam no controle para registro civil, Cadastro de Pessoa Física (CPF), Carteira Nacional de Habilitação (CNH), cartão do Sistema Único de Saúde (SUS), números de registro de imóveis e de veículos. Trazem uma sanha para coletar impostos e obter recursos para manter a atuação estatal em todos os níveis de fronteiras, sobretudo nos corpos dos cidadãos.

Podemos pensar que vivemos em um plano territorial, nos nossos bairros, e em um plano de sociedade global que gera acontecimentos nos diversos planos virtuais. Fomenta-se, constantemente, crenças normativas de direito, culturais, regras comerciais, preferências políticas, alternativas aos regimes de poder democrático com eleições ou totalitários, em diversos níveis.

Estamos submetidos às forças comunicacionais, predominantemente sob a égide de uma axiomática capitalista global, hoje produzida, primordialmente, pelo capital financeiro. Vivemos no solo da cidade, porém presos em uma gaiola sistêmica articulada com os planos múltiplos atuais e virtuais dos Estados internacionais, sob as relações internacionais e na mesma axiomática do capital neoliberal.

Quais alternativas existem para essa gaiola sistêmica global? Deleuze brilhantemente descreve o nascimento da filosofia em solo Grego, graças ao plano imanente da cidade com o porto, os estrangeiros e os cidadãos ligados pela amizade. A partir de cidadãos pretendentes a sugerir o melhor para a *pólis*, nascem a filosofia e a política, as pretensões em disputas no solo da amizade, em busca do conhecimento com a prática política. Esse plano da vida na *pólis* grega foi o solo fértil que influenciou e influencia o ocidente, até hoje.

Estamos inseridos em outros contextos, predominantemente virtuais, exponencialmente proporcionados pelas tecnologias, mas será que seremos capazes de criar novos pensamentos nesse plano? Nova solidariedade baseada na amizade global, no reconhecimento de que estamos juntos em um planeta em crise. Será possível a criação de novos conceitos na filosofia, novos perceptos e afetos na arte, novas funções e resultados na ciência fora da gaiola sistêmica neoliberal? É possível pensar diferente no contexto identitário neoliberal?

2.6 Como habitamos a terra?

O que é um corpo coletivo? Sem dúvida, os grandes corpos de um Estado são organismos diferenciados e hierarquizados que, de um lado, dispõem do monopólio de um poder ou de uma função e, de outro, repartem localmente seus representantes.

> [...] o poder central do Estado é hierarquizado e constitui um funcionariato; o centro não está no meio, mas no alto, uma vez que ele só pode reunir o que isola por subordinação. Certamente existe uma multiplicidade de Estados não menos que cidades, mas não é o mesmo tipo de multiplicidade: há tantos Estados quanto cortes verticais em profundidade, cada um separado dos outros, enquanto cidade é inseparável da rede horizontal das cidades. Cada Estado é uma integração global (e não local) uma redundância de ressonância (e não de frequência), uma operação de estratificação do território (e não de polarização do meio). (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.

133).

Habitamos um espaço estriado na cidade, inserida na abrangência de um Estado. Reclamamos dos impostos, do direcionamento do dinheiro público, estamos sempre contestando, reivindicando e propondo alternativas em relação a determinadas regras do Estado. Estamos sempre buscando "combater" os espaços estriados, normatizados pela burocracia estatal com suas obrigações estatutárias.

Todavia, atualmente estamos pensando de forma neoliberal, em gestão otimizada e rápida, pensamos em competição, nos esforçamos por um governo de si, nos organizamos, criamos máquinas de guerra contra nós mesmos partindo do espaço estriado, no plano de referência neoliberal.

Estamos dentro da gaiola sistêmica e não conseguimos sair para o espaço liso, criar alternativas e constituir máquinas de guerra nômades efetivas que possam romper as grades que nos prendem. Conforme D&G, sempre houve esse tipo de confronto entre o nomadismo e os sedentários e isso não deixou de ocorrer, desde nossos antepassados coletores e caçadores.

> Pode-se supor que entre as razões misteriosas do brusco aniquilamento de Estados arcaicos, porém poderosos, está precisamente a intervenção de uma máquina de guerra extrínseca ou nômade, que lhes revida e os destrói. Mas o Estado compreende rápido. Uma das maiores questões do ponto de vista da história universal será: como o Estado vai apropriar-se da máquina de guerra, isto é, constituir uma para sí, conforme sua medida, sua dominação e seus fins? E com quais riscos? (Chama-se instituição militar, ou exército, não em absoluto a máquina de guerra ela mesma, mas essa forma sob a qual ela é apropriada pelo Estado.) Para apreender o caráter paradoxal de um tal empreendimento, é preciso recapitular o conjunto da hipótese: 1) a máquina de guerra é a invenção nômade que sequer tem a guerra por objeto primeiro, mas como objeto segundo, suplementário ou sintético, no sentido em que está obrigada a destruir a forma-Estado e a forma-cidade com as quais entra em choque; 2) quando o Estado se apropria da máquina de guerra, esta muda

> evidentemente de natureza e de função, visto que é dirigida então contra os nômades e todos os destruidores de Estado, ou então exprime relações entre Estados quando um Estado pretende apenas destruir um outro ou impor-lhe seus fins; 3) porém, justamente quando a máquina de guerra é apropriada pelo Estado, é que ela tende a tomar a guerra por objeto direto e primeiro, por objeto analítico (e que a guerra tende a tomar a batalha por objeto). Em suma, é ao mesmo tempo que o aparelho de Estado se apropria de uma máquina de guerra, toma a guerra por objeto e que a guerra fica, subordinada aos fins do Estado (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 110).

Habitamos um planeta com alto risco de destruição, não apenas em relação à questão climática, mas às máquinas de guerras estatais, com imenso poder nuclear de destruição planetária. Chegamos ao absurdo de uma relação entre Estados onde é necessária a ameaça de guerra para firmar a paz, sob prenúncio global de destruição atômica, biológica ou química.

Considera-se a guerra como detentora de um poder de aniquilação em massa, por excelência. Na atualidade, não apenas os países centrais possuem esse poder, mas também os países periféricos como Paquistão, Índia, Coreia do Norte, dentre outros. A relação entre o capital e os Estados não é simples, o capital gira nos Estados.

Os Estados são diferentes, sendo uns mais democráticos, outros mais totalitários, outros socialistas ou capitalistas. Contudo, todos, sem exceção, estão sob a axiomática capitalista que lhes perpassa. O capital, capacitado pelas tecnologias de comunicação e transacionais globais circula sem fronteiras.

Em oposição, não circulamos e não habitamos o mundo, uma vez que barreiras estatais impedem o trânsito de mulheres e homens. Homens e mulheres de negócios circulam mediante vistos ou turistas viajam quando atingem as condições monetárias, com variedade de moedas, para viagens internacionais. Os refugiados, fugitivos de situações de ameaças de morte invertem o fluxo matriz-colônia, para colônia-matriz em incursões clandestinas.

Ninguém é livre das fronteiras de seu território, mas refu-

giados arriscam a vida em troca de abrigo no território estrangeiro. Refugiados são geralmente vítimas de catástrofes, passam fome e adentram as fronteiras, em busca de sobrevivência, bens materiais, condições sanitária e monetária. Contudo, são vistos como ameaças ao território, sendo esse é um exemplo de uma máquina de guerra nômade entre refugiados e o Estado.

Porém, sob a ótica neoliberal, esses refugiados são migrantes e competem com os habitantes locais, exacerbando-se os preconceitos por medo do desemprego e cristalizando supostas proteções identitárias internas. Contudo, esses habitantes locais não levam em consideração que todos se encontram dentro da gaiola sistêmica e não se sabe de quem estivesse fora, uma vez que todos estão capturados pelas axiomáticas capitalistas neoliberais.

Todos os refugiados estão sujeitos não só às normas de fronteiras, mas às peculiaridades das restrições locais e internacionais ditadas pelo Estado local, estando submetidos ao capitalismo global. Quando adentram as fronteiras estrangeiras integram um limbo sem pátria, sem direitos locais. Ficam à mercê da exploração do valor da moeda local em relação à estrangeira, das barreiras de trabalho, não possuem acesso à propriedade e habitação e ainda estão suscetíveis às prisões, dependendo do caso. Encontram-se vulneráveis às codificações axiomáticas que envolvem racismo e xenofobia, confrontam os "diferentes" habitantes no Estado e no que lhes concerne, negam aos vulneráveis com medo da competição por trabalho e recursos.

Habitamos a Terra de maneira concorrencial, competimos pela parte não acumulada do capital disponibilizada para sua reprodução e acumulação, concorremos com as máquinas e a automação inteligente da indústria 4.0. Rivalizamos com trabalhadores e máquinas economicamente ativos do mundo todo, empregados na área de produção científica com alto grau de educação e com trabalhadores da produção de componentes fabris e empresas de serviços.

Concorremos entre nós, sob a ótica da gestão de si caracte-

risticamente inserida nos corpos sob a crença da gestão empresarial. Fazemos de nós mesmos empresas, empresas nas empresas, competindo uns com os outros em contratos sociais precarizados.

Estamos convencidos de que não existam outros caminhos, deixamos de pensar por nós próprios, pensamos sob a sujeição neoliberal, priorizamos quem é reconhecido e quem mais disputa a otimização neoliberal, conforme as crenças de sujeição social. Mesmo os mais críticos, frequentemente resvalam e são capturados pela libido do poder, consumo ou reconhecimento social, submetendo-se a suportar o plano de referência conduzido pelas premissas neoliberais. Conduzem a vida reduzidos a um mero decalque do que se transformou a existência, a univocidade subjetiva neoliberal impera sobre todos.

Onde estariam os nômades que poderiam agir como máquinas de guerra? Para Deleuze, as minorias agem como nômades, resilientes contra a axiomática a qual estão submetidos. Lutam contra a axiomática capitalista, mas essa axiomática não é capaz de lidar com os devires minoritários como os devires mulheres, negros, índios, LGBTQIA+, pobres e trabalhadores.

> Nossa era devém a era das minorias. Vimos várias vezes que estas não se definiam necessariamente pelo pequeno número, mas pelo devir ou flutuação, ou seja, pelo desvio que as separa desse ou daquele axioma que constitui uma maioria redundante. [...] Uma minoria pode comportar apenas um pequeno número; mas ela pode também comportar o maior número, constituir uma maioria absoluta, indefinida. [...] O que as distingue é que a relação interior ao número constitui no caso de uma maioria um conjunto, finito ou infinito, mas sempre numerável, qualquer que seja o número de seus elementos. [...] é antes a conexão, o "e", que se produz entre os elementos, entre os conjuntos, e que não pertence a qualquer dos dois, que lhes escapa e constitui uma linha de fuga. [...] Ora, axiomática só manipula conjuntos numeráveis, mesmo que infinitos, enquanto minorias constituem esses conjuntos "leves" não numeráveis, não axiomatizáveis, em suma, essas "massas", essas multiplicidades de fuga ou de fluxo. (ibid., p. 185-186, grifos dos autores).

Ao observarmos as pessoas de cor amarela ou negra, por exemplo, elas possuem população numérica maior se comparada às pessoas de cor branca. No entanto, são vistas como minorias porque o padrão majoritário estabelecido é masculino e branco. As minorias não são consideradas pelo número de indivíduos e constituem-se a partir de linhas de fuga da axiomática, uma vez que a axiomática não resolve seus problemas elas são linhas de fuga das normas estabelecidas.

> [...] é um sistema de normas que hoje está profundamente inscrito nas práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais. Além disso, devemos deixar claro que esse sistema é tanto mais <resiliente> quanto excede em muito a esfera mercantil e financeira em que reina o capital. Ele estende a lógica do mercado muito além das fronteiras estritas do mercado, em especial produzindo uma subjetividade <contábil> pela criação de concorrência sistemática entre os indivíduos. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 186, grifos dos autores).

O indivíduo, em sua imanência neoliberal, como já vimos, é "dividuado", ou seja, segmentado em grupos identitários. Não só isso, é endividado à medida que o *sócius* neoliberal retira do Estado os programas sociais, promovendo o Estado mínimo e excluindo os direitos conquistados, orientado pela hegemonia competitiva do mercado. Eleva o mercado a provedor de crédito para todas as necessidades sociais, das básicas às mais complexas; o mercado constitui-se no divino provedor de todas as coisas. Esses agenciamentos obrigam a registrar no corpo a mentalidade calculista, sendo sempre temerário o cálculo entre a dívida e a renda individual, quer seja do salário ou da renda. Prevalece o medo do desemprego, da falência e o cálculo é inserido no corpo e no *sócius*.

Habitamos sob o plano de referência neoliberal, que se mostra totalitário como em nenhuma outra situação a qual temos conhecimento, levando as populações a contraírem as doenças modernas. Dentre as doenças modernas mencionamos estresse, depressão, ansiedade crônica, neuroses, psicoses etc. que podem culminar em suicídios ou incapacidade precoce. Os jovens se sen-

tem incapazes de lidar com o caos neoliberal e irracional, conforme sua perspectiva racional, na perspectiva dos capitalistas que visam o ilimitado lucro do mercado. Essa situação resulta em um *sócius* com pulsão generalizada de morte, ele é percebido nesse contexto porque há fascismo nas personalidades frustradas do *sócius*. (HAN, 2017, p. 5-10).

2.7 Como vivemos no Estado?

Em dado momento, quando os entrevistadores perguntaram ao futuro ministro da Economia de Pinochet, o Sr. Sergio de Souza, sobre o que ele sentiu quando viu o Palácio *La Moneda* ser bombardeado por aviões militares, até a morte do então presidente Salvador Allende, ele afirmou: "Uma alegria imensa. Eu sabia que era isso que devia ser feito". Ou seja, essa é uma imagem explícita da maneira como a liberdade do mercado só poderia ser implementada calando a todos que não acreditam nela, todos os que contestam seus resultados e sua lógica. Para isso, seria necessário um Estado forte e sem limites, em sua sanha para silenciar a sociedade da forma mais violenta. Isso nos explica por que o neoliberalismo é, na verdade, o triunfo do Estado, e não sua redução ao mínimo. SAFATLE; SILVA; DUNKER, 2020, p. 20).

O Estado tem a missão de defender a liberdade, no entanto, no neoliberalismo não defende a liberdade para todos, de maneira democrática e popular. Defende a liberdade econômica de obter lucro e possuir a propriedade privada e os contratos comerciais, sob o império da lei arbitrária, das forças armadas e das polícias do Estado.

Para esse intento, fazer com que todos se submetam à pretensa naturalidade, legitimidade e racionalidade das leis que a economia exige, promove uma despolitização radical da sociedade. Isto é, uma repressão, uma recusa radical dos questionamentos do *sócius* ao discurso econômico, na sua relação com o âmbito político.

O Estado, impregnado de neoliberalismo, precisa ser capaz

de despolitizar o *sócius*, deve ter foça suficiente para intervir nos movimentos sociais e eliminar da economia os entraves sociais para a acumulação. O Estado está fundado em premissas nas quais os agentes econômicos são maximizadores de interesses individuais, estruturadores da vida social, promotores da submissão maquínica e sujeição social. Esse Estado justifica todas as formas de intervenção violenta contra os fluxos descodificados que são contrários à economia dominante.

Os Estados, submetidos aos acontecimentos da segunda guerra e posteriores a ela, geraram agenciamentos de bem-estar social em que o Estado agia como mediador ou regulador das riquezas, com a função de equilibrar as iniquidades. Democraticamente implementava programas sociais em uma perspectiva de promover o denominado capitalismo democrático, num contexto do Estado de direito e bem-estar social. Porém, o Estado democrático de bem-estar social está em crise, essa crise sistêmica tem início, no final dos anos 60 e se perpetua até os dias de hoje.

> As minhas análises da crise financeira e orçamental do capitalismo atual tratam essa crise numa perspectiva de continuidade e como um momento da evolução geral da sociedade cujo início situo no final dos anos 60 e que descrevo, a partir da perspectiva atual, como o processo de dissolução do regime do capitalismo democrático do pós-guerra... O que era característico da teoria da crise da Escola de Frankfurt era o pressuposto heurístico da existência, por um lado, de uma relação de tensão fundamental entre a vida social e, por outro, uma economia dominada pelos imperativos de valorização e multiplicação do capital – uma relação tensa que, de forma multifacetada e em contínua evolução histórica, foi transmitida na estruturação do capitalismo democrático no período do pós guerra (STREECK, 2013, p. 13).

Segundo Streeck (2013), o capitalismo atual, em sua face neoliberal, não é sequer democrático ou de bem-estar social; a tensão que ele descreve em sua obra se dá por um contínuo endividamento do Estado passando pelas diversas crises, destacadamente, a crise do petróleo, ocorrida na década de 70.

Com o crescimento das dívidas, consequência de emissões de títulos públicos, os Estados, foram "obrigados", sistematicamente, a cortar os programas sociais para pagar as dívidas roladas. Os títulos estão cada vez mais desvalorizados, proporcionais ao nível de endividamento, e para pagar a dívida financeira sob o neoliberalismo, são forçados a atuar com privatizações para suprir a ganância.

Esse Estado recente precariza a institucionalidade social legítima em troca de organizações privadas, como vimos acima. Como se não bastasse, adota modelos de gestão empresariais do tipo "fazer mais com menos", "fazer a coisa certa" na perspectiva do custo mínimo. O Estado necessita atuar sob forte componente econômico-financeiro que objetiva lucro o máximo para manter o Estado mínimo aumentando a acumulação e, para isso, é capaz de eleger os governantes.

O Estado de bem-estar social passa a se comportar como o Estado neoliberal de negócios, responsável por pagar, sem questionar, as dívidas financeiras em seus valores atuais, reduzindo a sua institucionalidade e, portanto, sua capacidade de arcar com os programas de bem-estar social. A austeridade fiscal e o Estado mínimo possuem como característica serem movidos pela gestão totalitária das organizações privadas. Essas organizações têm a lógica do lucro e não a lógica de intervenção no *sócius* para equilibrar as oportunidades e a mobilidade social promovendo equidade na distribuição das riquezas.

O resultado disso é a crise das democracias que sofrem com o descrédito, por parte dos eleitores que não visualizam a atuação legítima dos governantes com os interesses de todos, facilmente demonstrável nas estatísticas de abstenções, votos brancos e nulos em eleições livres, depois da década de 70.

Os Estados não dão importância às minorias, mas se importam com a guerra. O problema a ser considerado é como a guerra se desenvolve, dada a importância do desenvolvimento da apropriação da guerra pelo aparelho do Estado. A questão mais importante que se coloca é sobre o Estado se apropriar da guerra mais do que

a realização da guerra contra outros Estados ou contra minorias armadas de máquinas de guerras nômades. O poderio das armas nucleares tem a potência de aniquilar totalmente enormes regiões. Atualmente, os Estados se apropriam da guerra para fins políticos e não para a guerra em si.

> Uma mesma tendência histórica conduz os Estados a evoluir de um triplo ponto de vista: passar das figuras de enquistamento a formas de apropriação propriamente ditas, passar da guerra limitada à guerra dita total, e transformar a relação entre o fim e o objeto. Ora os fatores que fazem da guerra de Estado uma guerra total estão estreitamente ligados ao capitalismo: trata-se do investimento do capital constante em material, indústria e economia de guerra, e do investimento do capital variável em população física e moral (que faz a guerra e ao mesmo tempo a padece). Com efeito a guerra total não só é uma guerra de aniquilamento, mas surge quando o aniquilamento toma por "centro" já não apenas o exército inimigo, nem o Estado inimigo, mas a população inteira e sua economia. Que esse duplo investimento só possa fazer-se nas condições prévias da guerra limitada mostra o caráter irresistível da tendência capitalista em desenvolver a guerra total. [...] a guerra total continua sendo uma guerra condicionada pelo fim político dos Estados, ora que tende a efetuar a Ideia da guerra incondicionada. Com efeito, o fim permanece essencialmente político e determinado como tal pelo Estado, mas o próprio objeto (a guerra) deveio ilimitado. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 144-115, grifo dos autores).

A guerra total é uma guerra de aniquilamento, a não ser que o desenvolvimento tecnológico seja tal que uma bomba atômica resolva a guerra, a exemplo da bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki. Como impedir os Estados de acionarem a guerra? De fato, apontando os mísseis mutuamente para garantir a paz. Outra maneira seria as democracias moldarem os Estados com a participação das minorias, sem que essas estejam alijadas da política, tenham liberdade para sua plena manifestação e possam se opor às armas e as guerras. Mas qual democracia temos no nosso século? Quais as conquistas que as minorias alcançaram desde a terceira guerra mundial? Conquistamos a democracia como governo do Estado?

> As democracias liberais propõem: respeito aos direitos básicos das pessoas e aos direitos políticos dos cidadãos, incluídas as liberdades de associação, reunião e expressão, mediante o império da lei protegida pelos tribunais; separação dos poderes entre Executivo, Legislativo e Judiciário, eleição livre, periódica e contrastada dos que ocupam os cargos decisórios em cada um dos poderes, submissão do Estado, e de todos os seus aparelhos, àqueles que receberam a delegação do poder dos cidadãos; possibilidade de rever e atualizar a Constituição na qual se plasmam os princípios das instituições democráticas. E claro a exclusão dos poderes econômicos ou ideológicos na condução dos assuntos públicos mediante sua influência oculta sobre o sistema político[...] A força e a estabilidade das instituições dependem de sua vigência nas mentes das pessoas[...] A exemplo da Espanha em 2000, 65% dos cidadãos não confiavam nos partidos políticos, a desconfiança subiu para 88% em 2016. Em relação ao parlamento a desconfiança aumentou de 39% em 2001 para 77% em 2016 (CASTELLS, 2018, p. 11, 15).

Os Estados estão submetidos a três potências capitalistas: a militar e sua produção; a da extração e comercialização de petróleo e gás; e, finalmente os bancos, banqueiros e as bolsas que dominam o capital financeiro internacional, suportado pelo neoliberalismo.

Com as novas tecnologias a superfície de codificação do Estado se inscreve nos corpos e os planos virtuais veiculados nas redes sociais e mídias tradicionais comunicam variedades de notícias. A prioridade para as notícias engloba temas como crimes, assaltos, política, corrupção, situações precárias de vida, fome, miséria, tragédias e catástrofes e é omitida a política que detém os interesses majoritários. A recente pandemia evidencia a incapacidade da saúde pública, bem como suas falhas no combate ao vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19. Foi constatado que os Estados brasileiros, mesmo os mais desenvolvidos, não estavam preparados para proteger a vida, não agiram preventivamente e não possuíam os recursos necessários para salvar as vidas do contágio mortal do vírus.

O Estado no qual vivemos está em crise, as notícias e os falsos conceitos difundidos impedem pensar fora da gaiola sistêmi-

ca. O planeta "reage" com a pandemia, efeito da natureza e reage ao aquecimento global com catástrofes climática. A destruição da biodiversidade alerta para uma intervenção pública e para uma racionalidade que impeçam o prosseguimento da extinção da vida do planeta. O capital continua a dar as cartas nas democracias em sua implacável ganância acumulativa. No entanto, constatamos estarrecidos que é mais natural para as pessoas aceitarem o fim do mundo do que o fim do capitalismo.

Analisamos o que hoje significa viver no plano organizado do neoliberalismo, na sociedade e com o Estado, no planeta Terra. Iremos analisar qual a potência desejante ao alcance para a imunização e a subversão da codificação e como pensar a criação de fluxos desejantes de enunciações coletivas no plano de imanência.

Capítulo 3

O QUE É POSSÍVEL PENSAR EM NOSSA IMANÊNCIA?

Abrir o peito à força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura.[1]

Na análise do que é possível, do que um corpo é possível, qual a potência de nossos desejos, para Nietzsche, será como exercer a vontade de potência. Ou, como viver fluxos desejantes intensivos no plano de imanência? Como descodificar os desejos, vivê-los intensamente em nossa vida? Quais máquinas de guerra existem no neoliberalismo e quais potencialmente podem subvertê-lo?

> Como entrar em uma guerra sem necessariamente aceitar a belicosidade que dela emana? Como combater o adversário sem espelhá-lo? Trata-se de retomar o poder ou de expandir a potência? Não seria o caso menos de tentar ocupar o posto daqueles que tomaram de assalto o Estado do que ocupar as ruas, praças, escolas, instituições, espaços públicos privatizados, experimentar novas formas de organização, auto-organização, sociabilidade, produção, subjetivação, mas também – e justamente o que parece o mais paradoxal --, novas modalidades de desposseção, deserção, destituição, dissidência, esquiva dessubjetivação? Não é essa a combinação mais paradoxal e mais urgente? (DELEUZE, 1992, p. 85).

Qual o ponto da intolerância do qual precisamos estar submetidos para que tenhamos que desarticular guerras? E que possamos descodificar os desejos estriados, gerados pela maioria branca, capitalista, macho, heterossexual, proprietária? Qual o ponto de

1 Trecho da música "Caçador de Mim", letra de Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá, interpretada por Milton Nascimento.

intolerância para que possamos codificar novos desejos condizentes com os anseios comuns das minorias excluídas, exploradas, marginalizadas, porém coexistentes no mundo capitalista neoliberal? Qual a possibilidade de preservar o planeta e a vida e os bens comuns que estão ameaçados? Nos parece que, para salvar o planeta e a vida teremos que ultrapassar o neoliberalismo e o capitalismo.

3.1 Máquinas de guerra

As máquinas de guerra têm origens nos nômades, aqueles que habitam o espaço liso, os desertos, os polos Ártico e Antártico, os povos tradicionais das florestas, como caçadores e coletores, ciganos, marginais dos centros urbanos, os sem-teto, sem-terra e quilombolas. Enfim, todos os povos que se estabelecem nos espaços onde o Estado não atua ou não tem interesse em proteger ou equilibrar a convivência. Quando o Estado desperta seu interesse pelo espaço de nômades ou minorias, nada resta a eles senão a guerra para a defesa do seu habitat, ou melhor, de suas vidas.

> Axioma II: A Máquina de guerra é a invenção dos nômades (por ser exterior ao aparelho do Estado e distinta da instituição militar). A esse título, a máquina de guerra nômade tem três aspectos: um aspecto espacial-geográfico, um aspecto aritmético ou algébrico, uma aspecto afectivo.
>
> Proposição V: A existência nômade efetua necessariamente as condições da máquina de guerra no espaço.
>
> O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembleia etc.) Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência na vida nômade. [...] O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo o ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias. A vida do nômade é *intermezzo*. Até os elementos de seu hábitat estão concebidos em função do trajeto que não para de mobilizá-los. (DELEUZE; GUATTARI,

2012, p. 53).

As máquinas de guerra atuais estão no campo das minorias, que agem como nômades em espaços lisos ainda não capturados. São elas que contestam as leis, criam direitos, resistem à axiomática capitalista, não se deixam capturar ou se capturaram totalmente pelas máquinas de capturas capitalistas. A maioria padrão "homem branco, heterossexual, proprietário" dominante não serve a essas minorias e está em conflito permanente, no plano da imanência.

A alegria, o amor, a amizade e a solidariedade são formas de não submissão aos poderes constituídos. Os afetos alegres rompem com as doenças depressivas e o uso de drogas socialmente aceitas para o combate à Síndrome de *Burnout*.

> Há, portanto, [...] uma grande diferença de espaço: o espaço sedentário é estriado, por muros, cercados e caminhos entre os cercados, enquanto o espaço nômade é liso, marcado apenas por "traços" que se apagam e se deslocam com o trajeto. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 12, grifo dos autores).

As minorias ocupam o espaço liso do direito, da economia e da política, "o nômade é antes de tudo aquele que não se move" (ibid., p. 55). As minorias habitam o plano de imanência com seus desejos intensos, contraditórios e com os espaços estriados e sedentários do Estado burguês.

> O Nômade, o espaço nômade, é localizado, não delimitado. O que é ao mesmo tempo limitado e limitante é o espaço estriado, o global relativo: ele é limitado nas suas partes, às quais são atribuídas direções constantes, que são orientadas umas em relação às outras, divisíveis por fronteiras, e componíveis conjuntamente; e o que é limitante (limes ou muralha, e não mais fronteira) é esse conjunto em relação aos espaços lisos que eles "contém", cujo crescimento freia ou impede, e que ele restringe ou deixa de fora. Mesmo quando sofre seu efeito o nômade não pertence a esse global relativo onde se passa de um ponto a outro, de uma região a outra. Ele está antes num absoluto local, um absoluto que tem sua manifestação no local, e seu engendramento na série de operações locais com orientações diversas: o deserto, a estepe, o gelo, o mar. (ibid., p. 57, grifo dos autores).

Em sua essência atual, os nômades são as minorias que constituem as máquinas de guerra e resistem ao Estado, à sua constituição burguesa com as máquinas de capturas, formadas pela axiomática que se utiliza de uma semiótica e de uma linguagem de palavras de ordens. Além disso, utiliza-se da formação de axiomas legitimantes dos estriamentos e da axiomática capitalista. Essa, por sua vez, prossegue codificando paranoicamente os fluxos ameaçadores das minorias, sem deixar de produzir fluxos esquizofrênicos que escapem aos controles não medindo esforços para codificá-los.

As máquinas de guerra minoritárias portam-se como nômades, habitam os espaços do Estado e resistem às linhas duras padronizadas dos desejos. Elas estão em conflitos permanentes controlados paranoicamente pelos poderes constituídos e com processos globais de controles, na época atual suportados pelas tecnologias digitais.

3.1.1 Sobre a máquina axiomática neoliberal

O neoliberalismo captura e conduz os indivíduos e, para que exerça esse poder há uma multiplicidade de forças interagindo conflituosamente, no plano de imanência. O plano molar organizado e modelado com a axiomática capitalista neoliberal interage com outro plano molecular, com os fluxos desejantes descodificados, submetidos à paranoia capitalista para controlá-los. A produção desejante minoritária não para de criar fluxos desejantes descodificados que ameaçam a extração da mais-valia e a acumulação do capital.

A financeirização da economia e a virtualização digital da acumulação, como a especulação, não tem limites no neoliberalismo. A axiomática prioriza o capital financeiro, tudo está abstrato, o deus universal torna-se abstrato pela moeda. Os valores desproporcionais ampliam a miséria, a inequidade privilegiando os donos do capital e do Estado. A seguir, analisaremos o que pode ser compreendido da axiomática neoliberal, que possui como objetivo legitimar o neoliberalismo.

Para compreender as relações vitais contemporâneas, segundo D&G, é preciso decalcar[2] o neoliberalismo no mapa da imanência, configurar esse plano de referência do capitalismo, conforme analisamos anteriormente. É preciso que contextualizemos o problema sob um recorte do plano imanente no qual vivemos e que, por sua vez, é infinito e não está submetido ao plano neoliberal.

Para relacionar os conceitos empíricos e vitais há o plano de referência, conjurando as forças dos agenciamentos que prevalecem nas relações sociais contemporâneas, sempre que for possível.

Para Deleuze não existem fundamentos fixos, verdadeiros, únicos, sempre existirão múltiplos fundos, diferentes fundamentos, dependentes ou independentes de crenças. Sempre existirão outros fundamentos com insuficiências de conceitos relacionados ou conhecimentos pretendidos, porém eles sempre se apresentam com interesses e desejos direcionados firmados na dimensão de três questões: *Quid Facti? Quid Juris? Quid vitae?* (LAPOUJADE, 2015, p. 47-48). Devemos olhar para o plano infinito da imanência e para o presente da existência no sentido de romper crenças e buscar outros fundamentos.

3.1.2.1 Crenças e fundamentos

É possível analisar as crenças neoliberais a partir dos seus fundamentos, mas qual o fato que um fundamento sustenta? *Quid Facti*? Como exemplo, podemos mencionar a propriedade da Terra.

O corpo pleno da Terra não era dividido antes do Estado. Qual fundamento divide a Terra? A Terra é dividida pelo capital em propriedades individualizadas ou públicas e de propriedade do Estado. Esse fato nos remete ao segundo vetor, *Quid juris*? Com

2 Decalcar para Deleuze, é uma extração do Rizoma, o qual seria mais compreensível como um mapa infinito. Essa extração pode representar o mundo, mas não o mundo real, uma vez que o horizonte infinito das multiplicidades que o compõem não se esgota. O decalque convém para esta análise como um dos planos de referência, uma territorialização vertical do neoliberalismo que se contrapõe à horizontalidade das desterritorializações processadas na imanência.

que direito a Terra está assim dividida? Quem outorga esse direito? Qual a justiça que o julga? O que legitima esse direito? E por fim, o que esse fato e esse direito produzem na vida? *Quid vitae*? Qual vida é resultante da propriedade da Terra? Qual o impacto da propriedade no plano de imanência da Terra, da vida humana, animal e vegetal?

Talvez o melhor exemplo seja questionar o movimento do capital financeiro global, seus deslocamentos e velocidade. O seu movimento é volátil, pois permanece e se move entre Estados, conforme o seu ganho, sua remuneração especulativa, não tem fronteiras e circula globalmente. Sua velocidade é a da luz na comunicação, no transporte e sua velocidade transacional está referenciada nos mais poderosos processadores paralelos, em redes e, mais recentemente, em testes com os processadores e computadores quânticos.

Em sua sanha acumuladora o neoliberalismo transforma as finanças em finanças digitalizadas, molda o capitalismo financeiro em uma revolução informacional (PARANÁ, 2016, p. 78, 83, 99, 108). Esse é o fato, o que o legitima senão a hegemonia neoliberal? A financeirização global não atende aos trabalhadores, ao contrário, os marginaliza. Quem proporciona a legitimidade do capital financeiro? São as organizações ecumênicas globais, os fundos de *Equity* e os Estados nações, em suas diferentes legislações locais. Qual vida o capital financeiro promove? Riqueza para poucos, dívidas para muitos.

É possível afirmar que esses fundamentos sejam verdadeiros? Que não existam outros, ou sequer existem fundamentos confiáveis ou sustentáveis nesse plano de referência? Os agenciamentos, por sua vez, moldados com o *sócius* e suportados pelas tecnologias de informação e comunicação, atualmente produzem submissão maquínica e sujeição social de cunho neoliberal.

O neoliberalismo tem conseguido moldar univocidades subjetivas individualistas, competitivas, tem introjetado o perfil calculista e a verve empresarial e financeira de si mesmo, chamada de rentismo. Produz a conduta dos indivíduos e seus hábitos. *Quid*

vitae? Geralmente os indivíduos estão frustrados por não realizarem seus desejos materialistas, por estarem endividados devido ao consumo desmesurado, criado pelo fantástico *marketing* tecnológico. Indivíduos e relações sociais estão territorializados na ilusão financista e consumista, criada pelas armadilhas. Em sua imanência, as armadilhas levam à frustação e ódio mútuos gerando afetos tristes, sendo esses subjugados ao poder dominante.

Contudo, há algo libidinal que satisfaz o ego individualista, ou seja, vencer uma competição, a sensação de se considerar melhor que outros, o novo rico, o prazer de dar ordens e ser reconhecido, pensando que suas opiniões estão corretas e não devem mudar. Eis aí o idiota de Descartes, o nosso Avi. Vivemos presos na axiomática capitalista neoliberal e nossa atuação, no *sócius*, se restringe a reproduzi-la. As mudanças e os novos fluxos desejantes descodificados são capturados pelos axiomas forjados e integrados na sujeição neoliberal capitalista. A seguir, iremos tratar sobre algumas crenças neoliberais que fazem prevalecer a acumulação capitalista.

Podemos dizer que todos os trabalhadores são livres, nus e podem vender sua força de trabalho. De acordo com Marx, por outro lado, o capitalismo compra a força do trabalho com dinheiro ou com o capital, nomenclatura mais apropriada. Desde o fim do feudalismo e até os dias atuais, há uma conjunção entre trabalho e capital sendo que, no século XXI, isso se apresenta globalmente.

Conforme visto anteriormente, a transformação das fábricas disciplinadoras em empresas de serviços fez com que a produção passasse a ser realizada globalmente. As fábricas das periferias, com sua mão de obra barata, enviam partes de produtos para montagem e distribuição utilizando-se das tecnologias de comunicação e operações transacionais automatizadas, encurtando o tempo e o espaço.

O capital é móvel, movediço, sem perfil, fragmentado e metamorfoseado e, majoritariamente, financeiramente improdutivo. Todavia, também é capital produtivo submetido concorrencialmente às taxas de juros, distribuído geograficamente para a explo-

ração do sobretrabalho com desonerações estatais que o beneficiem. Por fim, há o trabalho precarizado, com salários mais baixos que proporcionam maiores margens de acumulação e são concorrentes com o capital financeiro.

Com as novas tecnologias, destaca-se o uso massivo de satélites e fibras óticas ao redor do mundo, ou seja, comunicação e computação ubíqua ao alcance das mãos, uma vez que não seria possível estar fora de agenciamentos do capital.

A conjunção entre trabalho e capital evidencia impactos universais, sendo o trabalho pago com dinheiro abstrato e digital, como o cartão de crédito e as criptomoedas, instrumentos sociais que facilitam as trocas e permitem realizar os desejos básicos, supérfluos ou luxuosos.

O fluxo do dinheiro se apresenta como equivalente e de valor abstrato, valor que o mercado precifica segundo a assimétrica da valoração entre capital e trabalho. Mas quais seriam seus fundamentos? É legítima a precarização do trabalho e a retirada de direitos trabalhistas, em função da ampliação da extração da mais-valia para a acumulação do capital? Que tipo de vida o capital proporciona à maioria vivente e ao planeta?

Não é conhecido o valor adequado entre quantitativo de trabalho vivo e trabalho social, tanto para a produção como para distribuição. O dinheiro, na esfera de circulação e acumulação, tem um fluxo incalculável, fluxo entre produtores e de dinheiro, assim como fluxos descodificados e desterritorializados por processos antagônicos.

> No coração d'O Capital, Marx mostra o encontro de dois elementos "principais": de um lado o "trabalhador livre", desterritorializado, devindo livre e nu, desterritorialização do solo por privatização, descodificação dos instrumentos de produção por apropriação, privação dos meios de consumo por dissolução da família e da corporação; e finalmente descodificação do trabalhador em proveito do próprio trabalho ou da máquina. Na outra ponta, para o capital: desterritorialização da riqueza por abstração monetária;

> descodificação dos fluxos de produção pelo capital mercantil; descodificação dos Estados pelo capital financeiro e pelas dívidas públicas; descodificação dos meios de produção pela formação do capital industrial etc. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 298-299, grifos dos autores).

Vivemos em um mundo no qual o capitalismo se mostra transparente, porque tudo está disponível e em circulação mundial. Ou seja, toda e qualquer informação, mesmo a que não é destinada a formular a legitimação de uma conjunção dos fluxos do trabalho e do dinheiro, incluindo-se quase todas as informações sigilosas do Estado. Nesse caso, as informações "imorais" e criminosas denunciadas pelo *Wikileacks*, os casos de espionagem cibernética expostos por Eduard Snowden e os filmes sobre espionagem estão fartamente disponíveis. Ainda mais transparentes estão os nossos dados, os quais fornecemos nas redes sociais, coletados por aplicativos e armazenados nos *Big Datas*. Esses, por sua vez, detêm dados gigantescos sobre a população possibilitando à rede mundial promover eventos que integram e exploram a todos, por meio dos seus dados. A transparência do capitalismo se processa porque existe a univocidade subjetiva que o suporta.

Não existe possibilidade de "estar fora" dessa transparência, pois a sociedade de controle mundial é moldada por novos fluxos acoplados a máquinas desejantes, constituídas de dispositivos homem-máquina (DELEUZE, 1992, p. 213). As redes nos tornaram transparentes no trabalho, na intimidade e no dia a dia com os amigos.

Fotos, vídeos e *chats* estão nas redes com total transparência, o *sócius* perdeu a confiança mútua colocando um vazio no lugar onde todos supervisionam a todos, de chefe a subordinado de subordinado a chefe e de amigo a inimigo. Entre amigos e inimigos forma-se o vazio da desconfiança, uma sujeição social inédita em um ambiente propício ao individualismo, tendo como base a luta insana pela sobrevivência.

Vivemos desterritorializados na abstração da moeda e dos recursos privatizados. Estamos livres apenas para vender a força de

trabalho e consumir nos limites do dinheiro proveniente do trabalho ou de renda. Podemos lançar mão de créditos endividativos, sem ao menos conhecer os justos valores em jogo. Estamos monitorados na sociedade de controle mundial, que não nos mostra para onde vamos e não deixa saídas, utilizando-se de todo seu poder para fechá-las.

"Não há um fora do mercado mundial: o planeta inteiro é o seu domínio" (ALLIEZ, 2000, p. 358). Estamos sob o capital financeiro hegemônico e submetidos à multiplicidade de forças que atuam sobre os indivíduos, dado que a acumulação financeira em papéis é praticamente incalculável. A diferença entre os salários e os resultados de balanços financeiros das empresas é imensa.

> Voltemos à dualidade do dinheiro, aos dois quadros, às duas inscrições, uma ligada ao salário, outra ao balanço da empresa. Medir as duas ordens de grandeza pela mesma unidade analítica é pura ficção, é uma vigarice cósmica, é como tentar medir as distâncias intergalácticas ou intra-atômicas com metros e centímetros. (ibid., p. 306).

O processo de acumulação do capital não tem limiar entre dentro e fora, o próprio limite da acumulação é o próprio capital, porquanto, tudo e todos estão dentro. A população mundial, com suas múltiplas diferenças locais, considerando-se países como China, Rússia, Cuba, Coreia do Norte e os países islâmicos, se encontram inseridos na sociedade de controle mundial (ALLIEZ, 2000, p. 358-359).

Alguns países estão mais suscetíveis aos impactos do mercado, outros menos, mas todos estão dentro dele. As forças dos agenciamentos do capital moldam a gaiola sistêmica a qual estamos inseridos. O "mercado", essa coisa abstrata, supostamente e ideologicamente, no neoliberalismo, é o único com capacidade para equilibrar a produção e a distribuição. Presumivelmente, desenvolve os meios e as formas de extração, alocação e distribuição de recursos, conforme uma "racionalidade" na qual só os capitalistas se beneficiam e a aparente "razão" dispõe, como falso fundamento, o lucro.

O neoliberalismo é instrumentalizado pelo dinheiro, pelo capital financeiro, a tecnologia e o direito. *Quid Juris*? É a ele que o neoliberalismo define o direito pelo interesse estabelecido.

> É que o desejo nunca é enganado. O interesse pode ser enganado, desconhecido ou traído, mas não o desejo. Daí o grito de Reich: não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo, e é isso que é preciso explicar... Acontece desejar-se contra seu interesse: O capitalismo se aproveita disso, mas também o socialismo, o partido e a direção do partido. Como explicar que o desejo se dedique a operações que não são desconhecimentos, mas investimentos inconscientes perfeitamente reacionários? (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 341).

As três sínteses do inconsciente que analisamos são capazes da codificação ou da territorialização do desejo, no padrão duro e organizado e, nesse caso, sob os interesses relacionados ao neoliberalismo. Os interesses majoritários estão codificados para a obtenção do lucro, prevalecendo a acumulação irracional que destrói a natureza, a vida e o planeta.

Com essa irracionalidade do lucro financeiro atual são difundidas crenças, as quais só os participantes do mercado, na busca calculista do lucro, conseguem ter acesso às informações qualificadas para equilibrar as forças da economia e proporcionar a "eficiente" distribuição. Os riscos do capitalismo, agora com o neoliberalismo, recaem totalmente sobre o indivíduo: ou ele é capaz, ou morrerá, é o direito individual à vida ou à morte. A partir dessa concepção, apenas o mercado é capaz de garantir a sobrevivência da população mundial e esse, agressivamente, promove episódios para legitimar o Estado mínimo neoliberal, com a única finalidade de gerar a acumulação.

Dessa forma, o neoliberalismo se interessa em constituir um Estado mínimo que não atrapalhe a acumulação, ao contrário, convém que o Estado esteja a favor e dê suporte à aceleração da acumulação, ao fornecer segurança para os contratos do capital, com repressão da multidão. O Estado neoliberal legitima a repres-

são e garante o direito privado, para que o homem livre deseje a sua perpétua submissão e alinhe seus desejos aos interesses do amo capitalista (LORDON, 2015, p. 77-81).

No neoliberalismo os agenciamentos moldam a conduta de todos com forças totalitárias, transparentes. São elas: as forças do individualismo, da competição, da meritocracia, da precarização do trabalho, de baixos salários, do comportamento empresarial necessário no trabalho contemporâneo e o gerenciamento de si, ao assumir todos os riscos de sucesso ou fracasso que não dependem apenas do indivíduo, mas são atribuídos a ele.

Com esse nível de adesão ao neoliberalismo, as finanças hegemônicas provocam o endividamento da vida. O endividamento é imprescindível para responder aos agenciamentos dos fluxos desejantes de acumulação financeira e consumo. A formulação neoliberal cria necessidades virtuais para a realização do *matching*, no consumo, e a realização do lucro.

O crédito é sempre necessário para possibilitar o acoplamento de desejos individuais e coletivos em máquinas desejantes, tidas como imprescindíveis, como: comprar a casa, o carro, pagar o plano de saúde, a escola dos filhos, a roupa da moda daquela grife, aquele objeto surpreendente etc. Enquanto isso, muitos sem acesso ao crédito lutam pela sobrevivência, isto porque geralmente os ganhos do trabalho são insuficientes para suprir a sanha produtora de necessidades consumistas, apoiada pelo poder instrumental tecnológico (ZUBOFF, 2020, p. 427-430).

Quid facti? Constata-se facilmente esses fatos, ou seja, até o ponto em que ocorre a legitimação da violência, geralmente contra si próprio, ao não limitar a exploração e o estresse, ao contrair a Síndrome de *Burnout*. Igualmente, a violência se legitima ao apoiar a violência coletiva reivindicando forças policiais e militares, ao exigir segurança pública para que, enganosamente, o indivíduo continue "seguro". Todavia, na insegurança perene dos riscos das finanças, das ameaças à vida pela violência do Estado, desde crimes à destruição ambiental, vivemos com medo.

O neoliberalismo estabelece uma pseudo estabilidade com segurança pública violenta para que se possa vender a força de trabalho e o corpo, como mercadoria. Essas práticas virtualizam os fluxos da força de trabalho e a sujeição social, onde o código de medo prevalece e a necessidade virtual do dinheiro, atualizada no consumo e no rentismo, se constitui na peça primordial da acumulação do capital.

Deleuze mostra que as decisões, as escolhas e as ações são tomadas em decorrência de múltiplas forças. Essas se manifestam no plano de imanência, assim como as forças virtuais existentes em planos virtuais do pensamento, da memória e nos meios digitais, que se cruzam, se territorializam e participam dessas decisões, escolhas e ações. O neoliberalismo usa as tecnologias, deliberadamente, agindo nos planos virtuais e atuais, conduzindo os indivíduos à competição, à gestão empresarial de si e ao esgotamento.

A atualidade se processa sob a hegemonia do capital neoliberal. A formação da subjetividade não é originária, ou seja, dada a priori, ela se forma no campo desejante de forças sociais, fortemente agenciadas pelo interesse neoliberal, massivamente organizadas com as tecnologias na palma das mãos, ou nas pontas dos dedos, o *marketing* entra no sangue.

Os problemas oriundos de como vivemos estão referenciados no Estado, no Direito, na Economia e na Política, nas quais agenciam as relações sociais. Essas entidades são constituídas no neoliberalismo para conduzir indivíduos.

> Codificar o desejo – e o medo, a angústia dos fluxos descodificados - é próprio do *sócius* [...]. A essência do *sócius* registrador, inscritor, enquanto atribui a si próprio as forças produtivas e distribui os agentes de produção, consiste em: tatuar, excisar, incisar, escarificar, mutilar, cercar, iniciar". Nietzsche definia "a moralidade dos costumes como verdadeiro trabalho do homem sobre si mesmo durante o mais longo período da espécie humana, todo o seu trabalho pré-histórico"[NT] um sistema de avaliações que tem força de direito em relação aos diversos membros e partes do corpo. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 185, 191, grifos dos

autores).

Quid vitae? Vivemos hoje com a relação máquina-capitalista-corpo como nunca havíamos experimentado antes, as máquinas eletrônicas mais próximas a todos não é mais mecânica, elas nos proporcionam entrar em planos virtuais mundiais, produzem uma infinidade de conceitos comerciais de autopromoção, falsos ou ilusórios. Na maioria das vezes, nem podem ser considerados conceitos, pois são fabricados pelo *marketing* comercial.

Proporcionam encantamento, visões de outros modos de vida, realidades virtuais e outros ambientes, como se o mundo estivesse ao alcance ocasionando uma grande alienação virtual a serviço do neoliberalismo. Com acesso às máquinas desejantes digitais, basta baixar o aplicativo do desejo às custas de fornecermos amplo acesso aos dados pessoais. Disponibilizamos nossos corpos para serem manipulados, gratuitamente, inclusive permitindo que saibam sua localização no planeta. Assim podem divulgar o mercado mais próximo, que paga por esse modelo para extrair o superávit comportamental (ZUBOFF, 2020 p. 185, 191).

Contudo, o neoliberalismo não resolveu o problema da fome, tampouco da miséria e nem proporcionou a inclusão de minorias no seu plano estriado. Alguns fatos recentes estão rompendo com a racionalidade neoliberal, tendo em vista a crise pandêmica, o desemprego em massa, a falha da austeridade fiscal e seus efeitos nas famílias, nos jovens e, mais recentemente, na guerra no leste europeu.

3.1.2.1 A gaiola sistêmica

As máquinas tecnológicas roubam o nosso tempo, na maioria das vezes. O trabalho não é mais como antes, ou seja, sujeito à disciplina das empresas, ele está à mão no aparelho celular e nos grupos digitais interativos, vinte e quatro horas, em sete dias da semana. Dormimos e acordamos com colegas de trabalho e chefes, amigos, conhecidos e desconhecidos, vindo junto as propagandas

digitais. A memória digital substitui a memória do corpo, tudo é passível de buscas nos espaços virtuais, sendo que todas as informações do planeta podem ser acessadas e alcançadas, com todas suas cores e sons.

Com o uso frequente desse universo fornecemos gostos, preferências, visão de mundo, necessidades e desejos gratuitos para a acumulação do capital. As empresas, na sua lógica do lucro, lançam mão da psicometria processada com imensa quantidade e qualidade de dados pessoais, singulares, temporais, processados por algoritmos de inteligência artificial, que apreendem tudo o que for possível, em uma lógica conservadora.

Coletam e acessam dados armazenados disponíveis nos *Big Datas* para segmentar o perfil de cada conjunto de nossas diversidades. Somos "dividuados", agrupados em perfis de personalidades, identificados para que sejam direcionados os esforços de venda para garantir a circulação e distribuição das mercadorias. As condições coletivas são fragmentárias, sem forças, como se, de dentro da gaiola, estivéssemos à espera de nossos donos, as empresas *bigtechs* mais ricas do mundo, para nos alimentarem com uma ração que lhes permita a acumulação e a exploração.

As preferências políticas são promovidas dividualmente, os agenciamentos políticos são entregues para cada personalidade, de acordo com o interesse da maioria neoliberal. A democracia sofre de legitimação por estar diretamente ligada aos interesses empresariais, ao Estado mínimo e à democracia totalitária.

Já não são indivíduos, são "divíduos" "Os indivíduos tornaram-se "dividuais". Divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "bancos" (DELEUZE, 1992, p. 226). Quer dizer, estão divididos, segmentados, separados por grupos de preferências identitárias e semelhantes entre si, mascarando as diferenças singulares, formando guetos e comportamentos racistas, homofóbicos, misóginos e fascistas.

Fazendo um balanço sobre os dados que fornecemos e recebemos, resulta uma virtualização digital dos agenciamentos do

capital, repetidamente assediando nossas mentes. Sobrecarregados de máquinas desejantes constituídas em grupos, firmando nossos desejos no *sócius* consumista, buscamos a identidade nas semelhanças do conjunto de fluxos de desejos segmentados.

Buscamos fluxos de preferências políticas, geralmente as dominantes, amplamente disseminadas e, obviamente, centradas no poder do capital, que degrada a democracia. Resulta em aceitação máxima da normatividade neoliberal, fortalecendo as grades da gaiola sistêmica, sem o fora, todos dentro da sociedade de controle mundial. Comportamo-nos como "divíduos", em bolhas, segundo nossas preferências conduzidas pela submissão maquínica atual.

Com a pandemia a interação máquina-corpo ampliou-se assustadoramente, o isolamento social fez com que a sobrevivência dependesse de entregas domiciliares mediadas por aplicativos para transporte, compras, pesquisas de serviços, escola e estudo, consultas médicas e trabalho domiciliar. Os aplicativos migraram para dentro dos lares, tornando esses o apêndice louco do caos capitalista com sua irracionalidade do lucro. Todos nós estamos submetidos à loucura da vida esgotada, doente, dormindo em crise, adoecidos e presos na gaiola sistêmica, sem saídas aparentes.

3.2 Máquinas de capturas neoliberais

O neoliberalismo territorializa os desejos com a semiótica, sendo essa apoiada pelas plataformas digitais, mídias tradicionais, escolas e entidades de ensino superior, com suas pós-graduações em *Master of Business Administration* (MBA). A relação entre sujeito e objeto assume uma dimensão virtual gigantesca, tendendo a se atualizar nos comportamentos entre os sujeitos virtualizados nas redes sociais, atualizando reciprocamente produção e produto com retroalimentações cíclicas e exponenciais. Essas são proporcionadas por entradas de dados comportamentais, apropriados por meio das relações e do consumo.

A nova esfera de atualização da circulação de mercadorias

realiza-se no plano digital, no *matching* entre empresa e sujeito, processando-se da seguinte maneira: o sujeito tem acesso a ◗ objeto mercadoria e para ter acesso o sujeito torna-se ◗ mercadoria sujeito ◗ para ter mais acesso ◗ sujeito endividado ◗ sob pressão de boletos que sempre vencem ◗ sujeito doente, paranoico, neurótico ou esquizofrênico ◗ doenças acumuladas ◗ Síndrome de *Burnout*. Resultados: afetos tristes, depressão, estresse, linha suicidária dos desejos, morte em vida.

Os agenciamentos gerados pelo neoliberalismo forçam os salários a serem ainda mais baixos porque possuem a supremacia financeira sobre a produção, a extração crescente do sobretrabalho vivo na busca de lucratividade, equivalente ao rentismo, significando taxas de lucros maiores e menores salários. As pressões se atualizam na evidente escassez de trabalho e emprego e barreiras neoliberais crescentes restringem possibilidades de superar a iniquidade. Nada funciona sem que o capital financeiro seja remunerado, às custas da produção ou da automação, desde que lhe proporcione renda e essa está acumulada intensivamente, pari passu entre produção e mais finanças.

A axiomática neoliberal e as crises do neoliberalismo provocadas por ela realimentam a roda da competitividade em um contexto mais difícil e, portanto, com uma competividade mais violenta. A pandemia impulsiona os serviços de delivery e o desemprego aumenta a uberização do trabalho, ou seja, de crise em crise o neoliberalismo resiste.

3.3 Máquinas de rupturas

As máquinas de guerra conceituadas nesta sessão constituem-se no *sócius* e são denominadas de máquinas de rupturas as quais se processam sobre as codificações do espaço estriado capitalista, pelas minorias. Essa seção tem como objetivo expor que o *sócius* de registro, igualmente, é o *sócius* que produz novos registros. Ele rompe com valores, com a moral dominante, com o direito

e a política. Deleuze e Guattari conceituam esse fenômeno como esquizofrenia capitalista. No entanto, a pandemia, provocada pela Covid-19, nos revela a incidência de grandes transformações.

Muda-se o valor e, consequentemente, é alterado o impacto da intervenção do Estado na saúde, na educação e sua importância para a sobrevivência da sociedade. O Estado intervém com decretos, ações de segurança pública e propagandas relacionadas à crise pandêmica, sendo isso um ótimo exemplo para ilustrar os argumentos precisos dos autores franceses.

A supremacia imanente da vida sobre a economia, a partir do isolamento social e, consequentemente, das ausências ao trabalho ocasionadas pela pandemia demandaram a necessidade de uma renda mínima. Essa virou pauta em meio à crise e adquiriu potência para tornar-se universal. A solidariedade, tão necessária, surge e não permite que os vulneráveis morram nas sarjetas, sendo isso exemplos de rupturas. As rupturas também ocorrem pelo *sócius* quando eventos intoleráveis se sucedem. Como exemplo, a intolerância social pela morte de George Floyd, chamando atenção mundial de que as "vidas negras importam". O *sócius* desenvolve a intolerância dizendo que as vidas das minorias de todo planeta importam, pois o movimento passa a ser pela vida e contra a necropolítica[3].

As máquinas de rupturas são conjuradas por grupos de usuários, mais que as instituições, uma vez que são grupos de usuários minoritários pensando de maneira diferente. Deleuze e Guattari citam o problema das células tronco e sua aplicação com restrições morais e religiosas. Contudo, os grupos de pacientes que necessitam delas para poder continuar vivendo rompem com essas restrições e conseguem o direito de se submeterem a tratamentos com elas, ultrapassando as barreiras morais e religiosas. Existem

3 Necropolítica - A origem da termo parte da obra do filósofo, teórico político, historiador e intelectual camaronês Achille Mbembe. O termo produz o questionamento se o Estado possui ou não "licença pra matar" em prol de um discurso de ordem. A necropolítica é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Disponível em https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/ acesso em 11 de julho de 2022.

resistências e máquinas de rupturas, ou seja, máquinas de guerra nômades. São minorias com conteúdo e expressão resistindo às amarras colocadas e, combatendo as máquinas de capturas, resistem à violência e repudiam os espaços estriados.

> É fácil constatar que modelos de vida majoritários, por exemplo, o da classe média, tomado como padrão, propagado como um imperativo político, econômico, cultural, de consumo desenfreado, e que se impôs ao planeta inteiro – dizimam cotidianamente modos de vida "menores", minoritários, não apenas mais frágeis, precários, vulneráveis, mas também mais hesitantes, dissidentes, ora tradicionais, ora, ao contrário, ainda nascentes, tateantes ou mesmo experimentais. (DELEUZE, 1992, p. 185, 191, grifo do autor).

A classe média assume, majoritariamente, o padrão dominante, dado que ela tem mais acesso ao que o *sócius* produz e ao que ela reproduz. Ela almeja o padrão dos ricos e dispõe de janelas em todos os meios, para observá-los. Algumas minorias da classe média possuem conhecimentos específicos e se empenham em servir ou venderem-se ao luxo. Outras, como as minorias intelectualizadas, combatem o luxo sendo resistentes e politizadas, com conhecimentos aprofundados sobre o *sócius*. Essas conjuram multiplicidades relacionadas em máquinas de rupturas resilientes ou mesmo revolucionárias. A crise do aquecimento global, a qual provoca catástrofes climáticas, é outro bom exemplo de constituição de máquinas de rupturas.

As preocupações com o aquecimento global constituem máquinas de guerras que navegam na contracorrente da energia fóssil e do consumo usual. A exemplo, a gastronomia vegana voltada para a preservação dos animais e da Terra. Há ainda os movimentos vegetarianos e de ciclistas com o mote "um carro a menos" e os adeptos de fontes alternativas de energia como a eólica, a solar, de biomassa e de nitrogênio etc. Hackers invadem as redes públicas e se constituem em máquinas de rupturas, trazendo insegurança aos códigos digitais. A música e suas letras são fontes infindáveis de máquinas de rupturas, conforme podemos observar na estrofe da música de Raul Seixas: "Viva, viva, viva a sociedade alternativa". As

músicas são máquinas minoritárias de rupturas, assim como a literatura, o cinema, o teatro e a ciência, essa com descobertas inéditas como as células tronco ou a clonagem de seres.

Essas máquinas de ruptura possuem conteúdo e expressão, mas nem sempre conseguem constituir fluxos desejantes de enunciação coletiva. E nem sempre são capazes de alterar a percepção sobre catástrofes anunciadas e comprovadas pela ciência, as quais colocam em risco a vida no planeta, haja vista as mudanças climáticas e o desemprego em massa.

Essas máquinas de rupturas geralmente sucumbem à axiomática neoliberal, pregando que o deus mercado resolverá os problemas em sua racionalidade, nos envolvendo em falsas zonas de conforto. Elas, dada sua natureza diferenciada, dependem de um tempo excessivamente longo, não linear, para que as máquinas de rupturas se registrem nas instituições e proponham ações efetivas nas áreas da política, do direito e da economia.

As minorias nômades não param de surgir no espaço estriado do Estado e, por algumas vezes, tornam-se problemas políticos ameaçando os fluxos codificados dominantes e navegando no espaço livre da criação. Fluxos coletivos descodificados e intensos podem surgir delas, mas as máquinas de rupturas podem morrer. Algumas ainda prevalecem e, sobretudo, importunam promovendo pequenas rupturas. Surgem novas jurisprudências ou as máquinas de rupturas, podem ter a potência de revolucionar hábitos e colidirem com o Estado capitalista entrando na axiomática conservadora paranoica.

A questão é se conseguiremos desejar em outras sínteses conjuntivas com ressonância crescente no *sócius*, isso de tal forma que outra codificação, que não a capitalista, seja possível. E ainda, se essas máquinas de rupturas ocorrerão exponencialmente e agenciarão fluxos desejantes evolutivos, a tempo de evitar as catástrofes ambientais e as catástrofes das iniquidades crescentes evidentes, por ventura anunciadas.

É possível constatar que o plano neoliberal de nossa refe-

rência promove a escassez e a precariedade de trabalho e emprego, dada a supremacia financeira sobre a produção, acrescida ao uso de tecnologias digitais para a realização das operações financeiras e de circulação de mercadorias. Fundamentalmente, o plano neoliberal promove a construção da univocidade subjetiva neoliberal acirrando a sujeição social e a submissão maquínica em um cenário de catástrofe ambiental e humana, que se repete diferenciadamente, mas sob controle da codificação neoliberal.

A mais expressiva máquina de ruptura, atualmente, é a ameaça de aquecimento global, com evidências catastróficas sobre o clima, no plano de imanência. Junto a isso, há o esgotamento do modelo financista rentista, pois somente eles, os ricos, não admitem que se privilegiam dos ganhos monetários sobre os papéis, acumulando moeda financeira sobre a produção com a obsessão de precarizar o trabalho e promover a iniquidade.

Cada vez mais, ocorrem fluxos desejantes de sair da gaiola sistêmica global para promover alternativas saudáveis para o planeta, a vida humana, a fauna e flora. São conjuradas alianças contra a ameaça climática e a miserabilidade crescente, que aumenta o risco da morte planetária. Resta saber se esses fluxos não serão capturados pelos fluxos de sobre-exploração do trabalho e pelo fluxo de acumulação capitalista financeira neoliberal.

O tempo presente está povoado de referências virtuais de movimentos desejantes e de rupturas que terminam por inanição ou por controles codificados pela política, pelo direito, pela economia e pelo Estado burguês. Esses processos foram conceituados por D&G como a axiomática capitalista. Existe um esquecimento coletivo inebriado pelas tecnologias que consomem o tempo. Para isso, a axiomática conjuga tecnologias midiáticas e digitais promovendo acontecimentos determinantes à sobrevivência. Recorre a agenciamentos codificados e aprisionados, sob controle dos poderes estabelecidos, os quais promovem as linhas duras dos desejos aceitos pelo *sócius* neoliberal. Explorar o desespero é da irracionalidade neoliberal, prendendo a todos na gaiola. A seguir, para exemplificar, apresentamos o fragmento extraído da tradução brasileira de

Mein Kampf, de Adolf Hitler:

> EXPLORAR O DESÂNIMO – Que milhões de homens desejam de coração uma mudança fundamental na situação de hoje, prova-o o descontentamento profundo que experimentam. Manifesta-se esse descontentamento de mil maneiras: em alguns pelo desânimo e falta de esperança; em outros pela má vontade, irascibilidade e revolta; neste em indiferença naquele em exaltação furiosa. Como testemunhas desse descontentamento íntimo podem servir tanto os "fatigados de eleições" como os que se inclinam para o fanatismo da esquerda. E é a esses, em primeiro lugar, que se deveriam dirigir o novo movimento. Esse não deve ser a organização dos satisfeitos, dos fartos, mas sim dos sofredores e inquietos, dos infelizes e descontentes, não deve principalmente, sobrenadar na onda humana, mas sim mergulhar até o fundo da mesma [...] ainda assim não dá para dizer que Bolsonaro é Hitler, que suas táticas são as mesmas, que seu objetivo é igual, mesmo que se substitua, na frase acima, judeus por petralhas, comunistas, gays, feministas; mesmo que o elogio do fanatismo ou da disciplina pareça semelhante; mesmo que os métodos de mobilização atuais relembrem as técnicas disseminadas alhures; mesmo que as táticas de intimidação e terror tenham afinidade com o que a história revela. (PELBART, 2019, p. 191, 196, grifo do autor).

A tentativa política de retornar ao fanatismo religioso, à moral familiar, ao nacionalismo fanático e ao negacionismo geral tornaram-se ameaças à democracia e têm requerido máquinas de guerra em sua defesa. Apesar dos poderes controladores da elite brasileira, os fluxos desejantes minoritários passam a expressar alianças para a realização do *impeachment* ou da derrota eleitoral do "*status quo*", uma vez que a política do Estado se torna intolerante. O risco de configurar-se uma intolerância generalizada é grande, as máquinas de ruptura tomam a cena, como ocorreu no Chile, na Bolívia, no Peru e em outros Estados nas cercanias.

3.4 O que nos move?

Essa pesquisa aborda a problemática de como os nossos desejos podem vir a querer o neoliberalismo. Em contraponto, há o conatus nos movendo no plano infinito da imanência. A descoberta de D&G, sobre os desejos produzirem o real, facilita a compreensão de como chegamos até aqui e o que nos move.

O desejo é real e o conatus é aquilo que nos move, seja no plano imanente, no plano duro de referência neoliberal ou na intolerância que projeta linhas de fuga ou máquinas de guerra.

O século XXI nos apresenta a verdadeira guerra civil camuflada. Sentimos os efeitos cotidianos, não conseguimos repudiá-la com eficácia, os medos ameaçadores são explorados pela axiomática neoliberal com o objetivo da acumulação ilimitada de poucos, cerca de 10% em relação à população mundial, em torno de sete bilhões de pessoas.

> [...] a ação sobre ação e a conduta sobre conduta envolvem, dizem (Alliez e Lazzarato) os autores, a guerra de subjetividades. Eis um instrumento de produção de subjetividade, o investimento sobre esferas psicológicas, afetivas e micropolíticas enquanto controle das condutas. É também uma guerra de percepção, sobre a percepção, e mais do que sobre a população, ela incide sobre o "público" – a guerra midiática deve ser ganha antes mesmo da batalha se dar --, o que foi particularmente decisivo no caso do golpe de 2016, em nosso país. (PELBART, 2019, p. 75, grifo do autor).

Se ficarmos atentos veremos que os vídeos, os filmes e as notícias apresentam sempre uma temática de violência e destruição provocando medo generalizado, está fácil moldar comportamentos, considerando-se as comunicações midiáticas com as características já mencionadas.

Temos nossos rostos codificados pelo *sócius* em uma guerra constante e se quisermos sobreviver dignamente com o nosso trabalho, devemos nos submeter a isso. Atuar como profissional requer que estejamos confiáveis, competentes, amigáveis e que atuemos

conforme a aceitação codificada. Essa se desvela nos padrões dominantes de moral, valores, verdades aceitas e, atualmente, fundamentadas em axiomas neoliberais, forjados em processos complexos, midiáticos, com agenciamentos cotidianos e crenças unívocas.

Vivemos nesse plano para esquecer que existimos em vida plena, deixamos de sentir livremente o nosso inconsciente e os desejos produzidos. Carregamos o peso codificado pelas três sínteses, expostas por D&G, para garantir os duros fluxos capitalistas de exploração do sobretrabalho e o fluxo ganancioso da acumulação. Esses dois fluxos foram demasiadamente codificados pelo direito, política e economia, amalgamados pela abstração da moeda.

O deus mercado neoliberal supostamente desenvolveria a racionalidade dos investimentos das riquezas e sua distribuição, sem a necessidade do Estado para tal. O movimento que resta é codificado para a morte, contra a vida e contra o planeta. Em contraponto, o inconsciente não cessa de produzir desejos esquizos, desejos fora da gaiola, corpos sem órgãos capazes de transgredir no molecular e produzir fluxos desejantes sobre a intolerância de uma vida codificada. Mudamos nosso conatus, nos movemos a partir de desejos intensos, buscando máquinas de rupturas para outra vida possível, no plano de imanência.

3.5 Desejo e imanência

Deleuze e Guattari conceberam o conceito do movimento do desejo relacionado ao devir humano. Os fluxos desejantes que produzimos e o movimento desses fluxos constroem o futuro e o devir da humanidade. Tudo se resume a desejos os quais produzem a realidade, mas a realidade possui forças codificadoras do desejo, as máquinas desejantes. O espaço estriado sedentário do Estado está a serviço da axiomática dominante, a política, o direito e a economia possuem padrões majoritários codificados.

A codificação se processa tecnocraticamente, burocraticamente, midiaticamente, digitalmente, educacionalmente. No en-

tanto, o inconsciente não para de erodir em pulsões ativas, desejos inicialmente descodificados, posteriormente codificados pelas sínteses conjuntiva, disjuntiva e distributiva. A codificação inscreve a todos em um regime de signos como constatamos, notadamente, nessa análise do neoliberalismo.

> A burocracia é desejo; não um desejo abstrato, mas desejo determinado por um certo segmento, por uma certa posição da máquina, a um certo momento (por exemplo, a monarquia segmentar dos Habsburgos). A burocracia como desejo faz corpo com o funcionamento de um certo número de poderes que, em função da composição do campo social em que têm influência, determinam os seus mecânicos como os seus mecanizados (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 101).

É difícil separar o que é desejo imanente, inconsciente e o que é desejo codificado, D&G conceituam o desejo como produção, consoante com Marx que afirma: "pois, o que é a vida senão atividade", conforme já mencionado. Portanto, o desejo não é falta e sim produção.

> Não é o desejo que se apoia nas necessidades; ao contrário, são as necessidades que derivam do desejo, elas são contraproduzidas no real que o desejo produz. A falta é um contra efeito do desejo, depositada, arrumada, vacuolizada no real natural e social. O desejo está sempre próximo das condições de existência objetiva, une-se a elas, segue-as, não lhes sobrevive, desloca-se com elas, razão pela qual ele é, tão facilmente, desejo de morrer, ao passo que a necessidade dá a medida do distanciamento de um sujeito que perdeu o desejo ao perder a síntese passiva dessas condições. A necessidade como prática do vazio tem unicamente este sentido: ir procurar, capturar, parasitar as sínteses passivas ali onde elas se encontram (DELEUZE, 2011, p. 44).

Quando dizemos que queremos comer temos a necessidade de nos alimentarmos, em casos extremos o desejo se torna o medo da falta fazendo padecer qualquer sujeito faminto. Contudo, o desejo de comer faz com que o sujeito aja sobre as condições de existência, para aplacar sua fome. O comer nos faz escapar das máquinas desejantes, das máquinas técnicas, burocráticas, econômicas

e das máquinas do direito. Nos faz fugir das submissões maquínicas e das sujeições sociais, pois estamos realizando um fluxo intenso do desejante "comer". Todavia, não queremos só comida, queremos prazer, alegria, amigos, cultura e arte. Para constituir máquinas de guerra com enunciados de desejos coletivos intensos, chamaremos Luci@ para pensar conforme a genialidade Kafkiana.

> Kafka não tem nenhuma admiração por uma simples máquina técnica, mas sabe precisamente que as máquinas técnicas são apenas indícios para um agenciamento mais complexo que, num mesmo conjunto coletivo, faz coexistir maquinistas, peças, matérias e pessoal maquinado, carrascos e vítimas, poderosos e inaptos, - o Desejo, fluindo de si próprio e, no entanto, sempre perfeitamente determinado. Neste sentido, há precisamente um eros burocrático que é um segmento de poder e uma posição de desejo. E um eros capitalista, também. E, também, um eros fascista. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 101).

A libido erótica é estabelecida pelas máquinas que determinam os desejos, codificando-os como partes do *sócius,* submetidos a um padrão dominante. Como acreditar nas revoluções sem que elas não se tornem codificadoras de desejos, que se transmudam de um Estado para outro, mais erótico, mais popular? Todavia, permanecem as minorias, diferentes dos padrões constituídos e que continuam a formar máquinas de guerra.

> Ao cruzar um cortejo de operários, Kafka manifesta a mesma indiferença que K. em América: «Essa gente é dona do mundo e, no entanto, enganam-se. Atrás deles já aí vêm os secretários, os burocratas, os políticos profissionais, todos esses sultões modernos a quem preparam o acesso ao poder». É que a revolução russa parece mais a Kafka a produção de um novo segmento do que subversão e renovamento. A expansão da revolução russa é um avanço, um ímpeto segmentar, crescimento que se faz com um fumo violento. «O fumo evapora-se; só fica, então, o lodo de uma nova burocracia; as correntes da humanidade torturada são de papel de ministérios. » Da burocracia dos Habsburgos à nova burocracia soviética, não se trata de negar a mudança, é uma nova engrenagem para a máquina, ou, antes, é uma engrenagem que faz, por sua vez,

nova máquina (ibid., p. 102, grifos dos autores).

Se pensarmos nos termos de poderes constituintes e poderes constituídos podemos pensar os poderes constituintes em constante evolução, em um novo contexto de uma democracia da multidão. Seria uma democracia direta, plebiscitária, com direitos constantemente renovados e uma democracia imanente, com a jurisprudência como filosofa do direito. Talvez isso seja uma possibilidade.

As tecnologias digitais e as redes de computadores globais já possuem a velocidade, a conectividade e a segurança mais que necessárias para votações digitais imediatas, seguras e recorrentes, bastando vontade política para esse fim. Não há impedimentos tecnológicos para a participação da multidão na definição de seus destinos.

As lideranças mundiais e locais sucumbem diante da complexidade dos problemas gerados pelo capitalismo e agravados pelo neoliberalismo, são incapazes de atacar o problema com eficácia. Por essas razões, agem conforme o muro branco do regime de signos dominantes, sem saídas. Não há a integração política necessária para a tomada de decisões e ações para a necessária preservação da vida, na Terra. Estamos ligados globalmente na gaiola sistêmica, mas ainda não há como configurar saídas para a vida comum e para a preservação do que a humanidade tem de melhor: o planeta, a vida, o amor, a solidariedade, a fraternidade e a equidade. Não há agenciamento maquínico que não seja agenciamento social de desejo e não há agenciamento social de desejo que não seja agenciamento coletivo de enunciação. (ibid., p. 139).

A recente pandemia nos mostra que já estamos na mesma nave e essa nave precisa mudar seu rumo. Nossas lideranças defendem desejos codificados na ganância, os recursos terrenos estão chegando ao esgotamento. A água, o ar, a flora, os animais e mais de 75% das florestas nativas da Terra desapareceram[4]. Estamos no limite de nossos corpos ameaçados pela extração capitalista, os problemas humanos de subsistência estão resolvidos, porém, injusta-

4 Dados coletados do UOL Notícias, seção Meio Ambiente.

mente distribuídos, mas os problemas que ameaçam a vida ainda não.

> Visto que as máquinas coletivas e sociais produzem uma desterritorialização maciça do homem, iremos mais longe ainda nesta via, até uma desterritorialização molecular absoluta. A crítica é completamente inútil. É muito mais importante de consagrar-se ao movimento virtual, que já é real sem ser atual (os conformistas, os burocratas estão sempre a parar o movimento neste ou naquele ponto). (ibid., p. 103).

As barreiras colocadas ao *sócius*, pelo desenvolvimento capitalista, chegam ao auge com o neoliberalismo, a força política midiática, tecnológica e o poder do capital financeiro. Essa conjuntura deve levar o século XXI à destruição de valores solidários, bem como do planeta, consoante à situação na qual o meio ambiente se encontra e na escassez de trabalho e renda. Esses estão cristalizados na volatilidade dos ativos financeiros que não geram produção material e, quando alocados na produção, competem com os rendimentos financeiros. Fechar fábricas ou introduzir fábricas apagadas com a indústria 4.0, para obter produtividade e lucros maiores que do rentismo, é o devir aparente do mundo neoliberal.

Essa lógica nos parece irracional, outra codificação deveria estar em pauta, o *sócius* terá que romper a gaiola sistêmica abrindo as relações para outro mundo possível. O texto a seguir demonstra que não avançamos, porquanto o capitalismo falha no que é mais essencial para a humanidade como a preservação da vida, dos desejos livres, na criação e na produção. No entanto, o capitalismo não falha no sistema de antiprodução atual, com restrição dos fluxos desejantes imanentes que podem tornar a existência sem medos e solidária.

> A América está a endurecer e a precipitar o seu capitalismo, a decomposição do império austríaco e a ascensão da Alemanha preparam o fascismo, a revolução russa produz a grande velocidade uma grande burocracia inaudita, novo processo no processamento, «o antissemitismo atinge a classe operária» etc. Desejo capitalista, desejo fascista, desejo burocrático, Tânatos também, está lá tudo o que bate à porta. (ibid., p. 104, grifo

dos autores).

O desejo de morte está associado aos desejos codificados, inacessíveis para as minorias sem capital, miseráveis, marginais ou nômades[5] e esses inalcançáveis desejos geram afetos tristes, Síndrome de *Burnout*, depressão e suicídios.

> O movimento de desterritorialização do homem, próprio às grandes máquinas, e que tanto atravessa o socialismo como o capitalismo, vai fazer-se a grande velocidade ao longo das séries. Consequentemente, o desejo vai estar nos dois estados coexistentes. Por um lado, vai ser apanhado num dado segmento, gabinete, máquina, estado de máquina; vai ser ligado a tal forma de conteúdo, cristalizado em tal forma de expressão (desejo capitalista, desejo fascista, desejo burocrático etc.). (ibid., p. 105).

Por outra perspectiva, desejos vitais ligados à brevidade da existência estarão renegados aos esquizos, aos corpos sem órgãos, aos movimentos moleculares e aos que, por opção ou doença, negam os espaços estriados do Estado capitalista neoliberal.

> Estes dois estados coexistentes do desejo são os dois estados da lei. Por um lado, a Lei transcendente paranoica que não cessa de brandir um segmento finito, de fazer um objeto completo, de cristalizar aqui ou acolá; por outro lado, a lei-esquize imanente, que funciona como uma justiça, uma anti-Iei, um «procedimento» que vai demonstrar a Lei paranoica em todos os seus agenciamentos. Porque, uma vez mais, é a mesma coisa, a descoberta dos agenciamentos de imanência e a sua desmontagem. (ibid., p. 105, grifo dos autores).

A paranoia capitalista foi tornada nua na obra *O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia I*, de 1972. Na obra *Mil Platôs*, D&G retomam o tema e essas obras integram filosofia, política e psicanálise, demonstrando que estamos doentes nesse sistema capitalista. Tivemos séculos de escravidão e exploração de sobretrabalho, sob a aparente liberdade de produção e consumo. Uma falsa premissa,

5 Minorias. Em termos de proporção de habitantes no mundo -- grandes minorias da população – no caso, a maioria excluída, contra o Estado ou vivendo na linha de pobreza.

porque não existe liberdade para consumir, essa está restrita pelos ganhos do capital e pela exploração do trabalho. Aparentemente, o capitalismo resolveu o problema do abastecimento nas gôndolas dos supermercados, porém, não resolveu o acesso equitativo a elas.

A fome ocorre para 720 a 811 milhões de pessoas, aproximadamente, e em 2020, foi agravada pela pandemia, conforme dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), em 2021. No entanto, o *sócius*, em sua maioria, continua seduzido pelas inovações no consumo e nas novas tecnologias. Não se pode afirmar que os investimentos sociais são eles mesmos eróticos e, inversamente, que o desejo mais erótico produza um investimento político e social e pretende um campo social. (ibid, p. 111).

Os desejos eróticos predominantes são a ganância e a exploração e, contra eles, é pensar fora da gaiola, conjurar máquinas de guerras que rompem com a axiomática capitalista neoliberal para que a vida tenha um devir perene no planeta, que está ameaçado.

3.6 A pandemia e os agenciamentos

Os agenciamentos decorrentes dos acontecimentos da pandemia ainda não foram conhecidos, superados, ou até codificados pela axiomática dominante. O poder de Estado sai fortalecido com as imposições de isolamentos e lockdowns, além dos programas de vacinação. A positividade da ciência retorna com força no desenvolvimento e aplicação das vacinas, porém, o neoliberalismo enfraquece. Alguns governos neoliberais priorizaram a economia em detrimento da vida, o neoliberalismo mostrou sua insensibilidade em relação a vidas humanas, na pandemia. O que importa é que a economia não pare, que a acumulação continue e foi lançado o negacionismo para legitimar os axiomas de morte, o Tânatos na política.

Os fluxos desejantes de saúde e o medo da morte pressionam os Estados a terem em pauta a saúde pública, essa, incom-

patível com o Estado mínimo. Um microscópico vírus foi capaz de revolucionar e convulsionar o planeta. Novos agenciamentos e hábitos surgem na imanência: trabalho remoto, home office, renda mínima, auxílio emergencial e, além disso, as redes sociais ganham supremacia para vencer o isolamento ocasionado pela pandemia. Não obstante, não conseguimos estar à altura dos acontecimentos e em tempo para transmudar nossas existências e nosso destino Apesar disso, possuímos as tecnologias que potencialmente poderiam estar a favor das mudanças necessárias, mas, ainda distantes dos radares da produção dos desejos no *sócius*. Outros agenciamentos poderiam ter sido criados.

> [...] tem de se dizer igualmente que um agenciamento possui pontas de desterritorialização; ou, o que dá no mesmo, que tem sempre uma linha de fuga, pela qual foge de si mesmo e faz fugir as suas enunciações ou as suas expressões que se desarticulam, assim como os seus conteúdos que se deformam ou se metamorfoseiam; ou ainda, o que dá no mesmo, que o agenciamento se estende ou penetra num campo de imanência ilimitado que faz fundir os segmentos, que liberta o desejo de todas as suas concreções e abstrações, ou, pelo menos, luta ativamente contra elas para as dissolver.(ibid., p. 144-145).

Novos agenciamentos foram constatados durante pandemia global, entre eles, a criação do auxílio emergencial e do programa de renda mínima universal. No meio ambiente foram constatados impactos devido à diminuição das atividades econômicas. Observamos o surgimento de animais em locais tomados pela urbanidade, como as tartarugas na Baía de Guanabara. A saúde pública destacou-se no coletivo do *sócius* e a solidariedade retoma sua importância, enquanto durar a crise. Ainda não sabemos quais fluxos desejantes intensivos perdurarão no plano de imanência pós-pandemia.

> É sempre nas condições coletivas, mas de menoridade, nas condições de literatura e de política «menores», mesmo se cada um de nós teve de descobrir em si próprio a sua menoridade íntima, o seu deserto íntimo (tendo em conta os perigos de luta minoritária: reterritorializar-se, refazer fotografias, refazer

> poder e lei, refazer também a «grande literatura») (ibid., p. 145, grifos dos autores).

O desafio em nosso plano de existência é nos expressarmos solidariamente sobre o que sentimos, estarmos intolerantes, agirmos cotidianamente para forjar coletivamente um novo *sócius*, solidário. Esse, com novos fundamentos mostrando que estamos todos na mesma nave, na mesma gaiola sistêmica e que ela deve ser rompida, transmudada, aberta à criação. Não é mais possível, diante das complexidades impostas pelo capitalismo, agir individualmente. Torna-se premente que as redes de cérebros estejam conectadas em novos modelos de produção desejante, contrárias à antiprodução codificada. São fundamentos legítimos baseados nos fatos da imanência e no direito comum, que proporcionam uma vida digna e prazerosa na confiança intersubjetiva rizomáticas, com uma univocidade solidária.

Ainda há muito a explorar com a filosofia política e empírica dos autores D&G. Infinitas linhas se abrem para que pensemos nossa existência como o retorno da resistência nômade, pleno de desejos desterritorializados, no movimento de reterritorialização solidária e no ritmo da evolução subversiva do *sócius*. Em constante evolução, poderá ser construído, se conseguirmos aprimorar as máquinas de guerra minoritárias e o devir feminino do mundo configurando-se como uma das grandes revoluções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim.[1]

O problema da pesquisa desta obra me acompanha desde a minha formação universitária, nos bacharelados de ciência da computação e de ciências econômicas. Minha experiência profissional, nesses campos das ciências, me facilitaram o acesso a conhecimentos específicos de tecnologia e economia, tendo como cenário não somente a polêmica aceitação da normatividade capitalista, como o desejo por ela.

Tive início na filosofia em 1985 e, desde então, faço da filosofia o conhecer para agir em mim e no mundo. Conhecendo Marx desde a escola, trabalhando com tecnologia a partir de 1973, acompanho sua fantástica evolução e venho pesquisando, ao mesmo tempo, os modelos de negócios que lhes dão suporte.

Constatei, na atualidade, que o problema se ampliou nas variáveis econômicas com o neoliberalismo e com a tecnologia aplicada nas redes sociais. Este problema tem muitas referências nas obras de D&G, em conformidade com o que foi apresentado ao longo dos capítulos. Abordamos o problema de vida em que trouxemos com o "E" e seu devir e não com o "É" estagnado, conservador, dado que a destruição de trabalho e empregos, bem como do planeta, e sua iniquidade crescente, são resultantes da acumulação capitalista e é necessário que busquemos outras qualidades, e soma-las ao nós e não mais ao "EU". Esta acumulação financeira ilimitada vem provocando impactos globais e tem gerado uma prisão global, que denominamos de gaiola sistêmica. Encontramos nos autores franceses análises do capitalismo sob a ótica da psicanálise.

1 Trecho da música "Caçador de mim", letra de Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá, interpretada por Milton Nascimento.

Isso converge para o nosso problema quando constatamos que a inteligência artificial está sendo utilizada, juntamente com a psicometria aplicada, para gerar negócios, comportamentos e preferências eleitorais, de acordo com o que expusemos no subcapítulo 1.4.

No neoliberalismo, a financeirização da economia produz acontecimentos que realimentam o capitalismo, a partir das crises geradas por ele. Com o desemprego latente, por sua vez, é gerada a precarização do trabalho e o aumento das taxas de lucro, portanto, a acumulação. Tudo isso produz uma univocidade intersubjetiva neoliberal que, em uma síntese do virtual com o atual, ou seja, o momento presente, é submetida à forte influência tecnológica.

Na prática, o neoliberalismo nos prende na gaiola da competição, no aceite do trabalho precarizado dos aplicativos e na ânsia neoliberal de tratar a mão de obra humana como mercadoria e moeda. Isso, sob a linha dura do deus dinheiro e o fluxo de moeda abstrato, sem medidas justas de valores entre salários e capital.

Ainda nesse capítulo, com o objetivo de abrir possibilidades de pensar diferente, recorremos à obra *O que é filosofia*, de D&G, para mostrar que o pensamento é possível a partir do caos, se pensarmos no problema no plano da existência e no plano da vida, onde encontramos as externalidades. Conforme descobrimos, por meio de pesquisa em suas obras, devemos ter cuidado com a linguagem, a semiótica, os rostos, as codificações axiomáticas dos desejos e as palavras de ordem cotidiana. Esses elementos, que devemos estar atentos e que estamos submetidos no dia a dia, produzem a linha dura de nossos rostos.

Os procedimentos foram destacados no capítulo 1, tendo como base os conceitos criados e relacionados por D&G com o suporte de autores contemporâneos. Esses abordaram o neoliberalismo, a economia e a tecnologia e acredito que tenham disponibilizado os argumentos necessários para conceituar o neoliberalismo, a partir do caos contemporâneo.

Contamos com a ajuda dos personagens Avi e Luci@ e sua narrativa para relacionar os conceitos em um plano de vida sob as

óticas neoliberal e das minorias respectivamente. Tivemos os personagens náufragos para ilustrar as três sínteses do inconsciente e dos desejos. Ainda neste capítulo, diferenciamos o entendimento entre conceito e crença com o objetivo de criar condições para que as crenças modernas não nos prendam na gaiola global.

No capítulo 2 partimos de um problema simples: por que desejamos viver assim? Viver no plano de referência do capitalismo neoliberal? Escolhemos D&G porque eles analisaram o mundo com a produção desejante, e máquinas desejantes e introduziram a geofilosofia na produção de filosofia política. Além disso, mostraram como é pensar na imanência e não com conceitos transcendentes que abstraem o plano concreto da vida.

Partimos da escolha dos autores franceses pós-estruturalistas para pesquisar o problema atual, o neoliberalismo, considerado a face atual do capitalismo e que, por sua vez, abrange toda nossa existência no planeta.

Ainda no capítulo 2, para melhor análise do problema, recortamos do plano de imanência o plano de referência neoliberal, e, para isso, buscamos autores que trataram especificamente deste problema. Com a obra de D&G, que coloca as multiplicidades rizomáticas em foco, pudemos questionar seus fundamentos, uma vez que são legitimados pela axiomática capitalista como a produção, a legitimação forçada de axiomas e os procedimentos paranoicos e esquizofrênicos produzidos no seu limite. Questionamos os fundamentos perguntando sobre: Quê fato? Quê direito? Quê vida? E sobre o que nos resta com esses fundamentos tanto na política, como na legislação e na economia.

Pesquisamos como D&G demonstraram a construção da univocidade subjetiva, atualmente caracterizada, majoritariamente, como neoliberal. Passamos pelo artigo de Deleuze sobre as sociedades de controle, assunto extremamente atual, já trabalhado pelo autor, na década de 90, em contraposição ao conceito de sociedade disciplinar que Foucault pesquisou em sua obra.

No capítulo 3 investigamos inicialmente as máquinas de

guerra enquanto conceito e como ocorrem hoje, estando muito atuais. Caracterizamos a máquina axiomática neoliberal que surge em nosso recorte do problema e as máquinas de capturas as quais nos prendem na gaiola global sistêmica. Descobrimos o que nos faz agir contra os valores seculares como a solidariedade, a compaixão, o desejo de afetos alegres, de reconhecimento próprio nos outros e reconhecimento humano, mesmo nas diferenças singulares múltiplas, que vivemos em comunidade de diferentes.

Elencamos exemplos e argumentos sobre a necessidade de vivermos o plano infinito imanente o qual nos convida a pensar, diferentemente, sobre os desejos de abertura por devires. Devir sem medo para a amizade, o amor, para o devir mulher do mundo, devir das minorias e nos colocar no privilegiado lugar de pensar a filosofia, a ciência e a arte.

Tratamos sobre romper as codificações do *sócius*, suas máquinas desejantes, máquinas de diversos matizes que processam axiomas e os procedimentos usados na axiomática capitalista digital, que opera em todo o *sócius* global contemporâneo. Tudo isso faz de nós, a superfície de registro, cognição e recognição ao padrão homem branco, macho, heterossexual e proprietário.

Pesquisamos mais a fundo os movimentos dos desejos, agora na imanência, produzidos pelo corpo sem órgãos, pelo *sócius* e pelas máquinas de guerra. Para finalizar o capítulo 3 abordamos sobre a pandemia global, como conviver com o Estado para preservar a vida e mostramos fundamentos falsos de não parar a economia, ou seja, a acumulação em detrimento da vida.

Evidenciamos contrapontos revelando máquinas de rupturas possíveis e que possam ser constatadas, na atualidade. A partir destas máquinas retomamos o problema do neoliberalismo com a pergunta: o que nos move? E o que pode nos mover, como a resistência e a resiliência. Para dar mais concretude à essa análise, por se tratar de associações, relações e hábitos concretos, trouxemos os efeitos da pandemia sobre os fluxos dominantes e os novos fluxos que surgem de suas consequências. Enfim, lançamos a esperança de

um devir afetivo feminino do mundo, em lugar do padrão competitivo homem branco dominante.

Finalmente, e importante considerar neste trabalho, é o que fundamenta o nosso modo de viver, ou seja, o desejo de viver, nem sempre é viver de acordo com o que se toca no *sócius* e se dança conforme essa música. Melhor dizendo, não viver atualmente conforme a linha dura dos desejos codificados pelo regime de signos do capitalismo, na sua face neoliberal. Todavia, para que essa morte em vida não ocorra, precisamos viver em guerra nomádica, novas máquinas estão sendo movidas todos os dias. Uma multiplicidade de forças age sobre nós, mas nada tira a potência do corpo no pensar e agir diferentemente.

Vivemos uma guerra permanente, não para viver plenamente, mas para sobreviver. Guerras interiores para aceitar ou repudiar a axiomática capitalista, com esforços demasiadamente pesados para fugir, de alguma forma, das máquinas de capturas dos nossos desejos. Não devemos deixar que sejamos aniquilados por elas, devemos ter cuidados para não nos tornarmos endividados, uma vez que, para resistir, é necessário agir como o corpo sem órgãos, com a potência plena do corpo que é o pensar, vibrar no plano molecular de nossas partículas vitais.

Não paramos de criar fluxos desejantes minoritários que ameacem os fluxos capitalistas de exploração do sobretrabalho, assim como os fluxos de acumulação de dinheiro. Quando chegamos em pontos de intolerância (que ameaçam nossos corpos por exemplo) criamos movimentos de revolta e resistência, que com as facilidades de conexões ubíquas tornam-se globais.

A vida das mulheres importa, a vida de LGBTQIA+ importam, o movimento global decorrente da intolerável morte de George Floyd, em virtude da violência policial racista, moveu o fluxo coletivo de enunciação de que a vida no planeta importa. Vivemos uma verdadeira guerra de subjetividades, uns contra outros, outros a favor, outros indiferentes, outros negando tudo isso É o caosmos operando na imanência, temos a potência de pensar,

comunicar, afetar, receber afetos de amor e de ódio, mas devemos escolher apenas o amor.

CONCLUSÕES IMANENTES

Essa análise está voltada para atender aos objetivos iniciais de compreender o problema do devir da univocidade subjetiva neoliberal. Igualmente, voltada para compreender o desejo como uma produção real, como ele é codificado pela axiomática e como as minorias podem resistir, constituindo devires em fluxos desejantes coletivos.

Mais conceitos das obras de D&G poderiam estar relacionados com o problema dessa análise e poderiam ter sido citados. No entanto, escolhemos os que nos pareceram mais pertinentes com as linhas de argumentação exposta no problema neolibaral. Sendo que nos foi possível ter apresentado alguns dos conceitos chaves, dentre o sistema de conceitos relacionados dos quais D&G nos proporcionam, para desnudar esse plano de referência neoliberal, por tudo isso nos damos por satisfeitos.

Nem de longe esgotamos aqui a obra dos franceses e acreditamos que o recorte do problema, seguido no desenvolver da pesquisa, conseguiu apontar formas de compreender o porquê desejamos? Ou porque nem sabemos que desejamos o neoliberalismo.

Alguns dos problemas instigados durante o desenvolvimento deste estudo permanecem latentes e poderiam motivar a realização de novas pesquisas. Em relação a alguns desses problemas destacamos as máquinas de guerra contemporâneas, as revoluções ou evoluções permanentes do *sócius*. Salientamos o Estado e a democracia direta da multidão, os fluxos coletivos de enunciação atuais como direito e jurisprudência na diferença subjetiva pura, entre outros.

Deleuze e Guattari abrem um imenso campo para a criação de conceitos contemporâneos, sobretudo, pensar em contraponto à dicotomia contingente e restritiva entre o bem e o mal, pressupostos da filosofia clássica.

A filosofia da vida, empírica e política, produzidas por D&G, pode trazer novas luzes para o problema, em nossa imanência, e nos fazer pensar nos encontros com as externalidades atuais que possam combater os problemas da existência contemporânea.

REFERÊNCIAS

Achille Mbembe Necropolítica Disponível em: https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/ Acesso em 11 de julho de 2022.

Alliez, É. **Gilles Deleuze: Uma vida Filosófica**. Coord. Tradução: Ana L. Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2000. 560 p.

Avatar. *In*: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Avatar&oldid=58571741>. Acesso em: 22 jun. 2020.

Canal Teoria e Práxis. Marilena Chauí. **Neoliberalismo: Novo totalitarismo?** 2019. 1 vídeo (24 min e 04 seg). Disponível em: https://youtu.be/XjXXucZ4534. Acesso em: 9 maio 2022.

Castells, M. **Ruptura:** a crise da democracia liberal. Tradução: Joana A. D. Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 152 p.

Dardot, P.; Laval, C. **A nova razão do mundo ensaio sobre a sociedade neolibaral**. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. 416 p.

Dardot, P.; Laval, C. **El ser neoliberal**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2018. 112 p.

Deleuze, G. **A ilha deserta**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002. 385 p.

Deleuze, G. **Conversações**. Tradução: Peter P. Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1992. 240 p.

Deleuze, G. **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi e

Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006. 437 p.

Deleuze, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974. 342 p.

Deleuze, G; Guattari, F. **Kafka:** por uma literatura menor. Tradução: Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002. 153 p.

Deleuze; Guattari. **Mil Platôs**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011, v. 1., 2. ed., reimpr. 2017. 128 p.

Deleuze, G; Guattari, F. **Mil platôs.** São Paulo: Editora 34, 2011, v. 2. 128 p.

Deleuze, G; Guattari, F. **Mil Platôs.** São Paulo: Editora 34, 2012. v. 3. 264 p.

Deleuze, G.; Guattari. F. **Mil Platôs**. Coord. da Tradução: Janice Caiafa e Peter P. Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 5. 264 p.

Deleuze, G; Guattari, F. **O Anti Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 560 p.

Deleuze, G; Guattari, F. **O que é a filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 272 p.

Dosse, F. **Gilles Deleuze y Felix Guattari:** biografia cruzada. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica de Argentina, 2009. 692 p.

FAO- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **O Estado da Segurança Alimentar e da Nutrição no Mundo.** Relatório. Roma, 2021. Disponível em: https://www.fao.org/3/cb4474en/online/cb4474en.html#chapter-2_1. Acesso em: 05 maio 2022.

Foucault, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. 302 p.

Guattari, F. CAOSMOSE. **Um novo paradigma estético.** Tradução de Ana L. Oliveira e Lúcia C. Leão. São Paulo: Editora 34, 2012, 2. ed, 2019. 192 p.

Géron, R. **Capitalismo, desejo e política:** Deleuze e Guattari leem Marx. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020. 384 p.

Han, B.-C. **Sociedade da transparência.** v. 1. Tradução: E. P. Gianchini. Petropolis: Editora Vozes, 2017. 120 p.

Han, B.-G. **Sociedade do cansaço.** Tradução: E. P. Gianechini. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. 136 p.

Hecceidade. *In*: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hecceidade&oldid=62230707. Acesso em: 13 out. 2021.

Ignácio, J. Maio de 1968: você sabe o que foi esse movimento social? **Politize.** História. participação e cidadania. Política Internacional. Publicado em: 19 dez. 2019. Disponível em: https://www.politize.com.br/maio-de-1968%20/. Acesso em: 10 maio 2022.

Lapoujade, D. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução Laymert G. Santos. São Paulo: Editora N-1, 2015. 320 p.

Laval, P. Dardot, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016. 416 p.

Lévy, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011. 160 p.

Lordon, F. **Capitalismo deseo y servidumbre:** Max y Spinoza. Tradução: Sebastián Puente. Buenos Aires: Trinta Limon

Ediciones, 2015. 176 p

Negri, A. **Deleuze & Guattari:** uma filosofia para o Século XXI. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019. 192 p.

O ABCdario de Gilles Deleuze (Transcrição + Vídeo Completo). Clinicand. Clínica da Diferença. Psicanálise-Equizoanálise. França, 1988-1989, 454 min. Documentário. Disponível em: http://clinicand.com/o-abecedario-de-gilles-deleuze/ Acesso em: 09 maio 2022.

Os 12 estágios da Síndrome de *Burnout*. **Espaço Vital. Jusbrasil**. 2014. Disponível em: https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/118221889/os-12-estagios-da-sindrome-de-burnout Acesso em: 9 maio 2022.

Paraná, E. **A finança digitalizada:** capitalismo financeiro e revolução informacional. São Paulo: Insular, 2016. 232 p.

Pelbart, P. P. **Ensaios do assombro**. São Paulo: N-1 Edições, 2019. 304 p.

Piketty, T. **O capital no século XXI**. Tradução: Mônica B. Boulle. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014. 672 p.

Rajchman, J. Existe uma inteligência do virtual? **Machine Deleuze**, 9 abr. 2017. Disponível em: https://machinedeleuze.wordpress.com/2017/04/09/existe-uma-inteligencia-do-virtual-por-john-rajchman/ Acesso em: 09 maio 2022.

Safatle, V.; Silva, N. Dunker, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020. 288 p.

Sartre, J.P. **La Transcendence de l'ego**. Paris: Vrin, 1965. 781 p.

Streeck, W. **Tempo comprado**: a crise adiada do capitalismo democrático. Coimbra: Actual, 2013. 240 p.

UOL Notícias. Meio Ambiente. **Restam 8,5% da vegetação**

original da Mata Atlântica, diz levantamento. São Paulo, 2013. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2013/06/04/restam-85-da-vegetacao-original-da-mata-atlantica-diz-levantamento.html. Acesso em: 9 maio 2022.

Urdoxa. *In*: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre.** Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Urdoxa&oldid=1017975146. Acesso em: 10 Maio 2022.

Zourabichvili, F. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016. 160 p.

Zuboff, S.; Schlesinger, G. **A era do capitalismo de vigilância:** a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução: G. Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. 800 p.

"**Antônio Sergio Borba Cangiano**, leitor de Deleuze e Guattari, é uma dessas pessoas onde encontramos o profissional, o pesquisador e o militante engajado por transformações sociais vibrando num mesmo corpo, na maioria das vezes, em vibrações bem sintonizadas. Chegou ao Programa de Pós-Graduação em Metafísica com essa verve de indignação com o atual estado de coisas pulsando e apontando que em Deleuze vislumbrava ferramentas conceituais, personagens, intuições e elaborações teóricas que permitem uma leitura filosófica singular dessa quadra histórica a ser superada."

Pedro Gontijo Brasília
Setembro de 2022

ISBN 978-655397053-3

EDITORA METRICS